

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO**

SILVANA KISSMANN

**IMPLICAÇÕES DA ENUNCIÇÃO E DA ERGOLOGIA: DISPOSITIVO PARA
PRODUZIR SABERES SOBRE A INSCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA EM
REUNIÕES MULTIDISCIPLINARES EM UMA UTI NEONATAL**

São Leopoldo

2015

SILVANA KISSMANN

**IMPLICAÇÕES DA ENUNCIÇÃO E DA ERGOLOGIA: DISPOSITIVO PARA
PRODUZIR SABERES SOBRE A INSCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA EM
REUNIÕES MULTIDISCIPLINARES EM UMA UTI NEONATAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística Aplicada da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS

Área de Concentração: linguagem, tecnologia e
interação

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Marlene Lopes
Teixeira

São Leopoldo

2015

K61i

Kissmann, Silvana

Implicações da enunciação e da ergologia: dispositivo para produzir saberes sobre a inscrição da experiência humana em reuniões multidisciplinares em uma UTI neonatal./ Silvana Kissmann. – São Leopoldo, 2015.

146 f.

Orientador: Profa. Dra. Terezinha Marlene Lopes Teixeira
Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

1. Ergologia. 2. Enunciação. 3. Saúde. 4. Corpo-si.
5. Locutor. 6. Sujeito da enunciação. I. Teixeira, Terezinha Marlene Lopes. II. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. III. Título.

CDU 81'33

SILVANA KISSMANN

“IMPLICAÇÕES DA ENUNCIÇÃO E DA ERGOLOGIA: DISPOSITIVO PARA
PRODUZIR SABERES SOBRE A INSCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA EM
REUNIÕES MULTIDISCIPLINARES EM UMA UTI NEONATAL”

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Aprovada em 30 de março de 2015

BANCA EXAMINADORA

Vera Sant'Anna

Profa. Dra. Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)

Valdir Flores

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

Cátia

Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza (UNISINOS)

Profa. Dra. Terezinha Marlene Lopes Teixeira (UNISINOS)

Para os meus amados filhos, Pietro e Lorenzo, que me fazem sempre seguir em frente.
Para o meu adorado marido, Leandro, que sempre esteve ao meu lado.
E para meus queridos pais, Azelar e Anarlei, que são meu porto seguro.

Agradecimentos

Ao longo do período dedicado à produção da tese, a intervenção de muitas pessoas foi fundamental para que eu pudesse “tirar” as pedras do caminho e chegar ao final dessa jornada. É chegada a hora, então, de formalmente agradecer:

- a minha querida orientadora, Marlene Teixeira, ser humano maravilhoso, que me acolheu nesta empreitada e me orientou nas leituras e nas interlocuções que resultaram nesta tese;
- aos meus filhos, Pietro e Lorenzo, e ao meu marido, Leandro, que sempre me apoiaram e compreenderam a razão de minha ausência quando eu ficava me dedicando à elaboração desta tese e me ausentava do convívio familiar;
- aos meus pais, Azelar e Anarlei, que sempre me motivaram a estudar e a seguir em frente, mesmo quando o caminho parecia difícil e tortuoso;
- aos meus amigos e amigas que sempre estiveram a meu lado nos momentos de alegria e naqueles em que eu titubeava;
- aos meus colegas de trabalho que sempre torceram por mim; □
- aos integrantes do grupo de estudos sobre enunciação da Unisinos; que foram paciosos ao me ajudar a compreender a teoria de Benveniste;
- aos meus colegas de curso do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, que sempre estiveram presentes nas interlocuções;
- aos mais variados leitores da obra de Benveniste que, de forma especial, serviram de inspiração para esta tese;
- ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, cujos professores mostraram-se sempre comprometidos em fazer avançar os estudos linguísticos;
- à banca de qualificação da tese, cujas observações contribuíram muito para a concretização da tese;
- à Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela concessão de uma bolsa parcial para custear os meus estudos;
- à banca examinadora desta tese; pela sua disposição em ler este trabalho.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do cam
no meio do caminho tinha uma p

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esta tese apresenta, com base na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste e na abordagem ergológica de Yves Schwartz, a construção de um dispositivo teórico-metodológico para produzir saberes sobre a atividade de trabalho. Institui-se um espaço qualificado para a linguística da enunciação benvenistiana na implicação com outros campos do saber ao se realizar uma análise que busca dialogar com o interlocutor de outra área de estudo. Nosso objetivo é construir um dispositivo teórico para compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI neonatal de um hospital público. Para tanto, valemo-nos da concepção de linguagem da teoria da enunciação benvenistiana, do conceito de atividade de trabalho e da noção de *corpo-si* desenvolvidos pela ergologia; além disso, recorreremos aos estudos de Georges Canguilhem sobre saúde e à leitura que Dany-Robert Dufour fez da obra de Benveniste. A pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada em dois momentos distintos. Na primeira etapa da investigação, apresentamos o relato da observação participante; na segunda etapa, após termos registrado em áudio dois *rounds*, a partir do dispositivo teórico-metodológico construído, efetuamos a análise de três recortes. A análise revelou que, no *round*, os diversos saberes das diferentes especialidades são mobilizados em prol do cuidado do paciente. Além disso, o *round* configura-se como um espaço em que, coletivamente, o grupo toma decisões e compartilha as angústias advindas da inscrição humana no trabalho. A análise também revelou que a equipe, no *round*, constrói uma noção de cuidado resultante do conceito ampliado de saúde, que vai além do corpo biológico, alcançando a subjetividade do paciente, conduta que está em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Humanização e com as orientações do Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: enunciação. ergologia. saúde. corpo-si. locutor. sujeito da enunciação.

RÉSUMÉ

Cette thèse présente, basée sur la théorie de l'énonciation d'Émile Benveniste et l'approche ergologique d'Yves Schwartz, la construction d'un dispositif théorique-méthodologique pour produire des connaissances sur l'activité de travail. Établir un espace qualifié pour énoncé linguistique dans benvenistiana implication avec d'autres domaines de la connaissance lors de l'exécution d'une analyse qui cherche à dialoguer avec l'appelant d'un autre domaine d'étude. Notre objectif est de construire un dispositif théorique pour comprendre l'activité de travail des professionnels de la santé dans une équipe multidisciplinaire qui travaille dans une unité de soins intensifs néonataux d'un hôpital public. À cette fin, nous faisons usage de la langue de la théorie de conception benvenistienne d'énonciation et du concept de l'activité de travail et de la notion de corps-si développé par ergologie; En outre, nous nous tournons vers Georges Canguilhem des études sur la santé et la lecture que Dany-Robert Dufour a fait des travaux de Benveniste. La recherche est de nature qualitative et a été menée à deux moments différents. Dans la première étape de la recherche, nous présentons le compte de l'observation participante; dans la deuxième étape, après nous avons enregistré en deux tours audio de l'appareil théorique et méthodologique construit, nous avons fait l'analyse de trois coupes. L'analyse a révélé que, dans la ronde, la connaissance diversifiée de différentes spécialités sont mobilisés à l'appui des soins aux patients. En outre, le tour est configuré comme un espace dans lequel, collectivement, le groupe prend des décisions et des actions les inquiétudes découlant de l'inscription humaine au travail. L'analyse a également révélé que l'équipe dans le tour, crée un sentiment de soins résultant de la conception élargie de la santé qui va au-delà du corps biologique, pour atteindre la subjectivité du patient, une conduite qui est en ligne avec les orientations de la politique nationale de l'humanisation et avec les directives du Système unifié de santé.

Mots-clés: énonciation. ergologie. santé. corps-si. énonciateur. sujet de l'énonciation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EM BUSCA DE UMA TERCEIRA VIA: O QUE É FAZER CIÊNCIA NO CAMPO DA ENUNCIÇÃO E DA ERGOLOGIA	23
2.1 A NATUREZA INTER E TRANSDISCIPLINAR DESTA PESQUISA	23
2.2 O QUE É FAZER CIÊNCIA HOJE?	24
2.3 O QUE MUDA COM O PARADIGMA DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA?	29
2.4 A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE E A ERGOLOGIA DE YVES SCHWARTZ	32
3 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE	38
3.1 DA PERSPECTIVA INDICIAL À ABERTURA PARA A EXPERIÊNCIA HUMANA..	40
3.1.1 Distinção entre pessoa e não-pessoa	41
3.1.2 “Eu-Tu”: realidade do discurso	44
3.1.3 “Eu-Tu”: subjetividade e intersubjetividade	45
3.1.4 “Eu-tu”: instauram e atualizam uma experiência humana	46
3.2 DO SEMIÓTICO/SEMÂNTICO À METASSEMÂNTICA	48
3.2.1 Duas maneiras de ser língua: o semiótico e o semântico	48
3.2.2 O aparelho formal da enunciação	52
3.2.2.1 Homem, locutor e sujeito	54
3.2.2.2 Índices específicos e procedimentos acessórios	56
3.2.3 As formas complexas do discurso e a metassemântica	57
3.3 A BUSCA DE UMA TRINDADE PARA O ESTUDO DA ATIVIDADE DE TRABALHO (ELE)	59
3.3.1 O dispositivo enunciativo (eu-tu/ele) – ELE para a aquisição da linguagem	60
3.3.2 A trindade na língua: a visão de Dufour	62
4 A ERGOLOGIA DE YVES SCHWARTZ	66
4.1 O NASCIMENTO DE UMA DISCIPLINA DE PENSAMENTO	66
4.2 O TRABALHO COMO ATIVIDADE HUMANA E COMO DEBATE DE NORMAS.....	70
4.3 O TRABALHO COMO UMA DRAMÁTICA	75
4.4 O DISPOSITIVO DINÂMICO A TRÊS POLOS	78

5 ATANDO OS NÓS: O DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA PRODUZIR SABERES SOBRE ENCONTROS HUMANOS	80
5.1 O TERMO DISPOSITIVO	80
5.2 O DISPOSITIVO TEÓRICO METODOLÓGICO	81
5.3 O LUGAR DO PESQUISADOR /ANALISTA NO DISPOSITIVO	88
6 MISE EM SCÈNE DO DISPOSITIVO	92
6.1 CONHECENDO O CONTEXTO DA PESQUISA PARA COMPREENDER O QUE É SAÚDE	93
6.1.1 O Sistema Único de Saúde e a Política Nacional de Humanização	93
6.1.2 O Conceito de Saúde	95
6.2 ENTRANDO NO CAMPO DE PESQUISA: DA OBSERVAÇÃO AO TESTEMUNHO DO PESQUISADOR-OBSERVADOR	99
6.2.1 Etapa Preliminar	99
6.2.2 Etapa Observação Participante: o testemunho do pesquisador observador	100
6.2.2.1 Relato da Observação Participante: o testemunho do observador pesquisador ...	102
6.3 ENCAMINHANDO A ANÁLISE: DA OBSERVAÇÃO AOS RECORTES ENUNCIATIVOS DO PESQUISADOR-ANALISTA	106
6.3.1 Etapa de geração de dados para análise: recortes	107
6.3.2 Encaminhamentos para análise	108
6.4 COLOCANDO O DISPOSITIVO EM FUNCIONAMENTO	110
6.4.1 Relações diádicas construídas no polo do eu e do tu	110
6.4.2 Relações triádicas no polo do ele	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
ANEXO A – CONVENÇÕES DA TRANSCRIÇÃO	146

1 INTRODUÇÃO

Estudos de caráter linguístico que tratam a questão do trabalho não representam uma proposta nova. Cada vez mais a presença de linguistas em intervenções sobre a atividade de trabalho é vista como natural. Há várias pesquisas desenvolvidas por linguistas, as quais têm, de uma forma ou outra, recorrido ao arcabouço teórico da linguística e da ergologia para estudar questões relativas à atividade de trabalho; entre elas destacam-se as investigações conduzidas pelo Grupo Atelier¹.

Há estudos que dialogam com a teoria de Bakhtin, de Maingueneau, entre outros; no entanto, não há registro de pesquisas² que tenham articulado a proposta ergológica de Yves Schwartz e a teoria da enunciação de Émile Benveniste, conforme constata Teixeira (2012b, p. 66), “não é comum encontrar a teoria de Benveniste nessas interlocuções”, talvez por sua teoria ser ainda vista como circunscrita à descrição de marcas da subjetividade na língua, no âmbito intralinguístico. Nesta tese, demonstramos que a teoria de enunciação formulada pelo autor ultrapassa o âmbito da análise intralinguística para atingir outros horizontes, na direção de dimensões que organizam o discurso.

O linguista Vincent Capt afirma que “a teoria da enunciação define um modo de agir linguístico e trata do sujeito que esse modo de agir instancia. Ela permite mais amplamente uma problematização do homem que assume os caminhos da linguagem” (CAPT, 2013, p. 31, tradução nossa)³. A linguística da enunciação, conforme Flores e Teixeira (2005), abarca um conjunto de teorias que, embora diferentes, têm em comum o fato de considerarem, de um ou de outro modo, a subjetividade, não como elemento acessório, mas como parte essencial da

¹ O grupo *Atelier* Linguagem e Trabalho desenvolve suas pesquisas com base nos estudos da linguagem, mais especificamente nas propostas enunciativo-discursivas formuladas por Maingueneau e nas pesquisas de Faïta, Boutet, Gardin e Lacoste, entre outros. Além disso, outros aportes relevantes encontram-se em noções desenvolvidas pela ergonomia da atividade (prescrito/realizado) pela ergologia (articulação entre saberes acadêmicos e práticos) e pela psicologia do trabalho (métodos da autoconfrontação e instrução ao sócia). No Brasil, há também o grupo *Alter* – Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e Suas Relações - criado em 2002 – que mantém intercâmbio com a Universidade de Genebra e realiza pesquisas com base no aporte teórico do Interacionismo Sociodiscursivo. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00718016ZGO5WA>

² Em consulta realizada no portal da CAPES, não localizamos nenhuma tese, no âmbito da linguística, que relacione a linguística da enunciação de Benveniste e a ergologia de Schwartz para estudar a atividade de trabalho. Nessa pesquisa, somente localizamos dissertações de mestrado defendidas junto ao Programa de Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que, no ano 2000, instituiu a linha de investigação *Discurso e Trabalho* cujo foco era colaborar para a compreensão do trabalho a partir de teorias linguísticas, estabelecendo um diálogo com outros campos. Em função de mudanças ocorridas no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, essa linha de pesquisa foi substituída pela atual: *Interação e Práticas Discursivas*.

³ La théorie de l'énonciation définit une modalité d'agir linguistique et traite du sujet que cette modalité instancie. Elle permet plus globalement une problématisation de l'Homme que prend les chemins du langage.”(CAPT, 2013, p. 31)

descrição linguística. Seu objeto de estudos é heterogêneo; dessa forma, comporta “questões como subjetividade, referência, dêixis, contexto, modalização, entre outras” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 12). Os autores asseveram que fazem parte do escopo da linguística da enunciação teorias como as de Benveniste, Ducrot, Bakhtin, Authier-Revuz, entre outras.

Os fenômenos estudados pelas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem à fala à medida que só nela e por ela têm existência, e questionam a existência de ambas já que emanam das duas (...) Qualquer fenômeno linguístico de qualquer nível (sintático, morfológico, fonológico, etc.) pode ser abordado desde o ponto de vista da linguística da enunciação. (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 105-6)

Teixeira (2008), ao refletir sobre a abertura do campo da enunciação a outros campos de estudo, destaca que a necessidade de diálogos interdisciplinares é crescente em função dos novos problemas de pesquisa situados nas fronteiras de diferentes saberes. A pesquisadora assinala que já foram levantadas algumas das interfaces que os estudos enunciativos têm mantido (com a literatura, com a filosofia, com a psicanálise, com a análise do discurso, com estudos sobre patologia da linguagem, entre outras áreas).

Da multiplicidade de abordagens que a linguística da enunciação possibilita e das diferentes correntes teóricas que estão relacionadas no âmbito da ciência da linguagem, temos interesse especial pela linguística da enunciação de Émile Benveniste⁴ por entendermos que a proposta do autor permite um diálogo interdisciplinar e também por pensar a linguagem em relação à singularidade do uso feito pelo locutor que advém como sujeito a cada enunciação para estabelecer uma relação com o mundo.

Esta tese apresenta a construção de um dispositivo teórico-metodológico para investigar a atividade de trabalho de uma equipe multiprofissional de trabalhadores da área da saúde. Concebemos o dispositivo como um constructo dinâmico, de natureza enunciativa, capaz de mostrar aquilo que se configura e se reconstrói *nas dramáticas do uso de si por si e pelos outros* que emergem na atividade de trabalho, que se fundamenta na afirmação de Benveniste (1989) de que a enunciação é sempre *à neuf*.

⁴ Em projeto desenvolvido com o apoio do CNPq (Processo: 305608/2009-6.), no período de 01/03/2010 a 28/02/2013, Teixeira argumenta que, embora a linguística da enunciação de Benveniste, em geral, não esteja inserida no escopo da Linguística Aplicada - a pesquisadora cita as áreas elencadas por Celani (1998) -, as teorizações do autor ultrapassam a análise formalista e promovem pontos de abertura ao diálogo com domínios conexos.

Dessons (2006, p. 13), explica que a expressão “à neuf”⁵, em Benveniste, está ligada à ideia de invenção, enquanto “à nouveau” refere-se à iteração. Conforme o linguista, para Benveniste, na linguagem, a repetição de uma sequência não é um redizer, mas uma nova contextualização: “Ora, todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de maneira distinta, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção” (BENVENISTE, 1989, p. 18). O caráter dinâmico do dispositivo está ancorado nessa perspectiva.

Além da carência de estudos de natureza ergológica com base na teoria de Benveniste, nosso interesse em desenvolver uma investigação sobre a atividade de trabalho no contexto da saúde resulta da constatação de que o Ministério da Saúde (MS), por meio da implementação da Política Nacional de Humanização (PNH) do Sistema Único de Saúde (SUS) realizada em 2003, tem apontado para uma necessidade de mudança do que se faz hoje no cuidado em saúde. Preconiza-se um deslocamento da prática centrada no saber médico para uma prática multidisciplinar. Acentua-se a necessidade de rever e de transformar as condições das práticas clínicas e do processo terapêutico. Questões relacionadas à qualidade dos cuidados, direitos dos pacientes, satisfação dos usuários, construção de redes cooperativas “solidárias e comprometidas com a produção da saúde” (HENNINGTON, 2007, p. 1), entre outros aspectos relevantes, são objeto de exame e de propostas destinadas a qualificar as ações. Encontros para a discussão do trabalho multidisciplinar têm sido promovidos nos próprios hospitais, num sinal de abertura a uma visão de medicina que sai da racionalidade estritamente biomédica, para aceitar o desafio de interagir com outros campos do saber que, não do mesmo modo, também têm preocupação com a saúde.

Reflexões como a que realizamos nesta tese podem contribuir para ampliar a compreensão da atividade de trabalho desses profissionais, que poderão enriquecer o diálogo e aprimorar os processos. Consideramos de fundamental importância a instituição de uma escuta destinada a buscar desvelar o que os profissionais da saúde estão vivendo em seu cotidiano, qual o sentido que as transformações propostas pelo SUS têm para eles, que papel lhes cabe na implementação

⁵ Benveniste, quando descreve os índices de pessoa, em *O aparelho formal da enunciação* (1989f, p. 85), afirma: “Eles são engendrados de novo (*à nouveau*) cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez designam algo novo (*à neuf*)⁵. Em francês : Ils sont engendrés à **nouveau** chaque fois q’une énonciation est proférée et chaque fois ils désignent à **neuf**. (PLGII, p.83) grifo nosso. (DESSONS, 2006, p. 13-14)

dessas transformações. A pesquisa centraliza a atenção em reuniões de trabalho de uma equipe multiprofissional, que atua na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI-Neo) de um hospital público. Essas reuniões chamadas de *rounds* são realizadas duas vezes por semana com o propósito de discutir e avaliar a condição de saúde dos pacientes internados e duram cerca de uma hora.

A construção do dispositivo assenta-se na teoria da enunciação de Benveniste e na abordagem ergológica de Schwartz e tem como pano de fundo a reflexão sobre saúde desenvolvida pelo filósofo Georges Canguilhem, com o propósito de compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI-Neonatal, tomando como objeto de observação o *round*. Centramos nossa atenção nas práticas de saúde do *round* por considerarmos que a representação que os profissionais fazem dessa reunião multiprofissional pode ser a porta de entrada para a compreensão do conjunto de valores implicados em sua atividade de trabalho. É a noção de saúde que orienta a prática do cuidado. Torna-se, então, necessário trazê-la à luz para que se possa contribuir com a prática clínica no sentido da construção de uma ação que leve em consideração a complexidade da vida e a singularidade do paciente. Passamos a explicitar a pertinência da nossa escolha teórica em relação ao propósito do estudo: a construção do dispositivo.

Os estudos ergológicos sobre a *atividade de trabalho*⁶ iniciaram na França, nos anos 80, na Universidade de Provence (Aix-Marseille) com o filósofo Yves Schwartz, o linguista Daniel Faïta e o sociólogo Bernard Vuillon. São investigações coletivas sobre o objeto *atividade de trabalho* realizadas com base no dispositivo APST (*Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail*) e na participação de trabalhadores e de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, entre elas, a linguística. No Brasil, os estudos sobre trabalho envolvendo linguistas iniciaram no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, através da formação do grupo de pesquisas Atelier, a que já nos referimos (ver nota 2).

Trinquet (2010), ao tratar da abordagem pluridisciplinar que a ergologia desenvolve, sublinha que a atividade de trabalho é tão complexa que nenhuma disciplina acadêmica pode abordá-la sozinha: “todas as disciplinas são necessárias, mas nenhuma é suficiente” (TRINQUET, 2010, p. 99). Ele destaca a necessidade de mergulhar no *aqui e agora* da

⁶ Este conceito será examinado no capítulo três desta tese.

atividade e fazer uma síntese em torno do objeto, ou seja, é preciso ultrapassar o saber específico das disciplinas e implicar-se na realidade da situação analisada. A linguística, nessas abordagens de natureza multidisciplinar, tem um papel de destaque. De um modo geral, os estudos de cunho linguístico têm colaborado significativamente para que a *dimensão linguageira* do trabalho possa mostrar aquilo que está engendrado no cerne das práticas, com o propósito de melhor compreender a atividade.

A *atividade de trabalho*, conforme defende Schwartz, do ponto de vista ergológico, é o lugar de debate entre normas antecedentes, reguladoras do fazer, e renormalizações decorrentes do investimento subjetivo que lhe é inerente. Para Gomes Júnior (2013, p.22), “a atividade de trabalho é tomada, na ergologia, como a atividade mesmo da vida, que é de não se restringir a um uso de si pelo outro, à pura reprodução e execução, impondo um uso de si por si, uma invenção, uma criação”.

Temos ciência da controvérsia que existe em relação ao alcance da teoria de Benveniste. Como já dito anteriormente, há os que a consideram como excessivamente voltada para questões formais, limitando seu uso ao âmbito intralinguístico (análise indicial), que se restringe à análise dos dêiticos que remetem ao enquadre enunciativo; há aqueles que a consideram sob uma perspectiva mais ampla, ou seja, que visam a alargar o estudo da enunciação para a análise translinguística, como o próprio Benveniste já aponta em *Semiologia da Língua* (1989e), quando assinala a análise intralinguística como uma das vias de ultrapassagem de Saussure.

Dessons (2006) assevera que restringir a teoria de Benveniste à abordagem indicial é deturpar a teoria benvenistiana, não reconhecendo o seu grande alcance. Esta tese situa-se no segundo grupo, à medida que o dispositivo construído permite empreender uma análise translinguística e estabelecer uma relação de implicação entre a teoria da enunciação de Émile Benveniste e a perspectiva ergológica de reflexão sobre a atividade de trabalho de Yves Schwartz.

A opção por usar a teoria de Benveniste também se baseia no entendimento de que ela é apropriada para fazer emergir a dimensão subjetiva que está em jogo na atividade de trabalho. Para Benveniste (1988, p. 286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, ou seja, o homem só é sujeito quando inscrito na linguagem; a língua fornece um aparelho formal para que o locutor se proponha como sujeito quando faz uso desse dispositivo enunciativo para estabelecer uma relação com o mundo. Como Benveniste concebe o homem

articulado com a definição de linguagem, a perspectiva enunciativa é adequada para tratar daquilo que emerge, que advém da atividade de trabalho – o debate de normas antecedentes e de renormalizações constitutivo da atividade.

A teoria de Benveniste, por um lado, ao conceber a linguagem como indissociável da subjetividade e postular que ela é de natureza intersubjetiva, permite que se relacione os fatos de linguagem à intersubjetividade, conseqüentemente, confere uma outra dimensão à análise linguística, profícua para a interlocução com outras áreas. Por outro lado, por não ter um modelo acabado, exige do linguista um trabalho de co-autoria para “enfrentar” a análise, pois Benveniste deixa, em alguns de seus textos, apenas pistas sobre como realizar a análise que pode servir de ponto de apoio para fazer operar o dispositivo em funcionamento na análise do *corpus* deste estudo.

Além disso, é preciso considerar que há muito a se fazer quando os estudos linguísticos se propõem a dialogar com o campo social. O filósofo Yves Schwartz (2007) entende ser indispensável a discussão com linguistas. Ele destaca que, através dos saberes característicos de sua disciplina, o linguista pode contribuir para que os estudiosos do trabalho manipulem conceitos como *linguagem, expressão, verbal e não-verbal, locutor*, essenciais para pensar a relação linguagem e trabalho. Durrive e Schwartz (2008), no Glossário de Ergologia, afirmam que:

A linguagem, *particularmente no seu uso delimitado, normalizado* [uso de “conceitos”], antecipa a atividade e para isso tem necessidade de fazer como se as coisas fossem relativamente estáveis, invariáveis; a seguir, a atividade, totalmente mergulhada na história em curso, ultrapassa por sua vez a linguagem devido à variabilidade, antecipa o que será necessário depois procurar exprimir em palavras. São dois registros que se encontram em dialética permanente. A sua superação recíproca produz sempre mais história, sempre mais saberes. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 25)

Souza-e-Silva⁷ relata que, em uma pesquisa interdisciplinar realizada na França, cujo propósito era identificar como os trabalhadores falavam do seu trabalho, os sociólogos analisaram falas de operários do tipo “Eu sou modelista” e “Eu estou na modelagem” como equivalentes e pertencentes a um mesmo quadro. A pesquisadora, no entanto, destaca que, para um linguista,

⁷ Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva, em comunicação, agosto de 2000, na aula inaugural do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada, na Unisinos, em São Leopoldo.

essas falas têm implicações diferentes, fruto da natureza da forma verbal utilizada e não podem ser tratadas como semelhantes.

À medida que se propõe a articulação da linguística da enunciação com a ergologia, adentramos no universo do trabalho para problematizar questões subjetivas que se inscrevem na atividade. Isso porque a enunciação, por si só, oferece aparato teórico-metodológico para examinarmos a dimensão subjetiva do trabalho, e a ergologia oferece um conjunto de saberes para a produção de conhecimento sobre a atividade humana. A ergologia, por ser uma disciplina de pensamento, convoca a construção de um dispositivo dinâmico a três polos⁸ no interior do qual possam convergir os saberes específicos de cada disciplina e os saberes dos trabalhadores para produzir conhecimento sobre o trabalho vivo, a atividade.

Para Muniz et al. (2004, p. 323), “o ergonomista, o psicólogo, o sociólogo, o linguista podem utilizar-se da disciplina ergológica como reguladora de sua maneira de pesquisar a atividade humana”. Ou seja, a abordagem ergológica assume o compromisso de problematizar a construção de sentidos relativos ao universo laboral para transformá-lo. Justamente por adentrarmos na complexidade que envolve a atividade de trabalho, por esta estar permeada pelo humano e por sua história, esbarramos naquilo que Schwartz chama de *desconforto intelectual*, ou seja, a constatação de que toda atividade é atravessada pela história e se renova indefinidamente, o que exige uma postura de humildade epistemológica.

O dispositivo teórico-metodológico permite pôr em relevo o fato de que o trabalhador está sempre colocado numa posição de intermediação, ele é convocado a tomar decisões, visto que “o trabalho nunca é totalmente expectativa do mesmo e repetição. (SCHWARTZ, 2004, p. 23). Esta investigação traz à discussão uma dimensão necessária ao entendimento da atividade de trabalho que, geralmente, não é levada em conta nos espaços institucionais: a de que trabalhar implica negociar os *usos de si* na atividade, e isso é sempre problemático, pois envolve o debate de normas e de valores, resultado do investimento do *corpo-si* na atividade. Ao trabalhar, o homem não deixa de lado quem ele é, o que pensa, o que sabe, o que sente, a sua história; corpo e alma estão implicados no trabalho; é impossível operar esse corte, conseqüentemente, “tudo isso” é mobilizado no trabalho e emerge nas *dramáticas do uso de si por si e pelo(s) outro(s)*.

Esta tese mostra que o estudo da enunciação pelo paradigma benvenistiano constitui uma

⁸ O dispositivo dinâmico a três polos é uma forma de articular os conhecimentos produzidos na atividade com os conhecimentos disciplinares de forma a produzir novos saberes sobre a atividade de trabalho.

via possível de acesso a esse debate constitutivo da atividade de trabalho, pois parte do pressuposto: (i) de que é na e pela linguagem que o sujeito se constitui; (ii) de que a língua fornece um sistema formal de base que o falante, quando a utiliza, arranja num estilo particular (sintagmatiza para semantizar)⁹. Entendemos que o debate de normas, de valores e os saberes investidos na atividade de trabalho podem ser identificados por meio do exame de enunciados produzidos pelo trabalhador na atividade.

Além disso, no nosso ponto de vista, uma contribuição importante para os estudos ergológicos sobre a atividade de trabalho e um avanço para os estudos linguísticos que tomam por base a teoria de Benveniste está no fato de que os resultados da análise possam vir a subsidiar reflexões sobre as implicações que esse debate acarreta tanto para o trabalhador como para os espaços profissionais. Para o campo social, o dispositivo teórico deve servir como um mecanismo que produz interrogações, que colabora com a problematização da atividade de trabalho desses profissionais. Esse é o limite da contribuição que esta pesquisa apresenta; pois nosso foco não está em resolver problemas do trabalho, essa não é a nossa tarefa enquanto linguistas. A contribuição está na descrição do que se configura na atividade de forma a produzir conhecimento que sirva para reflexão e, na medida do possível, que gere uma intervenção.

Explicitados o objetivo do estudo e a nossa escolha teórico-metodológica, apresentamos, a seguir, as circunstâncias que nos levaram a empreender esta investigação. De um modo geral, as pesquisas que se fazem sob a perspectiva ergológica preconizam uma postura científica de tipo indutivo, voltada para problemas concretos, a partir de análise de dados empíricos e de fatos observados *in loco* pelo próprio pesquisador. Os estudos ergológicos desenvolvidos na França, em geral, nascem de uma demanda social relativamente precisa. No Brasil, conforme Telles e Alvarez (2004), as demandas são induzidas, ou seja, em geral o pesquisador da universidade vai a campo (indústrias, hospitais, escolas, etc.) “para negociar uma pesquisa-intervenção a partir da reflexão conjunta acerca de questões relacionadas ao trabalho presentes nos ambientes” (TELLES; ALVAREZ, 2004, p. 65).

A nossa inserção no campo de pesquisa deu-se a partir do espaço aberto pela orientadora desta tese, professora Marlene Teixeira¹⁰, junto ao setor de recursos humanos do hospital, que

⁹ Tema da tese de MELLO Vera Helena Dentee de. *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012

¹⁰ Em 2011, a professora Marlene Teixeira passou a integrar o corpo docente do *Programa de Pós-Graduação em Enfermagem* – UNISINOS, na Linha de Pesquisa: *Educação em saúde*, que: (a) trata de estudos relativos à formação

viabilizou, em outubro de 2011, uma reunião com a Direção para apresentar o interesse do *Grupo de Estudos Enunciação em Perspectiva*¹¹ (GEEP) em investigações no âmbito do trabalho com saúde. Nesse contato, várias áreas do hospital foram disponibilizadas para sediar as pesquisas do grupo¹². Escolhemos a UTI Neonatal por ser um setor que nos pareceu bastante interessado em qualificar o trabalho de equipes multiprofissionais, alinhado com as principais prerrogativas da PNH. O *corpus* desta investigação foi constituído em um hospital público do Sistema Único de Saúde durante um período de observação de cerca de oito meses. Os dados gerados para análise foram transcritos a partir da gravação em áudio de duas reuniões; trata-se, portanto, de um estudo cujo foco está na análise da *fala que advém no trabalho*¹³.

Além dessas circunstâncias que nos levaram a realizar este estudo, está presente o desafio de, como linguistas da enunciação de orientação benvenistiana, estabelecer um diálogo com outros campos do saber e poder contribuir em intervenções no campo social. Isso requer que nos arrisquemos a incursionar para além da linguística, “já que poucos problemas práticos envolvendo a linguagem de forma central, são abordados com os recursos oferecidos pelos conhecimentos de uma única disciplina” (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 190). Na França, por exemplo, estudos sobre o trabalho têm sido conduzidos por sociólogos, por especialistas das ciências da gestão, por ergônomos, por filósofos, por linguistas, entre outros estudiosos. (HELLER; BOUTET, 2006). Nesse contexto, entendemos que cabe ao linguista, com a

dos profissionais de saúde e às ações educativas em saúde; (b) promove a educação em saúde, abrangendo a formação profissional e a produção do conhecimento como estratégia fundamental para a transformação das práticas profissionais; (c) aborda a Educação Permanente em Saúde como modalidade pedagógica para a mudança das práticas profissionais. Disponível em: <http://br.universidades.org/mestrado-profissional-em-enfermagem-rio-grande-do-sul-porto-alegre-unisinos-FO-31420>

¹¹ Grupo criado em 2000, está sediado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, conta com o apoio do CNPq e FAPERGS e mantém parceria acadêmica com diversas universidades do Brasil, como UFRGS, UNIRIO, PUC/SP, UERJ, UFMT, PUC/RS. Com base em Teorias da Enunciação, mais especificamente de Émile Benvenise e Mikhail Bakhtin, para quem a linguagem se atualiza, de forma singular, na e pela enunciação, o grupo busca desenvolver um paradigma multidisciplinar de pesquisa para interlocução com diferentes áreas do conhecimento. As pesquisas se organizam em torno de duas direções: a primeira coloca em evidência a relação radical da alteridade na constituição da subjetividade em discursos socialmente situados, especialmente, em esferas da atividade humana (como mídia, trabalho e ensino); e a segunda toma a subjetividade como parte da análise do funcionamento da linguagem literária. Disponível em: < <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00098015AQ4RIY>>

¹² Dessa aproximação, resultou a presente proposta de investigação e o Trabalho de Conclusão de Alice Schmitt Machado, bolsista PIBIC, defendido junto ao Curso de Letras da Unisinos, intitulado *A re-construção do sentido de “humanização”: um estudo enunciativo em CTI Neonatal*, que investigou, a partir da teoria da enunciação de Émile Benveniste e da abordagem ergológica de Yves Schwartz, como se materializa, na linguagem de uma profissional de enfermagem, o modo como ela subjetiva a noção de humanização.

¹³ Durante o curso de mestrado realizado na Unisinos (2003), estudamos a *fala sobre o trabalho* ao analisarmos pontos de coincidência e de não-coincidência da imagem de aluno que se configurava no discurso do professor - representativo do *trabalho real* - e no discurso institucional - representativo do *trabalho prescrito*.

autoridade do seu saber especializado sobre a linguagem, exercer, entre muitos papéis, aquele de interrogar o campo social e por ele deixar-se interrogar, numa lógica transdisciplinar de produção de conhecimentos.

À guisa de finalizar a apresentação desta tese, cabe-nos, ainda, a tarefa de elucidar a natureza de nosso percurso investigativo. Para desenvolver o dispositivo teórico-metodológico com o propósito de analisar o discurso socialmente situado, baseamo-nos: (i) na *re-leitura* da teoria de Benveniste para além da análise indicial orientando-nos pela *redescoberta* da obra do autor¹⁴; (ii) na proposição de uma configuração de saberes para constituir o polo epistêmico que compõe o *dispositivo dinâmico a três polos* desenvolvido pelo filósofo Yves Schwartz para produzir conhecimento, de forma colaborativa, sobre a atividade de trabalho; (iii) no exame dos conceitos ergológicos de *atividade de trabalho, norma, renormalização, corpo-si e dramáticas do uso de si por si e pelo outro*; (iv) no estudo do conceito ampliado de saúde a partir de Canguilhem; (v) no deslocamento do dispositivo trinitário de enunciação e de aquisição da linguagem (eu-tu/ele)-ELE, elaborado por Silva (2009), para a abordagem ergológica do trabalho a fim de compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI-Neonatal, tomando como objeto de observação o *round*, prática de trabalho coletivo instituída nas rotinas de trabalho em diferentes contextos da saúde.

Essa proposição nos levou a desenvolver este estudo de forma inter e transdisciplinar, colocando numa relação de implicação (DUFOUR, 2000) a teoria enunciativa de Émile Benveniste com a disciplina ergológica de Yves Schwartz. O primeiro campo de estudos contribui com a concepção de linguagem; a segunda disciplina, com a concepção de trabalho como atividade realizada por seres humanos, executada entre duas dimensões distintas: o dizer (campo das normas antecedentes) e o fazer (campo das renormalizações). Para fazer convergir os olhares da enunciação e da ergologia para o objeto do estudo, foi eleito um conceito operador, ou seja, uma noção que faz convergir a visão triádica do modo como a experiência humana advém na atividade de trabalho, a partir da implicação da noção de subjetividade em Benveniste com a noção de *corpo-si* da Ergologia.

A conjunção dessas áreas (enunciação e ergologia) para “olhar” o modo como o *round* se

¹⁴ Na introdução do livro BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolp. *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de Linguistique Générale*. Bruxelles : Academia, coll. “Sciences du langage: Carrefour et points de vue”. Nr. 3, (2011), os autores destacam que o grande número de pesquisadores que tem se dedicado a estudar os textos de Benveniste atualmente é um forte indício da atualidade de sua obra.

configura enquanto prática de trabalho coletivo no contexto da saúde provoca interrogações para as próprias áreas de estudo. Fazer ciência, grosso modo, não representa descobrir o que já sabemos; na verdade, trata-se de investigar aquilo que queremos compreender; pois a ciência lida com o desconhecido, se renova e evolui constantemente a partir de descobertas e de novos questionamentos, determinando abertura para o diálogo, para a confrontação de saberes, para interrogações; é nessa direção que se situa esta tese.

Fiorin (2008, p. 38) afirma que “quando as fronteiras das disciplinas se tornam móveis e fluidas num permeável processo de fusão, temos a transdisciplinaridade”. Este estudo é também de caráter transdisciplinar porque apresenta uma tentativa de desenvolver uma nova forma de fazer ciência, uma vez que não parte dos pressupostos da lógica clássica (princípio da ordem, da separação e da redução) nem se baseia exclusivamente nos princípios que fundamentam a ciência moderna (causalidade) (FIORIN, 2008). É uma forma de fazer ciência, de investigar a linguagem, que objetiva dar visibilidade à leitura do texto de Benveniste, colocando a enunciação em interface com a ergologia e com a saúde para investigar a atividade de trabalho. Entendemos que esta pesquisa, ao propor a *re-leitura* da obra de Benveniste articulada com a disciplina ergológica, assume o desafio de situar-se em “um momento de mudança da forma de fazer ciência. Estamos passando de um fazer científico regido pela triagem para um fazer investigativo governado pela mistura”. (FIORIN, 2008, p. 36)

Fundamentamos a abertura da teoria de Benveniste para a translinguística no texto *Semiologia da Língua* (1989e), em que ele apresenta as duas formas de ultrapassagem da noção saussuriana do signo como princípio único: a análise intralinguística e a análise translinguística. A primeira diz respeito à análise dos índices específicos e dos procedimentos acessórios; a segunda requer uma metassemântica, criada a partir da semântica da enunciação, e tem por objeto textos, obras, *formas complexas do discurso*¹⁵. O emprego do prefixo *trans* indica que se trata de uma abordagem que busca ultrapassar os limites da linguística voltada para a análise indicial e que pode contribuir para o estudo de objetos complexos como, por exemplo, a atividade de trabalho e promover a transdisciplinaridade.

Para tratar do lugar que o pesquisador ocupa enquanto observador e analista, recorreremos à noção de testemunho desenvolvida por Agamben (2008) a partir dos relatos de Primo Levi e da leitura filosófica feita pelo autor da concepção de linguagem presente no pensamento de

¹⁵ Expressão utilizada por Benveniste em “O aparelho formal da enunciação” (1989f).

Benveniste. A dimensão antropológica da linguagem implica não ver a língua dissociada do homem. Como consequência, a presença do analista se reflete na constituição do *corpus* e no recorte dos *fatos* de linguagem a serem analisados.

Essa conduta convoca o analista a olhar, em um primeiro momento, para o arranjo sintagmático que o locutor organiza buscando os sentidos que aí estão engendrados. Em um segundo momento, agora com as lentes da ergologia e implicado pelos objetivos do estudo e pelo seu testemunho, o pesquisador-analista *re-significa* a análise, na direção da metassemântica, buscando mostrar efeitos de sentido que possam contribuir para atender à demanda social que originou o estudo. Isso é possível porque a metassemântica (semântica de uma semântica), que se construirá sobre a semântica da enunciação, é, segundo Laplantine (2011, p. 146-148), a invenção de um olhar novo, não mais dirigido ao signo, mas ao discurso, um olhar que se detém no particular, no que faz a história.

Antes de finalizar a apresentação desta tese, é preciso indicar que ela está vinculada à linha de pesquisa *Interação e Práticas Discursivas* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS e insere-se em uma visão mais inclusiva¹⁶ de linguística aplicada à medida que se propõe a produzir conhecimentos sobre um problema de relevância social, não circunscrito ao contexto escolar. É no universo da atividade de trabalho com a saúde que nos propomos a entrar, a partir da implicação entre duas áreas do saber: teoria da enunciação de Émile Benveniste e abordagem ergológica de Yves Schwartz.

Particularmente, este estudo está alinhado com os trabalhos realizados pelo grupo do CNPQ intitulado GEEP, cujas investigações têm se dirigido ao desenvolvimento de procedimentos teórico-metodológicos para a análise de práticas discursivas em diferentes contextos, a partir da articulação das teorias da enunciação com outras áreas do saber. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, o GEEP desenvolve pesquisas em três direções: (i) a primeira coloca em evidência a relação radical da linguagem com a constituição da subjetividade humana em práticas de cuidado em saúde e de gestão escolar, fazendo dialogar a teoria enunciativa da linguagem de Benveniste e a abordagem ergológica de Schwartz; (ii) a segunda toma a subjetividade como parte da análise do funcionamento da

¹⁶ A palavra “inclusiva” associada à linguística aplicada foi usada por Maria do Carmo Leite de Oliveira no texto *Por uma linguística aplicada mais inclusiva* (2009), em que a autora discute os diferentes campos da Linguística Aplicada e defende que a contribuição para com a transformação social caracteriza essa área de estudos cujas pesquisas buscam produzir “conhecimento científico de relevância prática, contribuindo para o desenvolvimento das pessoas, a eficiência das empresas e, conseqüentemente, a competitividade do país.” (OLIVEIRA, 2009, p. 93)

linguagem literária; (iii) a terceira examina a contribuição da teoria enunciativa da linguagem de Benveniste na compreensão do processo de escrita escolar. Nossa investigação inscreve-se na primeira direção.

Esta tese está estruturada em sete capítulos. No primeiro capítulo (Introdução), delinea-se o tema da pesquisa, justifica-se a abordagem teórica e a natureza da investigação. No segundo capítulo, apresenta-se a visão de ciência que sustenta a natureza inter e transdisciplinar deste estudo. No terceiro e quarto capítulos, apresenta-se a *re*-leitura dos principais conceitos da teoria da enunciação de Émile Benveniste e da ergologia que amparam a construção do dispositivo. No quinto capítulo, intitulado “Atando os nós”, as noções fundantes são colocadas numa relação de implicação para que o dispositivo possa tomar forma. No sexto capítulo, as questões que orientam a *mise-en-scène* do dispositivo construído são explicitadas, faz-se um breve exame das diretrizes que orientam o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e investiga-se como o conceito de saúde se constitui nesse contexto para compreender a cultura e o lugar em que se configura a atividade de trabalho objeto deste estudo e, na sequência, a etapa de entrada em campo é descrita, através do testemunho do pesquisador-observador, os procedimentos para a análise são indicados e procede-se à análise por meio do testemunho do pesquisador-analista. Para finalizar, no sétimo capítulo, fazem-se as considerações finais pertinentes à conclusão desta tese.

2 – EM BUSCA DE UMA TERCEIRA VIA: O QUE É FAZER CIÊNCIA NO CAMPO DA ENUNCIÇÃO E DA ERGOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos epistemológicos que sustentam o caráter inter e transdisciplinar deste estudo e que constituem o que designamos como uma terceira via para fazer ciência. Para tanto, iniciamos situando os motivos que nos levaram a assumir a perspectiva inter e transdisciplinar nesta investigação. Na sequência, refletimos, brevemente, sobre as mudanças que a visão contemporânea de ciência operou e como as contribuições epistemológicas da Ergologia estão em consonância com a visão antropológica da Linguística da Enunciação de Benveniste. Todo esse percurso é fruto da necessidade de situar de que forma a análise realizada nesta investigação abre-se para o diálogo com interlocutores de outras áreas de estudo; constituindo-se em uma forma de fazer ciência que sirva para viver.

2.1 A natureza inter e transdisciplinar desta pesquisa

Este estudo é de caráter inter e transdisciplinar em função: *(i)* da natureza do objeto de estudos; *(ii)* dos objetivos relacionados e; *(iii)* dos campos teóricos implicados. Nosso objeto de investigação é constituído pelo testemunho do pesquisador que participou das reuniões de trabalho da equipe multiprofissional que atua na Uti Neo-natal de um hospital público e pela gravação de dois desses encontros (*rounds*). O objetivo geral deste estudo é construir um dispositivo teórico-metodológico que conduza uma análise cujos resultados possam interrogar outras áreas de estudo. Os campos teóricos convocados para esse empreendimento são a teoria da enunciação de Émile Benveniste e a ergologia de Yves Schwartz.

A interdisciplinaridade se constitui à medida que se busca estabelecer um diálogo entre conceitos da linguística da enunciação de Émile Benveniste e da ergologia de Yves Schwartz para interrogar a atividade de trabalho de uma equipe multiprofissional e também porque se pressupõe “uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologias e, de outro, a combinação de áreas”. (FIORIN, 2008, p. 38).

Como esta tese investiga a atividade de trabalho no contexto da saúde, opera-se a abertura da linguística da enunciação de Benveniste para outras áreas do conhecimento – neste caso, a ergologia. Isso implica a instituição de um lugar epistemológico a partir do qual se possa examinar, *nas dramáticas do uso de si por si e pelos outros da atividade de trabalho*, como os saberes das diferentes especialidades se organizam no *round* em prol do cuidado do paciente para compreender a atividade de trabalho na equipe multiprofissional, considerando-se que aspectos subjetivos estão aí implicados.

Como consequência dessa implicação entre saberes disciplinares distintos, institui-se um espaço teórico para o linguista, que precisa estabelecer os limites da sua participação em pesquisas que propõem a articulação de diferentes saberes para analisar o mesmo objeto e a forma como deverá realizar a sua intervenção.

A abordagem transdisciplinar do objeto *atividade de trabalho* determina a necessidade de articulação de construtos teóricos capazes de colocar em relação de implicação campos disciplinares distintos, de modo a envolvê-los numa lógica transdisciplinar de produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, determina a necessidade de preservar aquilo que funda a singularidade de cada disciplina; no caso da teoria da enunciação de Benveniste, a visão de linguagem indissociável da subjetividade.

2.2 O que é fazer ciência?

O homem produz ciência para encontrar respostas e soluções para as suas dúvidas e para os seus problemas a fim de compreender melhor a si mesmo e o mundo em que vive, pois, quando não há ciência, criam-se mitos.¹⁷ O conceito de ciência, ao longo da história da humanidade, sofreu diversas alterações e sempre esteve relacionado ao paradigma dominante no que diz respeito ao objeto e ao método das ciências, pois fazer ciência, por muito tempo, implicou atender aos requisitos exigidos pelo modelo dominante estabelecido por uma disciplina.

¹⁷ Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 294), “os mitos oferecem-nos maneiras de compreendermos a experiência; eles organizam nossas vidas. (...) os mitos são necessários para fazer sentido do que se passa ao nosso redor. Todas as culturas têm mitos as pessoas não podem viver sem eles”. Como estudiosos da linguagem, em vários momentos, já presenciamos situações em que é atribuído ao não saber escrever bem o motivo para um mal-entendido, por trás dessa observação recorrente está a crença de que a linguagem é transparente, instrumental, clara e não-ambígua e de que a comunicação é um processo simples. Muitas empresas acreditam que um treinamento em comunicação pode resolver os problemas de uso da linguagem entre os trabalhadores – é um mito.

O corte epistemológico feito por Saussure para a instauração da linguística como estudo científico e o gerativismo de Chomsky são exemplos desse fenômeno.

Mas, afinal, o que é fazer ciência hoje? Para responder a essa pergunta, examinamos brevemente como as ciências da linguagem foram tomando forma ao longo da história e como isso influenciou o desenvolvimento da linguística. Para tanto, a partir da obra *História da Linguística* de Mattoso Camara (1975), pai da Linguística no Brasil, fazemos um cotejo das investigações que se desenvolveram no âmbito dos estudos da linguagem para entender como esse percurso repercutiu na ciência linguística contemporânea e na consequente abertura para outros campos. Também recorreremos aos ensinamentos de filósofos da ciência e às reflexões de linguistas que se dedicaram ao tema para fazer essa incursão.

Aristóteles postulava que os princípios universais observados deveriam ser encadeados logicamente, desta forma ele “... desenvolveu o estudo lógico da linguagem, que prevaleceu até o advento da linguística propriamente dita.” (MATTOSO CAMARA, 1975, p. 26). Na Antiguidade, os principais estudos linguísticos foram feitos por Platão e Aristóteles ao se questionarem sobre a natureza da linguagem; esse estudo filosófico concentrou-se no aspecto descritivo da linguagem que foi chamado de gramática. Benveniste (1989c, p. 30) afirma que a linguística, para os ocidentais, nasceu neste período, na Grécia, “quando os filósofos mais antigos, contemporâneos do despertar do pensamento filosófico começaram a refletir sobre o instrumento da reflexão e consequentemente sobre o espírito e a linguagem”. Na Idade Média, houve um grande questionamento se a gramática era uma ciência, por isso os estudos concentraram-se no viés “lógico” da linguagem pela forte influência de Aristóteles. Os fundamentos da linguagem são redefinidos por meio das categorias aristotélicas, Benveniste (1989c) indica ser este um segundo momento de nascimento da linguística.

Antes do século XIX, o estudo da linguagem dividia-se em duas correntes: a nocional e a filológica. A primeira focalizava as relações *som/sentido*, concebia a linguagem como representação do mundo e tinha fundamentação lógico-filosófica. A segunda buscava preservar as formas de línguas consideradas “clássicas” e se dedicava à sua descrição. Como característica comum, essas investigações apresentavam a subordinação dos estudos da linguagem a outro saber, como a lógica, a filosofia, a retórica, entre outros. No século XIX, os linguistas, ao invés de estudarem a linguagem para fazer filosofia, passam a estudar a linguagem pensando em fazer

ciência, é nesse período que surge uma terceira corrente: o estudo histórico-comparativo¹⁸ da linguagem (BORGES NETO, 2004). Nos tempos modernos, a corrente mais importante foi o estudo comparativo das línguas, “o estudo ‘histórico’ da linguagem, pelo qual o homem chegaria à linguística propriamente dita”, conforme ensina Mattoso Camara (1975, p. 35).

Mattoso Camara (1975) explica que os estudos empreendidos nesse período são considerados pré-linguísticos e paralinguísticos, pois tratam dos aspectos filológicos, biológicos e filosóficos da linguagem; no entanto ele assevera que a linguística não teria evoluído sem essas experiências e que esse tipo de investigação não foi substituída pela ciência linguística; na verdade, em alguns aspectos eles podem ser complementares. O professor afirma que, no percurso histórico da linguística, nem sempre ela se apresentou como uma disciplina isolada e autônoma, ele observa que “algumas escolas de linguística têm tentado agir assim, mas tem sido mais frequente o debordamento da psicologia, biologia e, mais recentemente, da antropologia no estudo da linguagem” (MATOSO CAMARA, 1975, p. 21) Hoje, vivenciamos a abertura da linguística para além das áreas conexas, cada vez mais há diálogos com outras disciplinas e investigações que tornam fluídas as barreiras do campo de estudos¹⁹.

Para Galileu e Newton, os grandes mestres da Ciência Moderna, fazer ciência significava definir o objeto de estudo, analisar as suas partes e depois recompor o todo. Esse modelo positivista de ciência proporcionou grandes avanços no conhecimento e gerou uma confiabilidade cega no potencial da ciência que influenciou fortemente a linguística. Segundo Santos (2012), o modelo de racionalidade da ciência moderna postulava que o rigor científico aferia-se pelas medições, ou seja, o método científico assentava-se na redução da complexidade: conhecer significava dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou.

Lakoff e Jonhson, linguistas, em seu célebre livro “Metáforas da vida cotidiana”, dedicam alguns capítulos da sua obra à discussão sobre o que eles denominam de mitos do objetivismo e do subjetivismo na compreensão da verdade pelas ciências. O objetivismo tem como esteio a cultura que prega a verdade científica, a racionalidade, a precisão, a imparcialidade e encontra

¹⁸ A linguística histórica baseou-se na biologia evolucionista, que foi o modelo dominante de fazer ciência durante boa parte do século XIX, para adaptar os seus conceitos e métodos de trabalho. (BERNÁRDEZ, 1995)

¹⁹ A atualidade da leitura do pensamento de Benveniste é um exemplo desse fato. As contribuições do autor para os estudos que tomam a linguagem como objeto têm alcance em diversos campos de estudo, há diálogos com a filósofos, psicólogos, antropólogos, entre outros. (TEIXEIRA, 2012a)

suas bases no modelo empírico e racionalista²⁰ de ciência. Nessa concepção, os objetos são independentes, apresentam propriedades intrínsecas e mantêm relações uns com os outros. Na linguística, isso se refletiu nos estudos desenvolvidos pelos estruturalistas, os quais se orientaram pelo paradigma positivista.

Como oposição a esse movimento, desenvolve-se o subjetivismo, pautado no conhecimento intuitivo, na imaginação, nos sentimentos humanos. Nas investigações linguísticas, o subjetivismo teve como expressão os estudos de tradição romântica que viam, no retorno à natureza, uma forma de o homem resgatar a humanidade perdida. Eles encontraram, na arte e na imaginação, um meio mais humano de se atingir a verdade. Esses dois movimentos, exclusivos um ao outro, não só coexistem em domínios distintos, como também reforçam a dicotomia entre verdade e razão versus arte e imaginação. (LAKOFF; JONHSON, 2002)

Esses linguistas defendem que não há verdade inteiramente objetiva, incondicional ou absoluta e que a síntese experimentalista, uma terceira via para a busca da verdade, é uma “alternativa que nega que o objetivismo e o subjetivismo sejam nossas únicas escolhas”. Para eles, “o que tanto o mito do objetivismo como o do subjetivismo ignoram é o modo como compreendemos o mundo por meio da *interação* com ele” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 302, p. 304).

Saussure, ao estabelecer que a “tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial nos fatos semiológicos” (1919, p. 24) determina o objeto de estudo da linguística: *la langue* e confere à linguística o estatuto de estudo científico conforme os padrões ditados pelo modelo de ciência da época e semeia as bases da abertura da linguística para outras áreas. Ao delimitar um objeto homogêneo para a linguística - *la langue* -, o mestre genebrino torna a linguística, verdadeiramente, uma ciência. Com Saussure, a linguística se fez ciência baseando-se nos modelos de racionalidade adotados pelas ciências biológicas.

Com a afirmação de que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (p. 16, 17), Saussure edificou as bases para o desenvolvimento dos estudos linguísticos de natureza científica e a sua extensão para outros domínios, estabelecendo a autonomia da língua como um sistema de signos. Ao enunciar que o ponto de vista cria o objeto, ou seja, ao estabelecer que o objeto determina os

²⁰ Os empiristas acreditam que o nosso conhecimento de mundo resulta das percepções de nossos sentidos e das nossas sensações; já os racionalistas, que somente a nossa capacidade de raciocinar pode revelar o conhecimento das coisas. (LAKOFF; JONHSON, 2002).

limites, o alcance que determinado estudo pode atingir, desenvolvem-se diversas investigações fragmentadas sobre a língua: o objeto de estudo do estruturalismo são as *estruturas*; no entanto, elas podem ser concebidas de formas diferentes.²¹

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 31):

a linguística objetivista vê a si mesmo como a única abordagem científica do linguístico. Os objetos devem ser capazes de ser analisados em e por si mesmos, independentemente de contextos ou da maneira como as pessoas os compreendem. (...) A tradição empirista, representada pelo estruturalismo americano de Bloomfield, Harris e seus seguidores, considera os textos como únicos objetos de estudo científico. A tradição racionalista representada por estruturalistas europeus, como Jakobson, e por figuras americanas, como Sapir, Whorf e Chomsky, entende a linguagem como tendo uma realidade mental e as expressões linguísticas como mentalmente reais.

Como consequência do ato fundador de Saussure, muitos campos de conhecimento foram definidos sob o escopo da linguística e a evolução da ciência não só provocou a demasiada especialização das disciplinas, como também produziu muitos avanços. “Os linguistas, depois do estruturalismo fecharam-se em um tecnicismo que os excluiu de todo pensamento relacional entre língua, pensamento, literatura, cultura e sociedade. A única exceção é Benveniste, que é excluído do pensamento reinante”²² (MESCHONNIC, 1999, p. 12 apud CAPT, 2013, p. 31, tradução nossa). Teixeira (2015) afirma que Benveniste teve pouca escuta entre os linguistas de sua época, embora seja espantosa a diversidade de domínios, de línguas e de fenômenos estudados por ele.

A linguística, para atender ao ideal de ciência, conforme Teixeira (2014), deixou de lado aspectos relativos à linguagem que não podiam ser tratados com a precisão e o rigor das ciências consideradas “autênticas”. Consequentemente, por um longo tempo, os estudos dedicaram-se a desenvolver métodos científicos de aceitação universal, voltados para a demarcação das fronteiras, resultando em uma série de estudos que não trataram da linguagem em uso; mas que permitiram à linguística conquistar um lugar de destaque no campo da ciência.

Fiorin (2008), explica que a excessiva especialização também trouxe consequências negativas: “no domínio das ciências da linguagem, separam-se nitidamente os estudos linguísticos e os literários. Ficam de costas um para o outro.” (Fiorin, 2008, p. 34). A ênfase na especificidade de cada disciplina e na especialização das atividades científicas

²¹ Bloomfield, por exemplo, “considera que a linguagem se resume ao conjunto de ruídos produzidos pelo falante (...). Assim, o objeto teórico da linguística bloomfieldiana é povoado apenas por fenômenos observáveis: os sons da fala” (BORGES, NETO, 2004, p. 40).

²² Les linguistes, depuis le structuralisme, se sont enfermés dans une technicisation que les exclut de toute pensée des rapports entre langue, pensée, littérature, culture et société. Le seul qui fait exception est Benveniste, et il est exclu de la pensée régnante.

compartimentalizou o conhecimento e dificultou o diálogo entre áreas conexas, como linguística e literatura por exemplo.

Lakoff e Johnson (2002), ao propor a síntese experiencialista como uma terceira forma possível de estudar cientificamente a linguagem, colocam a terceira via como uma abertura da ciência linguística, de forma que cada teoria possa delimitar o seu objeto de estudos e determinar os procedimentos metodológicos adequados, considerando-se que a linguagem é um fenômeno complexo e que todas as abordagens serão sempre parciais, uma vez que uma teoria linguística é um modo particular de tratar a linguagem humana.

O exame realizado até aqui mostrou que, nessa perspectiva, o analista de fatos de linguagem (o linguista) ocupa a posição de observador e, como tal, deve distanciar-se do seu objeto observacional para atender aos preceitos científicos das ciências exatas. Mas como é possível neutralizar o sujeito que analisa se, de acordo com Saussure, é o ponto de vista que cria o objeto? Capt, (2013, p. 42) afirma que a subjetividade do pesquisador está engajada na relação que ele mantém com seu objeto de estudo, porque essa relação pesquisador objeto se efetiva pela linguagem.

O analista já está duplamente implicado: como homem observador da cena e como linguista que gera os dados e examina os fatos de linguagem. Como pode ele apagar-se se, antes de ser analista, é um ser de linguagem atravessado pelos seus saberes, seus valores, seus objetivos? Como pode o analista/linguista deixar de lado o *corpo-si* que é convocado pelo próprio de sua atividade de pesquisador?

É esse tipo de inquietação que clama por uma alternativa outra, uma “terceira via” para abordar, cientificamente, a linguagem. A partir da ruptura que o paradigma contemporâneo fez emergir, examinado na próxima seção, é possível encontrar espaço para um fazer científico que não exclua o analista e que tenha a transdisciplinaridade como princípio.

2.3 O que muda com o paradigma da ciência contemporânea?

A ciência contemporânea, principalmente a física, rompe com o dogmatismo do positivismo e com a certeza científica ao quebrar o mito da objetividade pura, isenta de influências do pesquisador. Einstein, Heisenberg entre outros cientistas mostraram que a ciência é mais do que uma simples descrição da realidade, a ciência é a proposta de uma interpretação, é

produto do espírito humano. Essa ruptura traz à tona um questionamento sobre as bases que distinguem ciência de não-ciência e sobre o próprio método científico. (MORIN, 2005)

A concepção contemporânea de ciência distancia-se, dessa forma, da visão aristotélica e do positivismo, em que o conhecimento era aceito como científico quando justificado como verdadeiro. Abre-se um espaço para a incerteza e para a subjetividade. Essa nova forma de fazer ciência concebe que o ser humano vive em um mundo de incertezas e de desordem²³, que o mundo se organiza como um conglomerado caótico e o homem não pode concebê-lo com exatidão, porque suas estruturas são imprevisíveis e auto-organizáveis, isto é, em um sistema aparentemente caótico, o mundo se auto-regula e se auto-organiza buscando uma nova ordem (MORIN, 2005; BERNÁRDEZ, 2004).

Santos (2012) assinala que uma série de condições teóricas e sociais provocaram a crise do paradigma dominante: a teoria da relatividade de Einstein; a mecânica quântica de Heisenberg e Bohr; a incompletude da matemática demonstrada por Gödel e a ordem a partir da desordem de Prigogine. A incerteza que permeia a cultura contemporânea, a falência do modelo positivista e o questionamento de premissas que orientaram as investigações científicas até então abrem o caminho para reflexões sobre o homem e sobre a subjetividade; temas até então relegados pela ciência. Como consequência, diminuem-se as barreiras disciplinares entre as ciências e a distinção sujeito-objeto que demarcava os limites da relação pesquisador/observador não se sustenta.

Dessa forma, a cultura contemporânea criou um ambiente propício para o surgimento de novas formas de fazer ciência resultando em um movimento que resgata as relações sociais para o domínio das investigações científicas. Na ciência contemporânea, o sujeito e a história têm uma participação fundamental, em outras palavras, os aspectos que faziam parte da vida, das artes passam a fazer parte do escopo das ciências; antes dissociava-se ciência e vida. O mundo da cientificidade era o mundo do objeto e o mundo da subjetividade era o mundo da filosofia. No mundo contemporâneo, há uma convergência entre ciência, cultura e vida graças à restituição do sujeito à ciência. O paradigma contemporâneo de ciência rompeu com o discurso homogeneizante e linear, promovendo o desenvolvimento das ciências do homem (MORIN, 2005). “A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os

²³ Ilya Prigogine, químico russo, a partir da segunda lei da Termodinâmica, destaca que a desordem entrópica tem um espaço na criação da ordem, ou seja, a desordem não interfere nos processos de auto-organização, pelo contrário, os estimula. (BERNÁRDEZ, 2004)

estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também profundamente transformadas”, conforme (SANTOS, 2012, p. 69-70).

Fernand Braudel, historiador francês que se dizia “intelectualmente solitário” e que passou sua vida sem ser compreendido²⁴, muito precocemente antecipou, na obra “*Ecrits Sur l’Histoire*”²⁵, a necessidade de uma “reestruturação de conjunto das ciências do homem”. Para Braudel, era preciso que as ciências sociais avançassem para um “espaço de convergência comum induzindo-as a definir-se claramente em torno de certas *problemáticas globalizantes*, que abordassem temas, pontos ou questões necessariamente interessantes a várias delas” (ROJAS AGUIRRE, 2013, p. 64). Isso implicaria romper com as fronteiras das disciplinas, rever os métodos de aproximação do social como caminhos de acesso provisórios, flexíveis e, conseqüentemente, buscar em cada disciplina aquilo que fosse necessário para promover uma aproximação unitária, globalizante e universalista do social. (ROJAS AGUIRRE, 2013)

Nas palavras do historiador:

Há uma crise geral das ciências do homem: estão todas esmagadas sob seus próprios progressos, ainda que seja apenas devido à acumulação dos novos conhecimentos e da necessidade de um trabalho coletivo, cuja organização inteligente falta ainda erigir; direta ou indiretamente, todas são atingidas, queiram ou não, pelos progressos das mais ágeis dentre elas, mas permanecem entretanto às voltas com um humanismo retrógrado, insidioso, que não lhes pode mais servir de quadro. Todas, com mais ou menos lucidez, se preocupam com seu lugar no conjunto monstruoso das pesquisas antigas e novas, cuja **convergência necessária hoje se adivinha**.(BRAUDEL, 1969, p. 41,42 grifo nosso)

A posição de Braudel converge com o que já havia sido apontado por Alain Wisner quando dizia que o seu trabalho não buscava a solução de problemas, mas uma contribuição para a resolução de problemas da sociedade através do desenvolvimento de teorias sobre o sujeito. Conforme Wisner (1995, p. 4) “a realidade é tão multiforme que não se pode tomá-la com um dedo, é preciso ao menos dois, e muito provavelmente três ou quatro”. Conforme Santos (2012, p. 38), “a ciência social será sempre essa ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes das correntes nas ciências naturais.”

²⁴ Palavras de Fernand Braudel ao ser questionado sobre o impacto de sua obra (AGUIRRE ROJAS, 2013, p. 1).

²⁵ Obra publicada originalmente em 1969, Paris, pela editora Flammarion, em que são compilados os ensaios metodológicos escritos por Fernand Braudel.

Nessa direção, o encontro da ergologia e da enunciação em uma perspectiva inter e transdisciplinar como a desta pesquisa exige definir de que modo cada campo de estudo, preservando suas especificidades teóricas, pode contribuir com algo de novo para a compreensão da dimensão enigmática da *atividade de trabalho*. É isso que se pretende fazer na próxima seção.

2.4 A linguística da enunciação de Benveniste e a ergologia de Yves Schwartz

Benveniste (1989c, p. 38) reconhece que “as ciências do homem são, no fundo, muito mais difíceis que as ciências da natureza e não é por acaso que elas são as últimas a terem nascido. É necessário grande capacidade de abstração e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos de que o homem é sede”. A dificuldade apontada por Benveniste está na complexidade da língua e na sua natureza fundante do homem, por esse motivo a língua é o objeto comum das ciências do homem. Ela promove a abertura da linguística para outros estudos. Benveniste antecipa isso ao afirmar, em entrevista a Guy Damur no texto *Esta linguagem que faz a história*, que:

quando eu lhe dizia que nós vemos hoje esta espécie de **convergência** entre várias ciências, é para sublinhar que se reencontram as mesmas articulações nas noções tais como as configuraram certos espíritos que não tinham certamente em vista as categorias linguísticas. É esta convergência que é interessante e que se torna um novo problema para nós. (BENVENISTE, 1989c, p. 39, grifo nosso)

Schwartz, no texto *Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica Paideia e Politeia* (2002)²⁶, argumenta que o conceito de *atividade* tal qual como formulado pela ergologia opera uma outra distinção entre as ciências da natureza e as ciências humanas. Ao abordar a atividade humana, sempre instauramos um debate de normas antecedentes e de renormalizações que é constitutivo de qualquer atividade que envolva o ser humano. Neste sentido, do ponto de vista epistemológico, “existem duas ‘disciplinas’, duas exigências, para conduzir as investigações, muito diferentes e não-hierarquizáveis. Uma ‘ergológica’, almeja processos movidos por atividades humanas. A outra, ‘epistêmica’, visa objetos que não fazem história”. (SCHWARTZ, 2002, p. 126)

²⁶ Este artigo foi publicado na revista Pro-Posições da Faculdade de Educação da Unicamp (2002) e apresenta um reflexo sobre quais dispositivos pedagógicos poderiam levar em conta a distinção e o entrecruzamento da disciplina epistêmica e ergológica. Em sua tese, *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe* (2000), o professor Schwartz faz semelhante discussão em uma subseção intitulada *Paideia et Politeia*, parte da seção *Des métiers d'une education 'nationale*.

A disciplina epistêmica exclui do seu escopo objetos que apresentem debate de normas e visa a neutralizar a história; a ergológica trabalha com objetos cuja dimensão humana traz o aporte da história. A disciplina epistêmica ou disciplina do conceito representa, de certa forma, toda a ética científica, pois trabalha com objetos que escapam às revisões do tempo. Nesse processo, ela neutraliza o *aqui* e o *agora*, porque a produção de conhecimentos por essa disciplina requer que as circunstâncias individuais e históricas desapareçam diante das generalizações. A disciplina ergológica, por sua vez, demanda que se recupere, subjacente à regularidade dos objetos observacionais, aquilo que “faz história”, não só resgatando o *aqui* e o *agora*, mas também recuperando os resíduos²⁷ que apontam para a neutralização insuficiente do *aqui* e *agora* feita pela disciplina epistêmica para validar o uso de conceitos. (SCHWARTZ, 2002)

Os valores convocados pelo debate de normas que constituem a história e que representam a singularidade da dimensão humana fazem parte da disciplina ergológica, ou seja, no campo da ergologia, diferentemente do que faz a disciplina do conceito que visa a neutralizar os valores que interferem nos procedimentos experimentais, os valores decorrentes do debate de normas são fundamentais para que se possa alcançar a atividade. Enquanto a disciplina epistêmica exclui qualquer tipo de elemento que aponte para a singularidade do humano, a disciplina ergológica coloca o debate de normas e de valores como característica fundamental do seu objeto de estudos. Nas palavras de Schwartz:

Enquanto a vida como processo ergológico sintético reavalia, retrabalha permanentemente o conteúdo, a promoção ou a obsolescência dos valores imanentes a seu exercício (o que chamamos de “re-tratamento dos valores”) - o re-tratamento na disciplina epistêmica visa, pelo contrário, o aprofundamento dos títulos de neutralização exibidos por tal teoria num dado momento. (SCHWARTZ, 2002, p. 138)

Nas contribuições recentes de Schwartz à epistemologia, que trazem uma nova maneira de tratar a questão das disciplinas e dos conceitos,²⁸ ele divide as disciplinas em dois campos, conforme seus objetos forem sem ou com debate de normas: o campo epistêmico e o campo ergológico. No campo epistêmico, agrupam-se disciplinas cujos objetos não têm debate de normas (por exemplo, uma reação química) e estão em desaderência com as circunstâncias

²⁷ Schwartz apresenta um exemplo de uma experiência realizada por um físico (lei de Mariotte) para explicar que o *resíduo* e as aproximações podem comportar uma elaboração conceitual limitadora. Essa lei foi rejeitada em função do descompasso percebido entre o previsto pelo modelo e os resultados obtidos; os manômetros de Mariotte, diferentemente dos outros, afrontam a norma com a historicidade. (SCHWARTZ, 2002)

²⁸ Observações feitas a partir de Teixeira (2012c).

históricas em que se ancoram. A abordagem epistêmica, conforme Schwartz (2012)²⁹, situa-se em uma posição de desaderência, ou seja, o objeto de estudo está distante da vida vivida, os conceitos estão libertos da aderência aos valores e à história.

Durrive (2011) explica que a linguagem tem um papel importante nesse processo de aderência/desaderência que caracteriza a abordagem ergológica, uma vez que é pela linguagem antes de tudo, que a desaderência se manifesta, “ a linguagem a serviço da atividade na vida comum, com as palavras que constroem outras formas de distância relativa à instantaneidade do ato, tal como o gesto industrioso e a técnica. A linguagem disciplinada igualmente, que se coloca a serviço do conhecimento, do universo de conceitos, da ciência”(DURRIVE, 2011, p. 52). Ao examinar o pensamento de Benveniste, Capt (2013) assevera que a linguagem é a própria vida, que ela nos faz ser sujeito, porque não se pode fazer sentido sem o outro.

A atividade humana está em relação com o mundo dos valores, inscreve-se na história, no aqui e no agora do vivido; dessa forma, a desaderência é incapaz de levar em conta a atividade humana. (DURRIVE, 2011). O grau de afastamento (de desaderência) ou de descontinuidade que os campos teóricos adotam é caracterizado por uma fronteira que Schwartz chama de epistemicidades, conforme quadro reproduzido a seguir, organizado por Sant’Anna (2014) baseada em Schwartz.

Quadro 1 – Níveis de Espistemicidade

Campos	Níveis	Epistemicidades – diversidade de níveis de desaderência/aderência (SCHWARTZ, minicurso, PUC/SP, 2012)
Epistêmico	1	Saberes em desaderência; conhecimentos que se constroem por conceitos em relação a um objeto idealizado – apagamento da subjetividade e da historicidade (por exemplo, estudos sobre a queda dos corpos).
	2	Conceituação técnica de relativa estabilidade na produção de normas, regras, procedimentos, aplicadas à vida social (por exemplo, as regras relacionadas aos contratos de trabalho).
Ergológico	3	Conceituação relacionada às ciências humanas e sociais de estabilidade muito relativa, considera os ofícios e a importância de uma entidade coletiva relativamente pertinente (sujeito e alteridade), tenta explicar a sociedade, suas instituições, suas relações; busca analisar os fatos (por exemplo, as teorias das relações humanas no trabalho).
	3Bis	Conceituação de base ergológica, que luta contra usurpações dos

²⁹ Notas do curso ministrado pelo prof. Yves Schwartz na PUC-SP, no período de 16 a 20 de abril de 2012.

	níveis de epistemicidades que apagam ou enfraquecem o <i>corpo si</i> , o debate de normas, uso de si; parte do processo de renormalização, que pode estar em graus maiores ou menores de aderência.
--	--

Fonte: Sant'Anna (2014)

Sant'Anna (2014) explica que a epistemicidade 3Bis recebe este nome por não representar campos teóricos específicos como as demais e indicar modos de atuação das disciplinas que estão em situação de aderência com a atividade de trabalho e integram o nível 3. A linguista põe em relevo um aspecto importante da epistemicidade 3Bis: “a noção de usurpação refere-se aos níveis de conceptualização que observa seus objetos de estudo sem considerar o que é próprio da atividade humana, ou seja, usurpa-se, retira-se o humano da atividade, enfraquece-se a experiência vivida, como se ela não fosse capaz de formalizar conceitos para a existência da atividade”. (SANT'ANNA, 2014, p. 320)

O campo ergológico reúne disciplinas que não podem ser estudadas fora do meio e da história. Por essa razão, constituem-se em espaços de debate de normas, em que a construção de saberes conjuga, ao mesmo tempo, o polo dos conceitos e o trabalho vivo. A abordagem ergológica situa-se, dessa forma, em aderência ao vivido, ou seja, os conceitos aproximam-se da atividade. Esse movimento é possível porque, no campo ergológico, não se trabalha com saberes pré-definidos, estanques, considera-se o debate de normas, a presença do *corpo-si*, é um processo dialético que produz interrogações e novos saberes a todo momento.

A neutralização da dimensão humana em modelos abstratos (paradigma científico epistêmico que estuda as regularidades e que não considera a dimensão humana e histórica) é incompatível com a perspectiva ergológica. A perspectiva ergológica convoca a história e a dimensão humana; estar no paradigma ergológico é imergir no *desconforto intelectual*, é deixar-se interrogar incessantemente.

Assim, conforme Teixeira (2014), é preciso definir uma nova racionalidade, não mais orientada somente por conceitos abstratos, formulados à revelia do aqui-e-agora, mas capaz de suportar a intervenção da matéria complexa de que é feita a linguagem, impossível de ser capturada na forma de um saber positivo totalizante.

A relação com a ergologia requer uma linguística que leve em conta a dimensão subjetiva da linguagem para que se possa mostrar a imprevisibilidade inerente ao ato em que a língua é empregada para dizer a relação do locutor com o mundo e que ganha forma no discurso. De

acordo com Teixeira e Cabral (2009), para entrar em contato com a Ergologia, é preciso considerar aquilo que a linguística deixou por muito tempo como um “resto” impossível de fazer parte do seu objeto por não corresponder a um ideal de ciência pautado pelo rigor, pela lógica do repetível e da causalidade.

A linguística formal situa-se no campo epistêmico, pois elimina a dimensão histórica do seu objeto; já a teoria da enunciação benvenistiana se coloca como um saber sobre a linguagem que pode reivindicar lugar no campo ergológico de produção do conhecimento, pois, sem desconhecer o âmbito abstrato, acolhe em seu objeto o ato sempre singular pelo qual o sujeito advém na e pela enunciação. (TEIXEIRA, 2012c) Este estudo convoca a enunciação de Benveniste como uma disciplina que está em aderência com a atividade, está no campo ergológico e situa-se na epistemicidade 3BIS.

No texto *O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem*, Teixeira (2012a) destaca que os postulados sobre os pronomes têm sido foco de análise de estudiosos de diferentes áreas, como filósofos e antropólogos. A autora “propõe que o estudo dos pronomes de Benveniste representa um lugar privilegiado para mostrar que sua teoria da enunciação contém o projeto de uma ciência geral do homem” (TEIXEIRA, 2012a, p. 71). Ainda conforme a linguista: “parece que não se pode ver em Benveniste nem a parcialização do objeto nem o reducionismo arbitrário típicos do conhecimento produzido pela chamada ciência moderna. Está em seu projeto a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem”(2012a, p. 80).

Nessa mesma direção, Schwartz, no texto *Une Science du sujet singulier est-elle possible?* (1992), ao refletir sobre questões filosóficas relativas ao sujeito, pergunta-se se é possível uma ciência que dê conta do sujeito singular. O filósofo defende que a singularidade implica um problema em dois níveis, como o conceito (domínio da ciência totalizante) poderia: (i) pensar a singularidade do humano; (ii) pensar cientificamente a singularidade de uma situação, de uma configuração produtiva e histórica. Neste estudo, a análise dirige-se para o micro-universo do trabalho e mergulha no *aqui* e no *agora* da atividade, buscando dar maior visibilidade ao investimento do *corpo-si* (dimensão singular constitutiva de toda *atividade de trabalho*) e, talvez, fazer uma ciência que possa conviver com a singularidade. Em outras palavras, realizar uma análise que se aproxime de uma ciência que sirva para viver.

Schwartz nos lembra que, quando tratamos da vida e das atividades humanas, o universo de valores e saberes engendrados na atividade se mesclam em uma relação triangular que desloca a epistemologia e liberta o pesquisador das amarras das disciplinas epistêmicas. Como esta investigação não se baseia em categorias abstratas, não consiste na aplicação de um modelo teórico, exige o desenvolvimento de um construto particular em função das características do objeto e das especificidades dos campos de conhecimento convocados.

É o que faz dela um estudo de natureza transdisciplinar, que se propõe a desenvolver um olhar trinitário (eu-tu-ele), não-totalizante. Trata-se de uma tentativa de alinhamento com uma terceira via para a ciência, que acolha o *ruído* que foi excluído da ordem binária. Em outras palavras, este estudo filia-se a uma maneira de fazer ciência conforme o que é indicado por Dufour quando enuncia que “as ciências do Homem se esfacelam em múltiplos jogos sem aposta. Nada mais visto além de mostrar que as Ciências do Homem estão prenhes de uma nova possibilidade” (2000, p. 60).

No próximo capítulo, apresentamos a nossa *re-leitura* do texto de Benveniste que orienta a construção do dispositivo.

3 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

“tudo é claro no livro de Benveniste, tudo nele pode ser imediatamente reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar”
(BARTHES, 1988, p. 181)

Dessons (2006) afirma que o emprego do prefixo *re* em Benveniste tem um valor crítico, pois pode remeter à iteração (à nouveau – “le langage *re-produit* la réalité” explicada a seguir “la réalité est produite à nouveau par le truchement du langage” – PLGI, p. 25³⁰) ou referir-se à invenção (à neuf – “Ils (je et tu) sont engendrés à nouveau chaque fois qu’une énonciation est proférée et chaque fois ils désignent à neuf”- PLGII, p. 83³¹). Valendo-nos dessa interpretação de Dessons; apresentamos, a seguir, neste capítulo, como pressupõe a sua epígrafe, a nossa *re-leitura* dos principais conceitos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste que sustentam a construção do dispositivo enunciativo teórico-metodológico desenvolvido nesta tese. Trata-se de uma *re-leitura*, grafada em itálico, por ser uma leitura da Teoria de Benveniste implicada pelas noções que sustentam a abordagem ergológica e pelos objetivos da pesquisa: investigar a noção de trabalho co-construída em *rounds* multidisciplinares.

A teoria de Émile Benveniste tornou-se conhecida por meio do estudo de algumas classes de palavras (pronomes, advérbios, verbos) e de alguns fenômenos linguísticos ligados ao paradigma da pessoa. Essa leitura indicial do texto de Benveniste o consagrou como o linguista das marcas da subjetividade, conferiu um caráter descritivista à sua obra e o tornou conhecido como um linguista que estuda fatos de língua no âmbito intralinguístico sob a hipótese da subjetividade. Dessons (2006, p. 26) explica que a divulgação da obra de Benveniste foi reduzida às marcas formais da enunciação (eu, tu, aqui, agora), “em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, que revelam uma concepção forte e original das relações entre linguagem e homem”, provocando uma visão deturpada e reducionista do pensamento do linguista genebrino.³²

Teixeira (2012a) explica que Benveniste “não teve escuta entre os linguistas,” embora tenha encontrado espaço entre estudiosos das ciências humanas.

³⁰ Edição francesa de Problemas de Linguística Geral I da Gallimard, 1966.

³¹ Edição francesa de Problemas de Linguística Geral II da Gallimard, 1974.

³² Para Dessons, Benveniste é o inventor do discurso, conforme título do seu livro publicado em 2006, no qual o autor se propõe a estudar a linguagem no conjunto das ciências humanas e sociais a partir do conceito de discurso.

Temos³³ comentado a circulação de seus artigos em revistas de psicologia, antropologia, psicanálise, sociologia, filosofia e linguística, atribuindo esse fato não apenas à falta de acolhimento entre os linguistas de sua época, mas, sobretudo, à natureza de seu pensamento sobre a linguagem cuja repercussão ultrapassa os limites da linguística. (TEIXEIRA, 2012a, p. 73)

Roland Barthes, em 1988, já anunciava a amplitude do escopo da obra de Benveniste em seu texto *O rumor da língua* (1988) e Claudine Normand, no texto *Le sujet dans la langue* (1985), também destacava que o próprio Benveniste não teve oportunidade de avaliar o potencial teórico-metodológico de sua obra. Em 1995, foi realizado um colóquio em Cerisy, intitulado *Émile Benveniste: vingt ans après*. Em 2011, conforme Teixeira (2012b), no texto de apresentação do *Colloque International de Linguistique Énonciative*, realizado na França, os organizadores do evento colocam Benveniste como um dos linguistas “que reabilita o interesse pela discursivização, no próprio quadro da herança saussuriana” (TEIXEIRA, 2012b, p. 67)

A *re-leitura* da teoria do autor ou a descoberta de um outro Benveniste é uma realidade a partir da publicação de textos de estudiosos de diversas áreas: na filosofia, a obra *Os Mistérios da Trindade*, de Dany-Robert-Dufour (2000), *O que resta de Auschwitz* (2008) e *Infância e história: destruição da experiência e da origem da história* (2005), de Giorgio Agambem; na linguística: *Émile Benveniste, l'invention du discours*, de Gérard Dessons (2006); *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, de Aya Ono (2007), *Relire Benveniste: réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale*, de Émilie Brunet e Rudolp Mahrer (2011); na literatura, *Émile Benveniste: l'inconscient et le poème*, de Chloé Laplantine (2011) e mais recentemente a publicação dos manuscritos de Benveniste sobre Baudelaire transcritos por Chloé Laplantine e da obra que reúne as últimas lições de Benveniste no Collège de France (1968-1969) - *Dernières Leçons* (2012)³⁴ -, organizada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio e o texto de Vincent Capt, *Poétique des écrits bruts* (2013).

Brunet e Mahrer (2011, p. 20), ao comentar sobre a recepção da obra de Benveniste fora da França, destacam que “a difusão da obra de Benveniste é fraca – quase nula - em países anglo-saxões; no entanto, é importante no Brasil, onde a conjunção teórica das ciências da linguagem é muito próxima da que se faz na França”. Como exemplo, os autores fazem referência aos textos³⁵ produzidos para o Colóquio realizado na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, em

³³ A pesquisadora sublinha que as reflexões acerca da amplitude da teoria de Benveniste têm sido feitas em conjunto com Valdir do Nascimento Flores.

³⁴ Este livro já foi traduzido para o português.

³⁵ Os textos do colóquio foram publicados na revista *Letras de Hoje* (2004), vol. 39.nº. 4.

2004. Trata-se de um movimento de retorno a Benveniste, que instaura um espaço teórico-metodológico de reflexão para que um conjunto de investigações possam ser desenvolvidas a partir da teoria benvenistiana, resultando na produção de dissertações de mestrado e de teses de doutorado que têm contribuído para difundir a teoria do autor e ampliar o seu escopo.

Todo esse panorama indica que ainda há muito a ser desvendado em Benveniste. O próprio autor assinala, em vários de seus textos, o caráter aberto e inacabado de suas reflexões, a começar pelo uso da palavra “problema” no título das suas duas obras mais conhecidas e por ele organizadas. Em seu último texto publicado em 1970, *O aparelho formal da enunciação*, ele conclui afirmando que: “amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui”(p. 90).

A abertura da obra de Benveniste para outros campos e a valorização das suas investigações por linguistas e por outros estudiosos que se ocupam da linguagem ocorre em função da natureza de seu pensamento. Flores (2013a)³⁶ esclarece que Benveniste não se dedicou a produzir uma teoria acabada e que a Teoria da Enunciação não é uma construção do próprio linguista, mas uma dedução feita *a posteriori* por seus leitores. Os textos de Benveniste organizados em uma coletânea sob o título de Problemas de Linguística Geral I e II revelam seu pensamento reflexivo sobre a linguagem, *re-ler* Benveniste é ser convidado a pensar sobre a linguagem. Esta tese insere-se nessa perspectiva.

O paradigma científico contemporâneo e a especificidade da *dimensão linguageira* implicada na investigação de problemas complexos exigem que o linguista não fique mais circunscrito a sua área de especialidade. Ele não só precisa convocar outros saberes e colaborar com outros campos de estudo, como também necessita estabelecer um diálogo com distintos interlocutores, sem abrir mão de uma teoria linguística. A Teoria de Benveniste é especial para esse empreendimento que parte da *re-leitura* de sua obra, neste estudo, interrogada pela abordagem ergológica. Apresenta-se, a seguir, a *re-leitura* das obras *Problemas de Linguística Geral I e II* que orientam a construção do dispositivo teórico-metodológico deste estudo.

3.1 Da perspectiva indicial à abertura para a experiência humana

³⁶ Conforme Flores (2013a, p. 97), nos artigos de Benveniste publicados nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, não há indicações de que Benveniste desenvolvia uma Teoria da Enunciação, “há uma teoria da linguagem em Benveniste, embora não se possa afirmar que existe uma teoria da enunciação completa. A reflexão sobre a enunciação se vincula à reflexão sobre a natureza da linguagem”.

Nesta subseção, analisamos os seguintes textos de Benveniste: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1988a)³⁷; *A natureza dos pronomes* (1988b)³⁸; *Da subjetividade na linguagem* (1988c)³⁹; que compõem a quinta parte intitulada “O homem na língua” da obra *Problemas de Linguística Geral I*, publicada originalmente em 1966; *A linguagem e a experiência humana* (1989a)⁴⁰, que integra a segunda parte do *Problemas de Linguística Geral II* intitulada “A comunicação” e *Estrutura da Língua e estrutura da sociedade* (1989d)⁴¹, que integra a terceira parte intitulada “Estruturas e Análises” do PLGII para compreender a categoria dos pronomes como índices específicos que são tomados pelo locutor para estabelecer uma relação com o mundo e instaurar uma experiência humana. Consideramos, nessa leitura, os pronomes como a língua de acesso à própria língua (Dufour, 2000), e o título desta seção representa o nosso percurso de leitura.

3.1.1 A distinção entre pessoa e não-pessoa

No texto *A estrutura das relações de pessoa no verbo* (PLGI, 1946), Benveniste parte de uma análise comparativa sobre o paradigma verbal em diferentes línguas para estudar o verbo e a categoria de pessoa. De acordo com o autor, “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa” (1988a, p. 247) e sua conjugação é determinada pela relação do verbo à pessoa, “há sempre três pessoas e não há senão três” (1998a, p. 248). Além disso, destaca que não há língua em que as categorias de pessoa não estejam, de uma forma ou outra, marcadas na flexão verbal.

Benveniste critica a abordagem tradicional dos pronomes por seu caráter “sumário e não-linguístico” (1988a, p. 248) baseado em elementos de natureza lexical que não considera três aspectos fundamentais: a necessidade da categoria, o conteúdo que ela implica e as relações que se estabelecem entre as diferentes pessoas. Para o autor, “a categoria de pessoa pertence realmente a noções fundamentais e necessárias do verbo” (1988a, p. 250).

³⁷ *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*. XLIII fasc. 1, nr. 126, 1946.

³⁸ Extraído de *For Roman Jakobson*, Mouton & Co., Haya, 1956.

³⁹ *Journal de Psychologie*, Paris, P.U.F., juillet-septembre, 1958.

⁴⁰ *Diogène*, Paris, U.N.E.S.C.O., Gallimard, nr. 51, Paris, juillet-septembre, 1965.

⁴¹ *Linguaggi nella società e nella tecnica*, Milão Edizioni di Comunità, 1970.

Nesse artigo publicado em 1946, no *Bulletin de la Societé de linguistique*, Benveniste apresenta a definição da categoria de pessoa por meio da análise das oposições que se estabelecem entre essas formas. Ele examina como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e a partir de quais princípios essas oposições se constroem, uma vez que só é possível identificá-las justamente por aquilo que as diferencia. (1988a, p. 248)

Diferentemente do que se sabia (descrição gramatical da categoria dos pronomes que prevê uniformidade entre as três pessoas “eu”, “tu” e “ele”), as relações entre as pessoas não são homogêneas. Há uma oposição entre “eu”, “tu” e “ele”; as duas primeiras pessoas “eu” e “tu” distinguem-se da terceira pessoa “ele”. O “eu” designa aquele que fala, o “tu” é designado pelo “eu” e indica “aquele a quem nos dirigimos”, enquanto o “ele” é a não-pessoa, representa “aquele de quem se fala”, pois compreende um enunciado sobre algo ou alguém, mas não se refere a uma pessoa específica, é aquele que não está presente na enunciação.

O “eu” e o “tu” distinguem-se do “ele” pela *correlação de pessoalidade*, ou seja, “eu” e “tu” possuem a marca de pessoa; o “ele” é privado dela, não designa nada nem especifica ninguém, o “ele” é a única pessoa pelo qual algo é predicado (1988a, p. 254). O autor diferencia pessoa de não-pessoa com base no exame minucioso do paradigma verbal de várias línguas em relação à terceira pessoa. Essa análise evidencia que não há simetria entre as três pessoas e que a terceira pessoa é, em virtude de sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal” (1988a, p. 252). Benveniste explica:

Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu* não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu- tu”; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. Daí ser questionável a legitimidade dessa forma como pessoa. (1988a,, p. 250)

De fato, o “eu” e o “tu” apresentam traços comuns e integram a categoria de pessoa. A forma “ele” comporta um enunciado sobre alguém ou sobre alguma coisa; no entanto, não tem o elemento variável e pessoal que caracteriza os pronomes “eu” e “tu”: a marca de pessoa, exatamente o que “falta” para o “ele”.

A diferença entre o “eu” e o “tu” (*pessoa*) para o “ele” (*não-pessoa*) é também comprovada por três características: (*i*) pela unicidade específica, isto é, o “eu” que enuncia e o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos, é a enunciação que cria a noção de pessoa que se

renova a cada vez que o locutor enuncia; o “ele” pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum (1988a, p. 253); (ii) pela inversibilidade, “eu” e “tu” são reversíveis na situação de enunciação - o que “eu” define como “tu” pode inverter-se em “eu” - , na troca verbal, esses papéis são intercambiáveis (1988a, p. 253); (iii) pela ausência de predicção verbal, somente a terceira pessoa permite que uma *coisa* possa ser predicada verbalmente, tudo aquilo que não pertence ao “eu-tu” recebe a forma verbal de terceira pessoa como predicado.

O “eu” distingue-se do “tu” pela *correlação de subjetividade*: o “eu” é *interior* ao enunciado e *exterior* ao “tu”, mas é uma exterioridade que “não suprime a realidade humana do diálogo” (1988a, p. 255). O “eu” é a única pessoa subjetiva, pois alguém é sujeito quando enuncia para o “tu” – não-sujeito - (1988a, p. 255); ou seja, o “eu” apresenta o traço de *pessoa-eu* e o “tu” o de *pessoa não-eu*. Como é o “eu” quem institui o “tu” na sua enunciação, o “eu” é sempre transcendente ao “tu”, é uma transcendência relativa e momentânea que se estabelece em um momento determinado temporalmente. (1988a, p. 255). A *interioridade* e a *transcendência* presentes na *correlação de subjetividade* marcam essa oposição entre o “eu” e o “tu”, são qualidades que pertencem ao “eu” e se invertem no “tu”.

Em relação ao plural, Benveniste argumenta que, no caso dos pronomes, “a passagem do singular para o plural não implica apenas pluralização (1988a, p. 255). O linguista assevera que o plural é fator de ilimitação e não de multiplicação e que “a unicidade e a subjetividade inerentes ao “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização” (1988a, p. 256). Desta forma, “nós”⁴² não é o “plural” de “eu; trata-se, na verdade, da pessoa “ampliada”. “Nós” nunca se refere apenas à primeira pessoa, isto é, sempre envolve um *não-eu*. O autor finaliza o artigo *Estrutura das relações de pessoa no verbo* afirmando que a distinção ordinária de singular e plural deve ser interpretada, “na ordem da pessoa, por uma distinção entre *pessoa estrita* (= *singular*) e *pessoa ampliada* (= *plural*). Só a *terceira pessoa* admite um verdadeiro plural”. (1988a, p. 259).

Nesse texto, Benveniste define os pronomes a partir das relações de pessoalidade e de subjetividade. Na primeira, diferencia *pessoa* (eu-tu) de *não-pessoa* (ele), “eu-tu” formam uma unidade constitutiva, marcada pela característica de *pessoa* em oposição à marca de *não-pessoa* constitutiva do “ele”. Na segunda, distingue o “eu” do “tu” pelo traço de subjetividade; “eu” é a pessoa subjetiva; “tu” é a pessoa não-subjetiva.

⁴² Podemos incluir aqui também a forma “a gente”, equivalendo a “nós”, já consagrada pelo uso no Português do Brasil. A esse respeito, ver Borges (2004).

3.1.2 “Eu-Tu”: realidade do discurso

No texto *A natureza dos pronomes* (PLGI, 1956), Benveniste faz uma distinção entre língua e linguagem e destaca que os pronomes devem ser tratados como um fato de linguagem “para mostrar que eles não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos” (1988b, p. 277). Nesse texto, defende que a oposição entre “eu-tu” e “ele” está relacionada ao tipo de referência que essas palavras estabelecem.

Para o autor, “eu” e “tu” têm referência na enunciação, ou seja, prendem-se ao “próprio *processus* de enunciação linguística” (1988b, p. 278) e são indicadores de subjetividade pela referência constante e necessária à instância de discurso. Em relação ao “eu” e ao “tu”, o autor afirma: (i) são formas vazias que se plenificam na enunciação, “cada “eu” tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (...) “eu” significa a “pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*” (1988v, p. 278); (ii) são unidades cuja função é relacionar o enunciado à enunciação, “o “eu” só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí (...) a forma “eu” só tem existência linguística no ato de palavras que a profere”(1988b, p. 279); (iii) fazem referência à instância de discurso, há uma dupla instância conjugada: a instância do “eu” como referente e a instância de discurso que contem “eu” como referido.

O “eu” pode se referir a algo muito singular que é de caráter exclusivamente linguístico, designa o locutor e se refere ao ato individual em que é proferido, é uma palavra que só pode ter referência na instância de discurso, ou seja, a sua referência é sempre atualizada pelo locutor. O “eu” sempre remete à realidade do discurso, é subjetivo. Por outro lado, o “ele” é um anafórico, pertence ao sistema da língua e tem função de substituir algo pertencente à realidade objetiva do mundo fenomenal e de relacionar dois termos do enunciado. Enquanto “eu” e “tu” tem referência subjetiva, o “ele” tem referência objetiva, pode comportar um grande número de variantes pronominais.

Benveniste encerra esse texto afirmando ser preciso “distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios”(1988b, p. 283). Os pronomes “eu” e “tu” marcam a apropriação da língua pelo locutor (instâncias pessoais)

para enunciar sobre a realidade objetiva – o domínio do “ele”. Em suma, nesse texto, a distinção dos pronomes está baseada no fato de uns pertencerem à sintaxe da língua e outros à instância de discurso que compreende “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavras pelo locutor” (1988b, p. 277). O “eu” e o “tu” referem-se à realidade do discurso, pertencem ao nível pragmático porque só tem referência na enunciação; o “ele”, ao nível sintático porque predica “*não importa quem ou não importa o que*, exceto a própria instância” (1988b, p. 282).

3.1.3 “Eu-Tu”: condição para a subjetividade

No texto *Da subjetividade na linguagem* (PLGI,1958), Benveniste, ao fazer uma conferência para psicólogos, questiona a natureza da linguagem. Ele defende que a “linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (1988c, p. 285), pois “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a (...) é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (1988c, p. 285), “é **na** linguagem e **pela** linguagem que o homem se constitui como sujeito”(1988c, p. 286).

Sobre esse excerto, Dessons (2006, p. 99) argumenta que a palavra **na** remete ao fato de que não há sujeito sem linguagem; dessa forma, a relação com a linguagem não é instrumental, é constitutiva. Já a palavra **pela** diz respeito ao fato de que a linguagem tem os meios⁴³ para que a subjetividade se mostre e se reflita na língua. O autor defende que existe uma relação dialética entre as expressões “na” e “pela”.

Benveniste esclarece que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua que implica a intersubjetividade, pois se o “tu” não for reconhecido na instância de discurso, a comunicação é inviabilizada. Desta forma, a relação entre o “eu” e o “tu” é de dependência, pois, se eles não são instituídos e reconhecidos como participantes da situação de enunciação, a comunicação não se efetivará. Isso é corroborado na passagem abaixo:

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. (1988c, p. 289)

⁴³ Entendo que esses meios compreendem os índices específicos e os procedimentos acessórios apontados por Benveniste no célebre artigo “O aparelho formal da enunciação” (1970).

Para Benveniste, os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação de que a subjetividade está na linguagem. Eles se diferenciam de todas as outras designações que a língua articula: “não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo”; não têm referência material, definindo-se a cada vez que são enunciados. O homem, categoria antropológica, é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem. No texto *Da subjetividade na linguagem* (PLGI, 1958), o linguista retoma a oposição entre os pronomes já discutida em artigos anteriores, reitera que a noção de *pessoa* e *não-pessoa* é o traço que determina a oposição entre o par “eu-tu” e o pronome “ele” e reafirma que o caráter de transcendência do “eu” em relação ao “tu” é o traço que diferencia o “eu” do “tu”.

Flores (2008) destaca que, no texto *Da subjetividade na linguagem* (1988c), Benveniste apresenta a linguagem como condição de existência do homem e como tal sempre referida ao outro, e isso vincula linguagem e *intersubjetividade*. “A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente, sem o que não se poderia encontrar *no mundo, um homem falando com outro homem.*” (FLORES, 2008, p. 14). A intersubjetividade é também constitutiva da categoria de pessoa, pois enunciar instaura a presença de um locutor que instaura um alocutário; o eu e o outro estão mutuamente implicados.

3.1.4 “Eu e Tu”: instauram e atualizam uma experiência humana

No artigo *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste trata de duas categorias do discurso consideradas por ele fundamentais: a pessoa e o tempo. Ele examina profundamente o tempo linguístico em relação à subjetividade. Destacamos suas observações sobre a categoria de pessoa e a relação com a experiência humana para elucidar a questão de que é **na** e **pela** linguagem que a experiência humana se realiza, ou seja, a experiência humana é materializada pela linguagem.

Benveniste retoma a reflexão sobre os pronomes, acrescentando que, a partir do momento em que o “eu” evoca o “tu” por oposição, “uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda” (1989a, p. 69). Ele também explica que a cada vez que o pronome “eu” é enunciado, ele produz uma nova pessoa, “é a atualização de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua” (1989a, p. 69).

Ao tratar do tempo linguístico, o autor afirma que este tem uma ordem própria e que o tempo do discurso não se restringe às etapas do tempo crônico nem se esgota em uma realidade subjetiva; pelo contrário, o tempo do discurso “funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal. A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística” (1989a, p. 78). Isso corrobora a tese de que a enunciação é única e irrepetível, visto que as formas instituídas e agenciadas no discurso só podem ser identificadas pelos parceiros da comunicação. Tudo que se faz *a posteriori* “para tornar inteligíveis estas referências intradiscursivas é ligar cada uma delas a um ponto determinado em um conjunto de coordenadas espaço-temporais”(1989a, p. 78-79). O autor termina o texto apontando que “é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”(1989a, p. 80).

Para Benveniste, a linguagem exige e pressupõe o outro (1989d, p. 93). Essa afirmação está no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, em que o linguista analisa as relações existentes entre a língua e a sociedade. Para este estudo, sublinhamos essas observações: (i) “língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes (1989d, p. 96) – não se concebe que tenha existido um começo tanto em uma quanto em outra; (ii) “língua e sociedade são sempre herdadas (...) nem uma nem a outra podem ser mudadas pela vontade do homem (1989d, p. 96). No que diz respeito à língua, Benveniste afirma que ela “é o interpretante da sociedade e que a língua contém a sociedade”(1989d, p. 97).

Em relação à primeira parte do enunciado, entende-se que a língua é constituída de um conjunto de propriedades que permite produzir sentido, seus elementos são agenciados pelo locutor para proferir enunciados portadores de sentido. Em relação à segunda parte do enunciado, conforme Benveniste, a língua considerada como prática humana (experiência humana) “revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum” (1989d, p. 102). A língua, então, pode refletir a sociedade.

O fundamento de que a linguagem é constitutiva do homem (homem na linguagem) relaciona-se com outras noções fundantes: a *subjetividade* e a *intersubjetividade*. No texto *A natureza dos pronomes* (1988b), Benveniste faz a distinção entre *pessoa* e *não pessoa* ao analisar as categorias dos pronomes. O par *eu-tu (pessoa)* representa os interlocutores, são formas vazias que se plenificam na enunciação, tem referência subjetiva porque são atualizados no discurso; o *ele (não-pessoa)* representa aquilo de que se fala, aquele sobre quem se fala, tem natureza

objetiva, pertence ao sistema da língua e pode designar, ao mesmo tempo, as coisas do mundo, um sujeito ou vários.

A *subjetividade* está marcada na língua pela categoria de pronomes, pelos dêiticos, enquanto a *intersubjetividade* emerge no exercício da linguagem, pois “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (1989f, p. 83). O locutor (eu), ao enunciar-se, convoca o interlocutor (*tu*) como participante da enunciação; a *intersubjetividade* configura-se na reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, nessa relação de interdependência. A *intersubjetividade* “reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e o seu parceiro (...) é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”. (1989a, p. 80)

Como a categoria dos pronomes é universal e está relacionada ao homem, permite a experiência humana, ou seja, o locutor precisa fazer uso dessa língua de acesso à língua (DUFOR, 2000) para “entrar” na língua e se propor como sujeito. Em outras palavras, a experiência humana sempre é materializada pela linguagem.

Nesta seção, fizemos uma *re-leitura* cronológica de cinco textos de Benveniste para examinar de que forma a categoria de pessoa foi sendo tratada em sua obra, tomando como ponto de partida a leitura indicial para chegar à experiência humana. Na próxima seção, seguindo a mesma orientação de *re-ler* a obra de Benveniste, discutimos como a questão da significância foi tratada pelo autor a partir da noção de subjetividade e de que forma os procedimentos acessórios estão aí implicados.

3.2 Do semiótico/semântico à metasssemântica

Nesta subseção, analisamos os seguintes textos de Benveniste: *A forma e o sentido na linguagem* (1989b), que integra a segunda parte do PLGII intitulada “O homem na língua”; *Semiologia da língua* (1989e) e *O aparelho formal da enunciação* (1989f), que integram a segunda parte “A comunicação” da obra *Problemas de Linguística Geral II*; para compreender de que forma os procedimentos acessórios intervêm na análise translinguística que nos propomos a empreender.

3.2.1 Duas maneiras de ser língua: o semiótico e o semântico

No texto *A forma e o sentido na linguagem* (1989b), conferência proferida em um congresso para filósofos, Benveniste trata da questão que, para ele, é fundamental: a significação. O linguista defende que os dois níveis – o *semiótico* e o *semântico* – se superpõem na língua. No dizer de Benveniste (1989b, p. 233-234),

Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa subunidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação do intentado⁴⁴, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Uma descrição distinta é então necessária para cada elemento segundo o domínio no qual está encaixado, conforme é tomado como signo ou como palavra. Benveniste (1989b, p. 233-234)

Ao final da sua fala, durante o debate, Jean Claude Piguet, filósofo – pergunta como os dois métodos de apreensão do sentido apresentados – analítico (nível semiótico) e global (nível semântico) - se reúnem no interior da linguística. Ele encerra sua intervenção, formulando a seguinte pergunta: “Como a semiótica e a semântica podem coexistir metodologicamente, se uma é do tipo analítico e a outra de tipo global não-analítico? Qual deve ser, então, finalmente o método fundamental que orienta a linguística em seu conjunto?” (BENVENISTE, 1989b, p. 239).

Benveniste não responde para Piguet de forma categórica, apenas explica que “a questão é fortemente antecipadora; toda resposta categórica suporia justamente o que eu descartei de início: que exista uma doutrina linguística sobre este assunto” (BENVENISTE, 1989b, p. 240). O linguista sublinha que o que foi apresentado na conferência são apenas ideias, proposições que ainda precisam ser discutidas; mas destaca que a distinção entre signo e frase feita por ele exige duas linguísticas distintas. Uma para dar conta do nível analítico e outra para dar conta do nível global, a qual precisa ser desenvolvida.

O ponto de ancoragem da reflexão de Benveniste é o pressuposto de que é da natureza da linguagem significar, ou seja, a significação não é dada à linguagem por acréscimo: “[...] bem

⁴⁴ Mello (2012) chama atenção para o fato de que, na versão brasileira de PLGII, a expressão “une signification de l’intenté” usada por Benveniste (1974, p. 229) foi traduzida como “significação intencionada. A linguista defende que essa expressão seria melhor traduzida por “significação do intentado”, que tem um valor fortemente pragmático, no sentido de que, atualizando seu pensamento por meio da frase, o locutor age sobre o alocutário, buscando instaurar uma nova realidade”(TEIXEIRA; MELLO, 2013, p. 12)

antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (1989b, p. 222). No artigo *A forma e o sentido na linguagem* (1989b), as noções gêmeas de *forma* e *sentido* estão relacionadas às duas maneiras de ser língua, essa dupla significância combina dois modos, denominados *semiótico* e *semântico*.

O *semiótico* corresponde ao modo de significação que é próprio da ordem do *signo* – unidade composta por significante e significado. O primeiro é a *forma* sonora, aspecto formal da entidade chamada de signo; o segundo representa a capacidade de ser reconhecido como unidade do sistema linguístico (*sentido*)⁴⁵. O *semântico* corresponde ao modo de significação que é próprio do discurso, compreende as relações, as conexões que se estabelecem no discurso, sua unidade analítica é a frase. No modo semântico, a *forma* corresponde ao sintagma, ou seja, ao agenciamento sintagmático organizado pelo locutor, o *sentido* representa a ideia que a *frase* exprime, constitui-se pelo agenciamento de palavras.

As noções *forma* e *sentido* estão implicadas em cada um dos modos de significância e são indissociáveis. Essas duas maneiras de ser língua fundem-se no discurso. Para Flores et al (2008, p. 71), “o discurso é forma e sentido, *forma* para reconhecimento da língua e *sentido* para compreensão do que se expressa em uma situação de uso da língua”. No artigo *Os níveis de análise linguística* (1988e), as noções de *forma* e *sentido* são examinadas considerando-se que a língua comporta níveis. Benveniste (1988e, p. 135-6) esclarece: “a *forma* de uma unidade linguística define-se pela sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”.

Não se pode dissociar *forma* e *sentido*, elas são propriedades conjuntas e inseparáveis no exercício da língua. “O sentido é relativo à atividade do sujeito com a língua. É o sujeito que organiza as palavras de uma certa maneira, porque há uma ideia que é sua, que diz sua atitude e que diz a situação enunciativa” (FLORES *et al.* 2008, p. 72)

Benveniste, preocupado com a questão da significação e com o propósito de avançar “do ponto onde Saussure parou na análise da língua como sistema significante (1989b, p. 219), no artigo *Semiologia da Língua*, (1989e), utiliza as noções de *semiótico* e *semântico*⁴⁶ para tratar da

⁴⁵ Neste texto, Benveniste utiliza o exemplo: “Chapéu existe? Sim. Chaméu existe? Não” (1966, p. 227) para ilustrar que a palavra chapéu pertence ao sistema da língua, é uma *forma* que possui *significação*.

⁴⁶ Essas noções já haviam sido tratadas no texto *A forma e o sentido na linguagem* de 1967.

língua como sistema distinto de signos dentro do conjunto de sistemas do qual ela faz parte. A língua é o interpretante de todos os sistemas semiológicos, sua natureza, sua função representativa, seu poder dinâmico e seu papel na vida social fazem dela a grande matriz semiótica, a estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e os modos de ação. A língua é investida, então, de uma *dupla significância*, ou melhor, a língua combina dois modos distintos de significância, nomeados por Benveniste de modo *semiótico*, por um lado, e de modo *semântico*, por outro.

O *semiótico* designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e o que o constitui como unidade. O *semântico* designa o modo específico de significância que é engendrado pelo discurso. “O semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto de referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda a referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso.” (BENVENISTE, 1989e, p. 66)

Benveniste (1989e, p. 66) ensina que “o privilégio da língua é comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação”. Esses dois modos distintos exigem um aparelho conceitual próprio. Para o domínio semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico serve de base; no entanto, para o domínio semântico, são necessários novos conceitos e definições. O autor sustenta que é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua, e que essa ultrapassagem será realizada por duas vias: *i) a análise intralinguística* – nível semiótico e semântico; *ii) a análise translinguística* – “a metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 1989e, p. 67), a qual “é uma semiologia de segunda geração” e constitui um modo de análise que ainda está por ser desenvolvido.

Ao explicitar a dupla significância da linguagem (*semiótico* e *semântico*), o linguista instaura uma terceira dimensão da significância - a *metassemântica*. O primeiro modo de significação abarca o nível semiótico, em que cada signo é distintivo. O segundo modo de significação é o resultado da atividade do locutor que coloca a língua em ação. O terceiro modo de significação corresponde à análise translinguística “dos textos e das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação”(BENVENISTE, 1989e, p. 67). A *metassemântica* é um programa que Benveniste anuncia, a qual deverá ainda ser desenvolvida a partir da semântica da enunciação, conforme explicita Benveniste no final do

artigo *Semiologia da língua*: “Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento de ramificações da semiologia geral”(1989e, p. 67)

3.2.2 O aparelho formal da enunciação (1970)⁴⁷

Neste último e célebre texto de Benveniste, o autor apresenta uma definição de enunciação que considera o ato de utilização da língua como um todo e não se restringe apenas à descrição de fatos da língua. Benveniste, ao afirmar que “a enunciação supõe a conversão da língua em discurso (1989f, p. 83) e que “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (1989f, p. 84), põe em relevo que, no exame da materialidade linguística, há marcas que podem indicar a presença do sujeito no enunciado.

Há uma flutuação conceitual⁴⁸ para termos e noções ao longo dos textos de Benveniste. Aresi (2012) verifica que a palavra “enunciação” não é usada em nenhum dos títulos das partes que compõem as obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, organizadas pelo próprio Benveniste, é somente no texto *O aparelho formal da enunciação* que o termo é empregado pelo autor como destaque, compondo o título de um de seus textos. Nesse artigo, a enunciação é definida como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989f, p. 82). No entanto, essa definição não abarca a amplitude da noção de enunciação em Benveniste.

Ono (2007) constata que a noção de enunciação varia muito nos textos de Benveniste. A linguista analisou o uso do termo *enunciação* na obra do autor considerando a história (análise ao longo do tempo) e a relação desse conceito com outros temas e noções; ela argumenta que não há uma definição conceitual, e sim uma noção, uma ideia geral que perpassa os estudos e as análises feitas por Benveniste. Nas palavras de Ono (2007, p.4): “, a noção de enunciação nasceu em meio a reflexões, ao mesmo tempo, linguísticas, semióticas e psicanalíticas”.

Em seus estudos, a autora constatou que há mais de 30 ocorrências do termo e destaca dois tipos de uso para o termo *enunciação*: i) o descritivo, refere-se ao ato concreto, realizável e

⁴⁷ Cf. Fenoglio (2011), este artigo foi escrito entre outubro de 1968 e julho de 1969 a pedido de Tzvetan Todorov.

⁴⁸ Para ampliar essa questão: FLORES, V. N. Notas para uma (re) leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, M; FLORES, V.N. (orgs.). *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.149-165.

observável de proferir frases de forma solene e de constituir um rito (esse emprego aparece a partir de 1945); ii) o teórico, resultado das tentativas do autor de buscar proposições conceituais sobre a linguagem, opõe-se ao descritivo, indica que a enunciação é o ato de utilização da língua.

No texto *O aparelho formal da enunciação* (1989f), conforme Ono (2007), há cinco modos distintos de compreender o emprego do termo *enunciação*, sistematizados no quadro-síntese abaixo.

Emprego do termo	Texto em que é mencionada pela primeira vez
Enunciação é a realização vocal da língua	Tendências recentes em linguística geral (1954)
Enunciação é a conversão da língua em discurso	Semiologia da língua (1969)
Enunciação é um ato único, individual (ato de individualização e de apropriação da língua pelo locutor)	A natureza dos pronomes (1956) Da subjetividade na linguagem (1958) As relações do tempo no verbo francês (1959)
Enunciação é ato de fala na sociedade (aspecto dialógico)	As relações do tempo no verbo francês (1959)
Enunciação é a inscrição da frase na realidade do discurso	A frase nominal (1950) O aparelho formal da enunciação (1970)

Fonte: Ono (2007)

No *Dicionário de linguística da enunciação* (Flores et al., 2009), o termo *enunciação*, na teoria benvenistiana, é definido, como “colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (p. 102).

Conforme ensina Flores (2013a), os escritos de Benveniste não representam uma teoria acabada; nos artigos publicados nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, não há indicações de que ele desenvolvia uma *Teoria da Enunciação*, “há uma teoria da linguagem em Benveniste, embora não se possa afirmar que exista uma teoria da enunciação completa. A reflexão sobre a enunciação se vincula à reflexão sobre a natureza da linguagem”. (FLORES, 2013, p. 97), Então, “não foi Benveniste quem deliberadamente fez a *Teoria da Enunciação* que lhe é imputada, são os leitores de sua obra que a derivaram do conjunto de textos escritos entre os anos 1930 e 1970” (FLORES, 2013, p. 153).

Neste estudo, entendemos *enunciação* como o ato que instaura o “eu” e o “tu” para dizer d’ “ele” e, dessa forma, constituir uma relação com o mundo e uma experiência humana. Como a língua fornece um sistema formal de base (*aparelho formal*) do qual o locutor, no ato de enunciação, apropria-se e que organiza em um estilo particular para se relacionar com o outro e com o mundo, ela pode revelar os vestígios da presença do sujeito na passagem da língua para discurso.

3.2.2.1 Homem, locutor e sujeito

Ao longo do desenvolvimento da ciência linguística, de uma forma ou de outra, diferentes teóricos têm se empenhado em resolver, por caminhos distintos, a questão que envolve o sentido na linguagem. Essa reflexão acerca do problema da significação que se inicia nos estudos filosóficos encontra, nos teóricos da enunciação,⁴⁹ uma abordagem que concebe a língua “não apenas como um sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito” (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 12). Língua e sujeito não são abordados separadamente, como pertencentes a campos teóricos distintos; pelo contrário, língua e sujeito estão vinculados *enunciativamente*; o sentido, portanto, resulta do uso que um sujeito falante (lugar de singularidade) faz da língua.

Homem, locutor e sujeito são noções que estão relacionadas ao *processus* da enunciação. O ser humano é um ser de linguagem por excelência, que se constitui a cada vez que “abre a boca”. Há uma relação umbilical entre homem e linguagem. O *locutor*, ao instituir-se como *sujeito falante*, ou seja, ao tomar a língua como própria, sempre o faz de forma nova, impossível de ser reproduzida, este ato é sempre singular e intersubjetivo. Na enunciação, o *homem* - ser do mundo - , transforma-se em *locutor* - ser do discurso -, para dizer da sua relação com o mundo e deixa vestígios dessa passagem no enunciado: “É ‘ego’ (**locutor**) quem *diz ego (eu)*.” (1988c, p. 286, grifo nosso).

Flores (2013a) defende que o *sujeito da enunciação* é o resultado da colocação da língua em funcionamento; ele advém desse fenômeno linguístico e é de natureza *intersubjetiva* (eu-tu). A *subjetividade* é a capacidade do locutor para se propor como *sujeito falante*, essa capacidade marca a passagem do *locutor* a *sujeito falante*, e a *intersubjetividade* representa o sujeito que advém da enunciação. Há dois estatutos diferentes para o termo *sujeito* em Benveniste no texto *Da subjetividade na linguagem*: aquele como ser – categoria antropológica - e aquele como discurso – categoria linguística. Nesse texto, Benveniste assevera que não há sujeito sem linguagem; ela é, portanto, ao mesmo tempo, *condição de e meio para*. (FLORES, 2013a)

Evidencia-se a passagem da visão de homem para uma visão de sujeito, conforme Flores (2013a). Nas palavras de Benveniste (1988c, p. 286), “a *subjetividade* de que tratamos aqui é a

⁴⁹ As teorias da enunciação são aquelas que, conforme Flores e Teixeira (2005, p. 11), “estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito”.

capacidade do locutor para se propor como *sujeito*". O homem só se configura sujeito quando inscrito na linguagem. Benveniste concebe o sujeito articulado com a definição de linguagem. O ser humano é um ser de linguagem por excelência, que se constitui a cada vez que "abre a boca". O locutor, ao colocar-se como sujeito, sempre o faz de forma nova, impossível de ser reproduzida.

Assim como a linguagem é inerente ao homem, a *intersubjetividade* também o é: quando alguém toma a palavra sempre é para se dirigir a outro alguém; a enunciação instaura o "eu" e o "tu". Como afirma Benveniste (1989d, p. 93), "a linguagem exige e pressupõe o outro". Isso significa dizer que o outro está sempre implicado na enunciação; locutor e alocutário "são alternativamente protagonistas da enunciação"(1989d, p. 87). Flores e Teixeira (2005, p. 34) enfatizam que "a intersubjetividade está para a linguagem assim como a subjetividade está para a língua". Para Benveniste (1989f), a linguagem propõe formas "vazias", que são usadas pelo locutor para enunciar-se e para dirigir-se ao seu parceiro da interação. Essas formas são constantemente atualizadas ou renovadas no exercício da língua.

Flores, no texto *Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação* (2013a), defende que a teoria de Benveniste deixa entrever um lugar para o sujeito que advém da enunciação. O linguista, assumindo como *a priori* o fato de que o homem é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem, afirma que o sujeito é um efeito que advém do fato de algo ter sido dito e não do dito em si. Ele explica que, na perspectiva benvenistiana, o sentido é relativo à enunciação e está relacionado com a *ideia* expressa por um locutor. Dessa forma, o sentido é relativo à frase – que é a unidade do discurso. O autor complementa: é somente na frase que o signo (palavra) produz sentido, o qual pode ser depreendido por meio da análise da organização que é conferida às palavras que formam o enunciado. (FLORES, 2013a)

Para finalizar, *homem* é uma categoria antropológica, *locutor* é uma categoria discursiva e *sujeito da enunciação* é o efeito que advém do gesto de apropriação da língua pelo locutor. Neste estudo, como também nos interessa pôr em relevo, a partir da construção de um dispositivo teórico, a tensão que existe na atividade de trabalho, entendemos ser necessário examinar o sujeito que advém da enunciação como um efeito de sentido. Sujeito e locutor são entidades distintas, então, parece-nos que só é possível estudar o homem (o *corpo-si* convocado a agir na

atividade de trabalho) considerando a experiência que pode ser mostrada pelo sujeito que advém da enunciação.

3.2.2.2 Índices específicos e procedimentos acessórios

No artigo *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste afirma que: “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”(BENVENISTE, 1989f, p. 84). Aresi (2011) e Mello (2012) examinam as palavras empregadas nesse enunciado. Os pesquisadores entendem que o termo *língua*, presente no excerto, indica que o locutor, ao enunciar, recorre ao sistema linguístico, composto pelas formas que serão organizadas por ele (locutor) para produzir sentido; com isso, o aparelho formal da enunciação é configurado a partir do aparelho formal da língua (sistema relativamente estável de signos), renovando-se a cada vez que é usado, como se *re-nascesse* a cada enunciação.

Aresi (2011) sublinha a diferença conceitual entre os substantivos “índices” e “procedimentos”. Explica que o termo “índice” está relacionado à noção de elemento formal que aponta para a subjetividade presente na linguagem e o termo “procedimento” remete à ideia de processo, de modo de organização das unidades da língua – à sintagmatização.

Mello (2012), a partir dos estudos de Flores (2008; 2011) e Aresi (2011)⁵⁰ defende a tese de que, se os índices específicos apontam para os elementos do quadro enunciativo (*eu-tu-aqui- agora* – aparelho formal), os procedimentos acessórios (processo de sintagmatização empreendido pelo locutor ao apropriar-se do aparelho formal da língua e criar o aparelho formal da enunciação) promovem a semantização, chamada por Benveniste de “significação intentada” e fazem emergir o *sujeito* que advém da enunciação, atestando a singularidade de cada ato enunciativo. Dessa forma, o *locutor* é aquele que articula a língua, mera virtualidade, por meio dos índices específicos e dos procedimentos acessórios, enquanto o *sujeito* é aquele que é possível de ser percebido pelo exame das formas e dos processos que se organizam e que são atualizados a cada enunciação. Essa apreensão do sujeito é sempre parcial, pois o todo não é passível de identificação, algo sempre escapa aos olhos do analista.

⁵⁰ O texto de Aresi (2011) é o primeiro a problematizar a formulação de Benveniste sobre os índices específicos e os procedimentos acessórios.

Os índices específicos explicitados por Benveniste são: (i) os índices de pessoa (eu-tu), que se realizam **na** e **pela** enunciação; (ii) os índices de ostensão (pronomes demonstrativos e advérbios); (iii) o paradigma verbal “os ‘tempos verbais’, cuja forma axial, o ‘presente’, coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário”. (BENVENISTE, 1989f, p. 85). Os índices de pessoa e de ostensão têm seu sentido pleno na enunciação, e toda vez que são enunciados remetem a algo novo. Em relação à temporalidade, ele explica que esta é engendrada na enunciação e que o presente da enunciação situa as outras categorias.

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 1989f, p. 85)

Dessa forma, entendemos que os índices específicos compreendem o quadro figurativo da enunciação: *eu-tu-aqui-agora*; são formas que pertencem ao sistema da língua, mas que só existem na enunciação. Os procedimentos acessórios citados por Benveniste são representados pelas grandes funções sintáticas de que dispõe o locutor para enunciar e influenciar o alocutário (interrogação, intimação e asserção) e pelas modalidades.

A interrogação é “uma enunciação construída para suscitar uma “resposta” (1989f, p. 86), exige uma enunciação de retorno, pois convoca o alocutário a responder - *processo de comportamento com dupla entrada* (1989f, p. 86). A intimação representa todos os atos de fala que são proferidos com o intuito de ordenar, de apelar, de advertir e de pedir dirigidos ao alocutário, implica “uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação”(1989f, p. 86). A asserção expressa uma certeza, “é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação”(1989f, p. 86).

3.2.3 As formas complexas do discurso e a metassemântica

Bressan (2010), em sua tese de doutorado, *O deserto de uma metassemântica esconde tamareiras em flor: o legado translinguístico de Émile Benveniste*, enuncia seis princípios que possibilitam a análise translinguística no campo metassemântico. São eles:

1. A metassemântica é uma semiologia de segunda geração: tem como objeto o estudo das relações que se estabelecem entre sistemas semióticos linguísticos e não linguísticos.
2. A metassemântica é a análise das formas complexas do discurso: é a análise de qualquer fato humano, em que seja possível construir a relação entre o método global de apreensão do sentido e o método analítico, tendo por base a semântica da enunciação.
3. A metassemântica tem forma e sentido: sentido e forma são as necessárias faces do importante problema da significação, são noções gêmeas.
4. A metassemântica tem níveis de análise: a noção de nível permite que se reconheça, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo.
5. A metassemântica possibilita a construção de diversos aparelhos de enunciação: sistemas semióticos não linguísticos estabelecem relações que se definem por enunciações não linguísticas.
6. A metassemântica é sempre uma interpretação parcial do analista: o analista tem uma condição espaço-temporal diferente da condição espaçotemporal de seu objeto de análise. (BRESSAN, 2010, resumo)

A pesquisadora encerra sua tese deixando em aberto um sétimo princípio, que ela denomina de princípio vazio, o qual deve ser preenchido pelo analista. Neste estudo, interrogados pelo saber da Ergologia, buscamos preencher esse sétimo princípio através da construção do dispositivo teórico- metodológico baseado na análise translinguística (análise que ultrapassa o nível intralinguístico) que comporta a metassemântica e busca identificar o sentido que advém da enunciação.

As publicações recentes de trabalhos póstumos de Benveniste e a produção científica que amplia suas reflexões apresentam outras leituras para o projeto da metassemântica que poderiam encaminhar o re-exame dos princípios construídos no estudo de Bressan; no entanto, neste momento, é preciso registrar que o trabalho da linguista tem o mérito de ser um dos primeiros a ir na direção de refletir sobre o que seria a metassemântica anunciada por Benveniste, por isso não se pretende revê-los; na verdade, trata-se de registrar que este estudo pioneiro serviu como inspiração e ponto de partida para a proposição desta tese.

A metassemântica é uma disciplina anunciada por Benveniste no texto *Semiologia da Língua*. Trata-se de um projeto que se abre para analisar as formas complexas do discurso, é uma semiologia de segunda geração que deve ser fundamentada sobre a semântica da enunciação e dialogar com outras áreas de estudo, ultrapassando o campo *strito sensu* da linguística. Neste estudo, o testemunho do pesquisador constitui-se nessa semântica da enunciação à medida que ele faz seu relato implicado pelos objetivos do estudo, atravessado pelos seus conhecimentos, pelos seus valores e crenças e se valendo do seu domínio sobre o semiótico/semântico.

A semiologia proposta por Saussure baseia-se exclusivamente na noção de signo; no entanto, a proposta de Benveniste, nomeada de Semiologia de Segunda Geração inclui a Semiologia de Saussure (a dimensão do signo), mas não se restringe a ele. Benveniste opera essa ultrapassagem da noção saussuriana de signo linguístico e estabelece que a Semiologia de segunda geração será construída sobre o domínio semântico que comporta o semiótico, são indissociáveis, assim como *forma* e *sentido* são noções gêmeas.

Conforme Teixeira (2015) “é sobre uma semântica do homem que fala com outro homem, e, ao falar, ressignifica incessantemente a língua que se instituirá a metassemântica de Benveniste”. Ainda segundo a linguista, Benveniste especifica o objeto dessa Semiologia de Segunda Geração – a metassemântica – “as formas complexas do discurso” (Benveniste, 1989f, p. 90) ou “as atividades significantes dos homens em sua interação social” (ONO, 2007, p. 135). Entendemos que, neste estudo, a análise empreendida a partir do testemunho do pesquisador enquanto observador (forma complexa do discurso) configura-se como uma análise translinguística, ou seja, é a realização da metassemântica.

Desta forma, concordamos com o que Teixeira (2015) formula sobre o alcance que o projeto da metassemântica tem na teoria de Benveniste:

Ao meu ver, a metassemântica de Benveniste não é unidimensional; ela interessa também a áreas como a antropologia, a teoria literária, a psicologia, a filosofia, alargando o escopo de sua teoria para além da linguística, na direção de uma “grande antropologia”, isto é, de uma “ciência geral do homem”, fundada no princípio de que o sentido se constitui no ato de apropriação da língua pelo locutor, no seio de uma sociedade e de uma cultura, de onde emerge, como efeito, o sujeito da enunciação.

Após a *re*-leitura desses textos, entende-se que o analista, no empreendimento da análise e da busca do sentido (do efeito sujeito que advém da enunciação), não pode restringir o seu foco ao exame das relações de pessoa, tempo e espaço; é preciso também focalizar os procedimentos acessórios a que se refere Benveniste, isto é, eleger quaisquer fenômenos morfológicos, sintáticos, semânticos que sejam mobilizados pelo locutor para influenciar seu alocutário, pois a língua toda está submetida à enunciação.

3.3 A busca de uma trindade para o estudo da atividade de trabalho (ELE)

Nesta seção, na primeira parte, descreve-se, brevemente, o dispositivo enunciativo (eu-tu/ele)-ELE para a aquisição da linguagem fruto da tese de doutorado de Carmem Luci da Costa Silva (2009) que serve como inspiração para o nosso dispositivo, pois a autora convoca a teoria de Benveniste para compreender o processo de aquisição da linguagem. Na segunda parte, pretende-se examinar o estudo sobre a trindade e a língua realizado pelo filósofo Dany- Robert Dufour (2000) para tratar da dimensão do ELE do dispositivo a ser construído, considerando-se que a experiência humana (atividade de trabalho) se realiza atravessada por esse ELE, imaterial e irrepresentável.

3.3.1 O dispositivo enunciativo (eu-tu/ele) – ELE para a aquisição da linguagem

Silva (2009), em seu livro *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*, desenvolve um dispositivo de análise para estudar “a instauração da criança na linguagem” a partir da teoria enunciativa de Benveniste. Ela assume como pressuposto que “a língua como atividade discursiva é dependente da experiência de cada locutor, ligada às relações intersubjetivas e às instituições sociais em que ele está inscrito”(2009, p. 189) e defende que uma metodologia enunciativa para a aquisição da linguagem deve estar ancorada no princípio de *intersubjetividade*, constitutivo da natureza da linguagem.

A autora argumenta que a análise enunciativa, em aquisição, precisa dar conta do jogo que se estabelece entre a ordem do repetível (organização do sistema da língua) e a ordem do irrepetível (a enunciação é sempre única). Ela estabelece, no dispositivo trinitário de aquisição *eu-tu/ele*, o *ele* como lugar simbólico da língua e acrescenta o ELE como *outro*, não representável linguisticamente. Esse ELE representa a alteridade da cultura que se mostra na enunciação por meio das relações que se constituem entre os elementos do dispositivo.

A unidade de análise do estudo é “o *recorte enunciativo*, concebido como o espaço de discurso em que determinado tema é referido e co-referido na alocação” (p. 219). A análise contempla a enunciação: (i) como *ato*, em que são destacadas as relações diádicas no âmbito do *eu* e do *tu* e as relações trinitárias eu-tu/ele⁵¹ e (ii) como *discurso*, em que se verifica a produção

⁵¹ Silva (2009, p. 221 e 222) apresenta um quadro para caracterizar essas relações e as operações a que estão associadas.

de referências pelo locutor e de co-referência pelo alocutário, “constituído pelo agenciamento de formas e mecanismos pelo locutor para produzir sentidos e referências e enunciar a sua posição subjetiva (2009, p. 223)

De forma esquemática, o dispositivo metodológico de análise construído é utilizado para a análise de fatos enunciativos, cujos recortes são descritos por meio de dois planos simultâneos:

- o da enunciação como *ato*, em que as enunciações “são sempre novas e realizam, a cada vez, a inserção do locutor em um momento novo do tempo e em circunstâncias diferentes”(2009, p. 225)
- o da enunciação como atualização da língua em *discursos* que “evidenciam os funcionamentos subjetivo, intersubjetivo e referencial da linguagem, através da atualização de formas e funções da língua, que instanciam o locutor em sua relação com a enunciação e convocam o alocutário a se inscrever no ato enunciativo”(2009, p. 225)

Nesse estudo, a enunciação como ato é representada pelo dispositivo (eu-tu/ele)-ELE, constituído por diferentes relações diádicas e trinitárias; como discurso, é constituída por formas e por funções agenciadas pelo locutor. Para explicitar as relações diádicas, a autora lança mão de mecanismos enunciativos, descritos a seguir:

1. Primeiro mecanismo enunciativo: as relações diádicas *eu-tu* e *eu/tu* quanto ao aspecto de conjunção/disjunção. Esse mecanismo comporta a operação de preenchimento de lugar enunciativo pela criança. Segundo a autora, ele revela “quatro operações enunciativas de preenchimento de lugar na estrutura da enunciação”(2009, p. 232) -> macro-operação de preenchimento de lugar enunciativo.
2. Segundo mecanismo enunciativo: a semantização da língua e a construção da referência pela díade (eu-tu)/ele. Esse mecanismo comporta o processo de semantização da língua, processo pelo qual a criança atribui referência e sintagmatiza formas no discurso. A esse mecanismo correspondem, conforme a autora, sete operações enunciativas, um exemplo: “por meio da nomeação dêitica do *eu*, produzida na proximidade com um referente”(2009, p. 244) - > macro-operação da referência.

Para explicitar as relações trinitárias, o mecanismo enunciativo é descrito a seguir:

3. Terceiro mecanismo enunciativo: a instauração do sujeito na língua-discurso. Esse mecanismo trata dos “movimentos discursivos de instanciação do *eu* que se constituem pelas operações do aparelho enunciativo de funções sintáticas e pelas operações de marcação do sujeito enunciativo no discurso por meio do aparelho formal da enunciação, especialmente pela categoria de *pessoa*”(2009, p. 265).

Para finalizar, este dispositivo enunciativo prevê, na linguagem: (i) a enunciação e o sistema de referências; (ii) a possibilidade de atualização intersubjetiva e (iii) valores culturais constitutivos do ato de enunciar” (2009, p.269, 270). Além disso, em relação ao sujeito, o dispositivo considera três instâncias conjuntas de funcionamento da intersubjetividade:

(i) uma relação homem/homem na cultura; (ii) uma relação locutor/alocutário no diálogo constitutivo da enunciação e (iii) uma relação eu/tu constituída pelas formas marcadas no discurso. (p. 270). Desta forma, temos “o *ele* como o simbólico da língua e mais um ELE como instância da cultura”. (SILVA, 2009, p. 270)

Silva (2009), ao desenvolver esse dispositivo, defende que o ELE representa a alteridade, é um elemento cultural indispensável à enunciação, “que aponta a possibilidade de convocação de um campo exterior à enunciação para contemplar a relação da linguagem com aspectos que lhe são externos”(p. 270).

Inspiramo-nos nesse estudo para construir o nosso dispositivo enunciativo (teórico-metodológico) para compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI-Neonatal, tomando como objeto de observação o *round*. Para tanto, a ergologia é colocada em interface com a linguística da enunciação de Émile Benveniste a fim de construir um dispositivo que possibilite fazer emergir *as dramáticas do uso de si por si* na atividade de trabalho. Na próxima subseção, apresentamos a visão de Dufour sobre a trindade na língua.

3.3.2 A trindade na língua: a visão de Dufour

Nesta seção, examinamos o estudo do filósofo Dany- Robert Dufour no que diz respeito à trindade e à língua.

Na obra *Os mistérios da Trindade* (2000), o filósofo relata de que forma ele foi “interpelado” pela trindade após ter defendido uma tese sobre a linguagem: “nossas ciências da linguagem estão estruturadas como o mistério da Santíssima Trindade (...) a coisa trinitária me

aparecia, se eu emprestava a minha voz ao Outro “(p. 15). A constatação de que a trindade “assombra” as ciências da linguagem por estar na própria língua o leva a enunciar: “*a trindade está inscrita em nossa condição de homem ser falante*. Quero dizer que existe uma *trindade natural* – como se diz “*língua natural*” – imanente ao fato de falar” (p. 17); a trindade é identificável na linguística.

Para o autor, os homens tornam-se sujeitos falantes e formam sociedades na e pela trindade, que está dominada pela binariedade - o dualismo, a dialética e a causalidade são categorias da razão que se orientam pela lógica da binariedade e estruturaram o conhecimento científico. A trindade, por outro lado, é uma categoria de pensamento que pode preencher “a ‘casa vazia’ que é de fato uma ‘caixa preta’ que encerra o que o estruturalismo precisou *excluir*” (p. 33)

A forma trinitária (três em um) co-existe na binariedade. A linguística da enunciação de Benveniste define primeiro o “eu” como aquele que diz “eu” (relação unária), depois define o “eu” como aquele que não é nem “tu” nem “ele” (relação entre três termos). “Eu, tu e ele” são termos que todo locutor mobiliza quando fala – “eu” e “tu” falam d’“ele” -, constituem um dispositivo no interior da língua, “uma espécie de língua prévia, uma língua de acesso à língua, *uma língua na língua*”(DUFOUR, 2000, p. 69). Dufour defende que Benveniste, ao definir os termos “eu”, “tu” e “ele”, fez a descrição de um singular dispositivo intralinguístico: o conjunto trinitário dos pronomes pessoais.

Benveniste, após estabelecer o conjunto “eu”, “tu” e “ele”, cliva essa definição em dois subconjuntos. O primeiro consiste na díade formada pelo par “eu” e “tu”, representa uma relação de inclusão, está no campo da presença (“eu” e “tu” estão presentes na instância de discurso, no *aqui e agora* da enunciação) e se caracteriza pela unicidade e inversibilidade do “eu” e do “tu” – correlação de subjetividade. A segunda díade é formada pela decomposição do conjunto dos três pronomes pessoais: “eu” e “tu” juntos em oposição ao “ele” e se distingue por uma relação de disjunção, está no campo da ausência, o “ele” é caracterizado pela ausência daquilo que qualifica o “eu” e o “tu”- a relação de subjetividade – representa a ausência nas relações de co-presença, correlação de personalidade. Para Dufour (2000, p. 90, 91), “o “ele” faz *ver* aquilo que não está presente, *re-presenta* o que está ausente (...) em suma, para que dois estejam *aqui e agora* copresentes, é necessário - necessário e suficiente – que um outro esteja lá, ausente”.

O “ele” que se caracteriza pela ausência (não está presente na instância de discurso, no *aqui e agora* quando “eu” e “tu” falam) e representa a não-pessoa é também aquele que garante a presença do “eu” e do “tu”, pois o “eu” e o “tu” se instituem para falar, para dizer d’ “ele”, o referente “ele” (aquilo ou aquele de quem se fala) passa a ser “co-referente” na enunciação. Essa ausência marcada na presença pela enunciação constitui a relação triádica: eu-tu/ele. Nesse sentido, o “ele” é o introdutor de uma ordem para que os dois (eu-tu) estejam presentes na enunciação.(DUFOUR, 2000)

Para a construção do dispositivo, entendemos ser essencial investigar o “ele”, essa ausência *re-presentada* no campo da presença. Dufour (2000), ao tratar de dois “ele” a partir da afirmação de Benveniste de que “o “ele” pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum”, defende que o “ele” apresenta duas formas de ausência: “uma ausência positivamente representada no campo da presença e, por trás dela, uma outra forma de ausência, *irrepresentável* no campo da presença, uma ausência radical”(DUFOUR, 2000, p. 109). Essas duas ausências (a re-presentada e a radical) marcam a díade ele/ele. O “ele” da díade consiste na ausência re-presentada; o “~~ele~~” consiste na ausência radical, a *irrepresentável*, Dufour usa a barra para marcar essa ausência que se tornará presença na enunciação.

O “ele” a meio caminho entre a ausência re-representada e ausência radical aparece como um substituto, um eco ensurdecido do não-representável- mas, ao mesmo tempo, já que ele *nomeia* o não-representável, ele é de imediato a sua dissimulação, simulação ou simulacro. O “ele” é, pelo menos, contraditório: “*ele*” *porta em si uma negação que não pode assumir totalmente*”. (DUFOUR, 2000, p. 112)

Sistematiza-se, no quadro a seguir, as relações que se constituem entre os elementos do dispositivo enunciativo na visão de Dufour

Quadro 1: Relações entre o eu, o tu e o ele, conforme Dufour (2000)

	Relação	Instância do Discurso	
Primeira Díade Eu – Tu	Inclusão	Campo da Presença	Correlação de Subjetividade
Segunda Díade Eu – Tu	Disjunção	Campo da Ausência	Correlação de Pessoalidade

Terceira Díade		Ele -> ausência representada
Ele/Ele		Ele -> ausência irrepresentável
Tríade		Ausência marcada pela enunciação
“Eu-Tu” -> d’Ele		Ausência re-presentada na enunciação

Dessa forma, no dispositivo enunciativo teórico-metodológico desenvolvido nesta tese, o ele representa aquilo de que se fala e está ausente na atividade de trabalho e pode ser uma infinidade de coisas, por exemplo: o estado clínico do paciente, a situação familiar do paciente, as condições de trabalho, as dificuldades, os problemas, entre outras coisas. O ELE representa tudo aquilo que é investido pelo trabalhador ao realizar qualquer tarefa na atividade de trabalho, seu corpo físico, biológico, sua inteligência, seu psiquismo, seus valores, suas crenças, seus saberes, sua história, as normas antecedentes, as renormalizações...

No próximo capítulo, apresentam-se os conceitos ergológicos que podem intervir no dispositivo e que colaboram para com a compreensão do que constitui o ELE.

4 A ERGOLOGIA DE YVES SCHWARTZ

“o dizer não recobre o fazer”

(Schwartz, 2007)

Neste capítulo, apresentamos os conceitos do campo de estudos da ergologia que contribuem para a construção do dispositivo teórico-metodológico enunciativo que visa a fazer emergir como a visão de trabalho é co-construída em reuniões de um grupo multiprofissional de trabalhadores da área da saúde; mas, antes, é preciso explicitar algumas questões.

Primeiro, os conceitos da ergologia têm um papel fundamental para o olhar que o analista dirige ao objeto de estudo na construção deste dispositivo, pois a proposta ergológica de investigação da atividade de trabalho põe em relevo a complexidade que envolve essa atividade e contribui para que o analista não se restrinja a uma visão limitada do que seja esta atividade de trabalho. Segundo, a abordagem ergológica que visa à intervenção no âmago da atividade de trabalho mobiliza um conjunto de conceitos e de procedimentos para a entrada no campo de pesquisa e para a análise dos dados que podem ser articulados com o *eu-tu, aqui e agora* da enunciação. Terceiro, a convocação de um campo de estudos para interrogar a linguística da enunciação é necessária para que a proposta inter e transdisciplinar deste estudo não se perca no estritamente linguístico, fechando-se em si mesma.

Para finalizar, é preciso sinalizar que o exame dos conceitos do campo de estudos da ergologia que nos interessam está atravessado pelo nosso olhar enunciativo e pela reflexão a respeito do que possa constituir a atividade de trabalho dos profissionais da saúde em reuniões de trabalho e pela observação realizada ao longo do período de coleta de dados.

Iniciamos situando o campo de estudos da ergologia.

4.1 O nascimento de uma disciplina

A ergonomia e a ergologia fazem parte do conjunto de ciências que estudam o objeto trabalho. Belliès (2013), no texto *Ergonomie et ergologie: les apports reciproques*⁵², faz um relato de como os dois campos de estudos foram constituídos e de que forma conceitos e métodos

⁵² O texto é fruto de uma entrevista realizada, em 2012, com Catherine Teiger do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios de Paris e Marianne Lacomblez da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade do Porto.

da ergonomia foram incorporados ao que Jacques Durrafourg denomina de “bazar ergológico”. Nesse texto, a autora destaca dois momentos históricos determinantes para a ergonomia e para a ergologia.

O primeiro período (1970-1980) é marcado pelo estudo fundador dos ergônomos Antoine Laville, Catherine Teiger e Jacques Durrafoug, coordenado por Alain Wisner⁵³ sobre o trabalho das operárias no setor de eletrônica de uma empresa de televisores. Entre os resultados dessa pesquisa, está a constatação de que há um desvio (*écart*) entre o trabalho teórico (*trabalho prescrito*) e o trabalho realizado (*trabalho real*); o diagnóstico do que ocorria efetivamente no local de trabalho (microanálise) revelou que as operárias precisavam tomar várias pequenas decisões para dar continuidade à execução da tarefa e para lidar com os incidentes não previstos pelo serviço de métodos que determinava como ela deveria ser feita.

A descoberta desse estudo teve vários desdobramentos importantes nos aspectos sociais, políticos e científicos referentes ao trabalho em si e deram origem a novos conceitos e métodos de pesquisa. Para a ergonomia, no que concerne aos métodos de intervenção, essa abordagem de unir diferentes saberes (o dos trabalhadores e o dos pesquisadores – *bricolage méthodologique*) marcou as pesquisas subsequentes do CNAM; para a ergologia, essa cooperação entre pesquisadores e pesquisados tornou-se um princípio de base. Era uma nova forma de fazer ciência para a época, pois se abandonava a postura de especialista que sabe tudo para ouvir aqueles que trabalham e, com isso, construir uma base comum; “... trata-se agora de se deixar guiar e surpreender pelo campo para compreender o problema. Jacques Duffarourg resumiria essa postura de base pela expressão: *é o campo que comanda*” (BELLIÉS, 2013, p. 137,138 – tradução nossa).⁵⁴

O segundo período de desenvolvimento da ergonomia (1980-1990) corresponde ao nascimento da ergologia em um contexto diferente, marcado pelo que se chamou de crise do emprego. As demandas envolvendo a saúde e as condições de trabalho das organizações tayloristas e fordistas foram substituídas por novos problemas. Os sindicatos e as forças sociais

⁵³ Responsável pelo laboratório de ergonomia do Conservatório Nacional das Artes e Ofícios (CNAM) de Paris. Este estudo foi publicado, em 1982, na revista *Le Nouvel Automatismes*.

⁵⁴ “... il s’agit maintenant de se laisser guider et surprendre par le terrain pour comprendre le problem. Jacques Durrafourg résumait cette postures de base par la formule ‘c’est le terrain qui pilote!’”(BELLIÉS, 2013, p. 137, 138).

uniram-se para tratar do desemprego, das reestruturações, dos deslocamentos do trabalho⁵⁵ e do emprego. Em 1980, o fechamento da empresa de manutenção naval francesa *Terrin* fez com que a Universidade de Provence participasse do processo de reconversão de 6000 trabalhadores da empresa. Yves Schwartz, Daniel Faïta e Bernard Vuillon desenvolveram um estudo para pensar as transformações do trabalho com os próprios protagonistas. Os ergônomos do CNAM participaram desse projeto que se estendeu por vários anos e resultou na publicação de uma obra coletiva⁵⁶.

Essa abordagem metodológica inovadora que confrontava os saberes acadêmicos dos pesquisadores com os saberes da experiência (*saberes investidos*) vindos do campo (*bricolage méthodologique*) tornou-se um princípio metodológico para a ergonomia com o propósito de validar os estudos empíricos. Béllies (2013) explica que há uma divisão no campo de estudos entre: uma corrente experimental e uma que toma como lugar de pesquisa o campo. Esta última subdivide-se em duas abordagens: a que elabora hipóteses *a priori* e as confirma no campo e a que aprende com o campo. A ergologia situa-se nessa segunda vertente, trata-se de uma disciplina de pensamento que visa a aprender com o campo; por isso, a convergência de saberes tornou-se um conceito basilar para a ergologia e um método para a ergonomia. Dessa perspectiva histórica, conclui-se ainda que os dois campos de estudos desenvolveram-se a partir de demandas sociais; desta forma, as problemáticas trazidas pelos próprios trabalhadores, seja por meio dos sindicatos, dos empresários ou de instituições sociais, representam o germe para que essas disciplinas continuem a desenvolver-se e a ciência, por consequência, continue a evoluir.

Desses dois momentos históricos caracterizados pelos estudos brevemente relatados, decorrem questões epistemológicas importantes para ambas as disciplinas. Apresentamos, segundo Belliès (2013), as noções fundamentais que influenciaram a ergologia:

1. A postura investigativa e questionadora da ergonomia aponta questões teóricas e práticas para a ergologia, uma disciplina ainda jovem (conforme Schwartz, 1996).
2. A distinção entre trabalho prescrito e real e a formulação da noção de atividade feitas pela ergonomia wisneriana iluminaram os estudos dos ergólogos por

⁵⁵ O termo em francês é *délocalisations*, refere-se à mudança do local de produção da empresa. Na época, muitas empresas mudavam suas operações de local para reduzir custos de produção. Essa é uma prática comum nos dias de hoje.

⁵⁶ SCHWARTAZ, I; FAÏTA, Daniel. *L'Homme producteur. Autour des mutations, du travail et des saviors*. Messidor. Editions Sociales, 1985.

confirmar aquilo com o qual eles haviam se defrontado no caso dos trabalhadores da empresa Terrin.

3. A noção de atividade tal como foi concebida pela ergonomia aponta para a necessidade de se investigar a dimensão microscópica do cotidiano do trabalho.
4. Esse novo modo de produzir conhecimentos baseado no método indutivo a partir de problemas reais e o espaço dado à voz e aos conhecimentos dos trabalhadores resultaram na construção do *dispositivo dinâmico a três polos* que considera os trabalhadores como protagonistas.

A ergologia tem como seu principal mentor o filósofo Yves Schwartz e se institui como *disciplina do pensamento*⁵⁷ com o propósito de produzir saberes sobre a atividade de trabalho. Suas origens estão na experiência pluridisciplinar e pluriprofissional iniciada na Universidade de Provence, França, na década de 80, através da criação do dispositivo *Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho – APST*. Naquela época, buscava-se responder às demandas feitas pelos operários em relação às consequências advindas do modelo taylorista-fordista de organização do trabalho. Conforme Belliès (2013), o termo ergologia foi utilizado, em 1997, para designar aquilo que se chamava APST, com o propósito de inserir a atividade de trabalho no quadro de uma visão de existência humana como atividade; desejava-se dar visibilidade à dimensão individual do trabalho.

O modelo capitalista concebe o trabalho como uma atividade simples, pois faz parte do dia a dia das pessoas e da vida de todos. Conforme Trinquet⁵⁸ (2013) adverte, no âmbito da gestão capitalista, trabalhar é apenas realizar uma tarefa. Não há espaço para tratar de tudo aquilo que o trabalhador mobiliza, física e intelectualmente, para fazer a tarefa, a dimensão individual, histórica que permeia os processos de trabalho não é considerada. No entanto, como assinala Schwartz (2007), o trabalhador idealizado pelo capitalismo contemporâneo é um sujeito criativo, crítico, dinâmico, inovador, inteligente, multifuncional e não um mero repetidor de

⁵⁷ Na apresentação da obra “Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana” (2007), Milton Athayde e Jussara Brito fazem um breve relato da constituição do paradigma ergológico na França e de como foi criada uma rede de intercâmbio com diferentes universidades brasileiras, a partir da parceria estabelecida com Yves Schwartz e outros pesquisadores, que possibilitou o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares que tinham como foco alguma questão relacionada ao mundo do trabalho. Além da linguística, há estudos que articulam o trabalho à Psicologia Social, à Ergonomia, à Engenharia de Produção, à Saúde Pública e à Educação.

⁵⁸ Conferência realizada na PUC, março de 2013, no I Seminário Aberto sobre Atividade de Trabalho: uma perspectiva ergológica.

tarefas; e esse novo perfil exige que as instituições formadoras de mão de obra façam adaptações em seus programas de forma a atender a essa demanda.

Essa nova configuração do trabalho que reflete na formação e no perfil dos trabalhadores, ao mesmo tempo, convoca os pesquisadores a pensar sobre o que efetivamente acontece no cotidiano da atividade de trabalho e a intervir com ideias que possam apontar para uma direção diferente daquela do discurso dominante sobre o trabalho. Abre-se um campo fértil para pesquisas de caráter ergológico que colocam o ponto de vista da atividade no centro dos estudos sobre o trabalho.

Conforme Athayde e Brito (2007, p. vii),

... a ergologia propõe uma análise ‘situada’, apostando na potência humana de compreender-transformar o que está em jogo, (re)inventando, criando novas condições e um novo meio pertinente – a *si* e à situação. Uma análise que opera com o ponto de vista da atividade, atraindo e permitindo um diálogo sinérgico entre profissionais oriundos de diferentes disciplinas científicas e profissionais que alimentam os saberes da prática.

A disciplina ergológica, de acordo com Schwartz (2000, p. 45-46):

Não é uma disciplina no sentido de um novo domínio do saber; mas, sobretudo, uma disciplina de pensamento. Essa disciplina ergológica é própria às atividades humanas e distinta da disciplina epistêmica que, para produzir saber e conceito no campo das ciências experimentais deve, ao contrário, neutralizar os aspectos históricos. A *démarche* ergológica, mesmo tendo como objetivo construir conceitos rigorosos, deve indicar nestes conceitos como e onde se situa o espaço das (re)singularizações parciais, inerentes às atividades de trabalho.

Investigar o trabalho implica confrontar diferentes olhares e saberes. A abordagem multidisciplinar proposta pela Ergologia para estudar a atividade de trabalho está baseada em alguns conceitos fundantes. Para o nosso estudo, examinamos: o conceito de atividade, o conceito de norma e renormalização, o debate de valores, as dramáticas do uso de si por si e pelos outros.

4.2 O trabalho como *atividade humana e como debate de normas*

A questão central para a ergologia é o estudo da atividade de trabalho. O conceito de atividade formulado pela ergologia foi desenvolvido a partir do conceito de atividade concebido pela ergonomia e da distinção entre *trabalho prescrito* e *trabalho real* conduzida pela Ergonomia.

Para a ergonomia wisneriana, a atividade é entendida como um conjunto de comportamentos observáveis que são colocados em ação pelo trabalhador para realizar sua tarefa

ou como a realização de processos mentais não observáveis. Dessa forma, uma mesma tarefa realizada por dois trabalhadores não será idêntica, há variabilidades individuais, o que fica evidente no estudo realizado com as operárias da fábrica de televisores⁵⁹.

Esse mesmo estudo fundador serviu de base para que a distinção entre *trabalho prescrito* e *trabalho real* fosse descoberta. Ao observar o trabalho das operárias, os ergonomistas constataram que havia uma distância entre aquilo que fora previsto antecipadamente, de forma teórica, que eles denominaram de *trabalho prescrito*, e o que fora efetivamente realizado na execução da tarefa, que eles chamaram de *trabalho real*. Conforme Schwartz (2007a, p. 43), “qualquer que seja a situação, entre o trabalho que a gente pensa antes de executá-lo (...) e a realidade deste trabalho, haverá sempre uma distância (...) ela sempre existiu desde que a humanidade existe.

A distância que existe entre o *trabalho prescrito* e o *real* não pode ser prevista, porque “o conteúdo da distância é sempre ressingularizado” (2007, p. 42) em decorrência da inscrição da dimensão histórica na atividade de trabalho, a qual é compreendida pela história de cada trabalhador nas suas características físicas, psíquicas, culturais. Essa distância representa o espaço em que o *corpo-si* (entidade enigmática) comanda as decisões que precisam ser tomadas pelo trabalhador para gerir essa distância. Além disso, ela remete a um debate de valores que sempre estão em jogo na atividade.

Schwartz (2007a, p. 45) explica que, na atividade de trabalho, a distância entre o prescrito e o real é universal e que o trabalhador faz escolhas, de forma consciente ou não, em função de critérios, isto é, de valores; há, portanto, um constante e infinito debate de valores. O filósofo chama isso de “debate de normas” que geralmente não são vistas. Ele afirma que, se ignorarmos esse debate de valores, não compreenderemos o trabalho”(p. 46).

A ergologia ampliou o conceito de atividade de trabalho ao introduzir um conceito mais antropológico de atividade humana. Conforme Glossário de ergologia: “a atividade é um impulso de vida, de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, cruza e liga tudo o que se representa separadamente (corpo/espírito; individual/coletivo; fazer/valores; privado/profissional;

⁵⁹ Trata-se de um estudo do trabalho taylorizado, em que as operárias modificavam a sequência de operações pré-determinadas pelo setor de métodos e processos para inserir os componentes eletrônicos nas placas de baquelite que passavam diante delas em uma esteira transportadora. Os ergônomos descobriram que as trabalhadoras faziam alterações na forma de execução da tarefa em função de diferentes motivos para facilitar o trabalho que havia sido “cientificamente pensado”. Essa constatação deu origem à distinção entre trabalho real e prescrito estabelecida pela ergonomia. O estudo realizado entre os anos de 1971 e 1972 foi publicado por Jacque Durrafourg, François Daniellou e François Guérin, em 1982, na revista *Le Nouvel Automatisme*.

imposto/desejado; etc. ...).” (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 23).

Schwartz, ao analisar o estudo fundador realizado pelos ergonomistas, formula quatro proposições de base ergológica para caracterizar a atividade humana. São elas: (i) existe sempre uma distância entre o trabalho prescrito e o real; (ii) esta distância é ressingularizada; (iii) a entidade que conduz e que arbitra esta distância é uma entidade simultaneamente alma e corpo, como estabelece a filosofia; (iv) e a arbitragem mobiliza um complexo de valores.”(2007a, p. 46)

Uma das bases da perspectiva ergológica é, segundo Schwartz (2007a, p. 31):

a constatação de que sempre somos apanhados pela retarguarda, no que tange à atividade humana. Ela está sempre, em um dado meio, em negociação de normas. Trata-se de normas anteriores à própria atividade: a atividade negocia essas normas em função daquilo que são as suas próprias. Qualquer que seja a situação, há sempre uma negociação que se instaura.

A ergologia concebe a atividade de trabalho como caracterizada pelo debate de normas, que é um conceito de base antropológica e universal, porque, para Schwartz,⁶⁰ a norma é uma espécie de fundamento da humanidade. O mundo humano é atravessado por normas que contêm uma história (para vivermos em sociedade, precisamos de normas, de regras que regulam esse viver) e o debate de normas assim como a renormalização fazem parte dessa dinâmica que sempre se renova. O filósofo defende que o debate de normas é o que nos diferencia dos animais, o que nos institui como seres humanos.

Esse olhar ergológico para a atividade que inclui o debate de normas como constitutivo da vida humana em sociedade resultou na formulação de conceitos ergológicos específicos que visam, ao mesmo tempo, compreender o que se passa no microuniverso da atividade e articular saberes para poder intervir nas situações de trabalho e produzir conhecimento. Schwartz (2011, p. 135, 136) explica que “para sobreviver e viver, devemos nos conformar a normas de todos os gêneros, criadas na e pelas histórias propriamente humanas”. Em função disso, o agir humano está cada vez mais orientado para modelos, técnicas, representações que antecedem a atividade. Essas *normas antecedentes*, que fazem parte do patrimônio histórico e universal da humanidade, enquadram, antecipam, predeterminam as atividades humanas; elas são anteriores à atividade de trabalho e não levam em conta a singularidade das pessoas no trabalho. O caráter antecipador das normas revela, conforme Schwartz (2011, p. 136), “uma combinação inextricável de conquistas e

⁶⁰ Notas do curso ministrado pelo prof. Yves Schwartz na PUC-SP, no período de 16 a 20 de abril de 2012.

riscos, tanto facilitadora quando opressora da vida social. Nenhuma norma é puramente técnica e, por isso mesmo, neutra, evidente.” Essa conquista da humanidade, a capacidade de produzir normas, a normalização é:

também um risco: aquele de olhar os modelos, as normas como um fim em si, o de ignorar a vida que surge a todo instante. E, no final das contas, deixar como residual ou insignificante aquilo que não está nos modelos e que, no entanto, pôde ser determinante na história que vai sendo tecida. (SCHWARTZ, 2011, p. 137)

Na perspectiva ergológica, trabalhar é uma atividade de seres humanos situados no tempo e no espaço, é sempre complexo e enigmático. É complexo porque, na atividade, não é possível que o trabalhador se atenha somente às normas já pré-estabelecidas, pois sempre há lacunas, imprevistos; em função disso, o ser humano como um todo engaja-se para executar e para lidar com o inesperado do trabalho e entram em cena sua inteligência, sua história, seu corpo biológico, sua individualidade. “O trabalho real exige sempre uma mobilização cognitiva e afetiva do trabalhador” (Borges, 2004, p. 42), já que “as normas não antecipam tudo” (Schwartz, 2007d, p. 193).

Na abordagem ergológica, o trabalho nunca é mera execução⁶¹, é sempre um “destino a viver” (Schwartz, 2007d, p. 193), porque o meio é sempre infiel, ele jamais se repete e não pode ser determinado. O meio é duplamente infiel: (i) porque é *impossível* evitar a variabilidade e a antecipação exaustiva a partir de normas antecedentes, nenhuma prescrição poderá abstrair o *vazio de normas*; (ii) porque o idêntico é *invivível* para o ser humano, é nocivo à sua saúde, pois a vida não pode ser uma submissão ao meio, isso não é viver. É, ao mesmo tempo, *impossível* e *invivível* viver sob a dominação das normas, por isso, conforme Schwartz (2011), a tendência à *renormalização* é universal, é constitutiva das atividades humanas.

Essa dupla infidelidade do meio diz respeito ao fato de que uma situação de trabalho se modifica de um dia para o outro, e o trabalhador precisa “fazer uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para gerir essa infidelidade.” (Schwartz, 2007d, p.192). Ele é convocado a preencher o *vazio de normas*, para gerir a sua atividade à medida que trabalha, pois as coisas nunca ocorrem exatamente da mesma forma; na atividade de trabalho, ele fará *uso de si* para lidar com as lacunas das normas; pois trabalhar não é

⁶¹ A concepção do trabalho como mera execução é uma visão do taylorismo.

simplesmente cumprir tarefas. Ao gerir seu trabalho e preencher o vazio de normas, o trabalhador confere uma dimensão ressingularizada ao meio, pois,

“cada pessoa vai tentar ‘lidar’ com as lacunas ou com as deficiências a seu modo, pois ela não pode fazê-lo de uma maneira padronizada. Ela o faz com sua própria história, seus próprios valores. E ao mesmo tempo ela vai contribuir ainda mais para singularizar o meio, para dar uma fonte de variabilidade suplementar.” (SCHWARTZ, 2007d, p. 192)

As diversas modalidades de trabalho (formal ou informal) integram a atividade de trabalho, que é sempre um *encontro de encontros*; “uma combinatória sempre parcialmente renovada, uma interface sempre parcialmente ressingularizada entre meios técnicos, objetos técnicos e humanos”(Schwartz, 2011, p. 138). No trabalho, encontramos um meio técnico, uma história e criamos uma situação que nunca será a mesma, que não se repete. A atividade é um encontro entre normas antecedentes e entre o *impossível* e o *invivível*⁶² do meio que faz emergir o debate de normas, conforme representa o esquema a seguir.



⁶² Os conceitos de *impossível* e *invivível* relativos à atividade de trabalho foram formulados por Schwartz a partir de sua reflexão do conceito ampliado de saúde proposto por A. Wisner, I. Oddone e G. Ganguilhem.

Figura 1 – A atividade de trabalho
 Fonte: elaboração da autora

O debate de normas resulta em renormalizações que representam a forma como o ser humano lida com as infidelidades do meio, as quais conduzem o trabalhador a fazer escolhas e a tomar decisões. Nesse processo, ele se confronta com um debate de valores individuais e sociais. Por um lado, há um debate intenso, consciente ou não, consigo mesmo - que diz respeito às normas próprias da pessoa, da sua saúde, da sua racionalidade; por outro lado, há valores da ordem social que regulam o viver em sociedade.

Para existir como ser singular, vivo, e em função das lacunas das normas deste meio face às inúmeras variabilidades da situação local, ele vai e deve tentar permanentemente re-interpretar estas normas que lhe são propostas. Fazendo isto, ele tenta configurar o meio como o seu próprio meio. É o processo de renormalização que está no cerne da atividade. Em parte, cada um chega a transgredir certas normas, a distorcê-las de forma a delas se apropriar. Em parte, cada um as sofre como algo que se impõe do exterior [por exemplo, a linguagem é na atividade um esforço de singularização do sistema normativo que é a língua]. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 27).

4.3 O trabalho como uma dramática

Como as normas não antecipam tudo, trabalhar é fazer *uso de si*, é sempre um *dever*, um *destino a viver*. Schwartz (2007d, p. 197) assinala que a abordagem ergológica exige uma posição de *desconforto intelectual permanente*, porque a ergologia:

É uma *démarche* que reconhece a atividade como *debate de normas*. A partir daí, a ergologia tenta desenvolver simultaneamente no campo das práticas sociais e com a finalidade de elaboração de saberes formais, “dispositivos a três polos”, por toda a parte onde é possível. Daí uma dupla confrontação: confrontação dos saberes entre si; confrontação dos saberes com as experiências de atividade como matrizes de saberes. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 25).

Essa postura de aprender sempre a partir do debate de normas e de valores que reconfiguram a atividade implica, também, reconhecer que o trabalho é *uma dramática de usos de si, uso de si por si e uso de si pelo outro*, e a atividade é um lugar de negociação entre normas antecedentes, reguladoras do fazer, e renormalizações decorrentes do investimento do *corpo-si* na atividade.

A atividade de trabalho mobiliza essa entidade enigmática que Schwartz denomina de *corpo si*. Com efeito, “... existe um ‘fazer’ dos pré-hominídeos. Há toda uma relação do fazer e do corpo com a atividade, que permanece onipresente no fazer de hoje, em todas as escolhas não formalizadas de nossas atividades atuais” (Schwartz, 2007c, p. 141). O corpo sempre está presente, pertence às atividades humanas, “o corpo⁶³ nunca está fora de jogo” (p. 145). O *corpo si* é a entidade que estabelece a ligação entre as normas antecedentes e o que é efetivamente realizado no trabalho. Então, as dimensões biológicas, fisiológicas, psíquicas não podem ser eliminadas na renormalização.

Ao investigar-se o trabalho através do exame de situações reais, fica evidente que o trabalho realizado (aquele do eixo da tarefa propriamente dita) não corresponde ao trabalho esperado (aquele determinado por regras, orientado para metas e objetivos das organizações), pois o trabalhador, ao realizar a tarefa, depara-se com várias fontes de tensão e de instabilidade. Ele toma decisões frente a situações não descritas no manual, não codificadas, não previstas; há uma lacuna incontrolável entre aquilo que está normatizado e aquilo que efetivamente é realizado pelo trabalhador: o vazio de normas. Esse vazio de normas é preenchido pelo trabalhador que mobiliza o *corpo-si*.

Corpo-si é o nome dado por Schwartz para denominar uma entidade que não é o sujeito empírico (sujeito consciente ou inconsciente). Trata-se de uma substância enigmática “matriz da atividade humana” (Schwartz, 2000, p. 664), ao mesmo tempo biológico, físico, cognitivo, psíquico, atravessado por crenças, valores que representa, para o analista, a certeza de que algo sempre escapa à análise, pois o *corpo-si* é tudo aquilo que o trabalhador imprime à atividade de trabalho e que se modifica e se reconfigura a todo instante em função do debate de normas e da renormalização. É o corpo e o espírito colocados em ação no trabalho; por isso é impossível definir completamente *a priori* essa entidade; somente a análise pode revelá-la parcialmente.

Entendemos que, em situação de trabalho, o locutor (eu) que se apropria da língua inscreve, na linearidade de seu dizer, algo do *corpo-si* onipresente na atividade humana. O sujeito da enunciação, então, não se reduz a uma entidade homogênea coincidente com o *eu* de que se serve o locutor para ter acesso à língua. O *corpo-si* intervém no ato de enunciação, em sua dimensão biológico-histórico-psíquica. O sujeito que advém na e pela linguagem, na atividade de

⁶³ O termo corpo, nesse perspectiva, envolve também a inteligência, a história e a dimensão do inconsciente da psicanálise, embora Schwartz não se proponha a trazer à discussão essa dimensão.

trabalho, é atravessado por “alguma coisa” que o ultrapassa e impossibilita qualquer tentativa de objetivação.

Trabalhar é enigmático porque toda atividade de trabalho envolve as *dramáticas de uso de si por si e pelos outros*, isto é, o debate de normas e de valores serve como referência para a construção do ambiente de trabalho. Esse debate resulta em renormalizações decorrentes da inscrição do sujeito na atividade; instaura-se uma dialética fundamental entre o singular (renormalização) e o universal (norma). Toda vez que o trabalhador renormaliza o que já está posto ele o faz de forma coletiva, ou seja, o trabalhador leva em conta o grupo, convoca o *outro* e institui uma *entidade coletiva relativamente pertinente*.

As entidades coletivas relativamente pertinentes emergem do debate de normas e de valores que se institui na atividade; elas possibilitam as renormalizações através da negociação entre os pares. A renormalização não representa um processo individual, é decorrente dessa dialética entre o singular e o coletivo do trabalho. Entendemos que as reuniões de trabalho representam um espaço privilegiado de observação de como se dá essa dinâmica.

O *uso de si por si* representa o fato de que todo ato é sempre singular, ou seja, não há duas pessoas, não há dois momentos em que *o uso de si* seja o mesmo; é o momento da história, é o uso do corpo, do espírito, – é a dimensão singular do trabalho. Por outro lado, *o uso de si pelos outros* representa a dimensão social da atividade de trabalho. Para Durrafoug (2007, p. 76), “a singularidade é uma ‘caixa preta’ porque ela tem a tendência de ser deixada de lado, à medida em que ela escapa à nossa racionalidade instrumental, e porque ela resiste à análise”. O *corpo si* – a dimensão singular - é investido no debate de normas, pois “alguém” é convocado a preencher a distância que existe entre as normas antecedentes e a atividade em si; de fato, é uma confrontação do *corpo-si* com as incertezas, com os imprevistos do momento presente.

Schwartz (2007b) destaca que a metáfora da trama e da urdidura de François Daniellou⁶⁴ ilustra muito bem o que ocorre na situação de trabalho. A *trama* representa um conjunto de meios e de procedimentos que remetem ao patrimônio da humanidade no qual se inscreve toda situação de trabalho; e a *urdidura* representa o investimento efetuado pelos indivíduos, sempre únicos e singulares, na atividade de trabalho.

⁶⁴ DANIELLOU, F. *L'ergonomie en quête de ses principes. Débats épistémologiques*. Toulouse : Octarès Editions. (s.d) (1996)

Nas palavras de Schwartz: (i) “a *trama* é o que o humano converte em memória (objetos, técnicas, tradições, o codificado) para tentar governar a atividade” (2007b, p. 105); (ii) “a *urdidura* é tudo aquilo que faz viver as técnicas, o codificado, num dado momento” (2007b, p. 106); (iii) “a articulação entre a *trama* e a *urdidura* produz modos diferentes de trabalhar, faz emergir alternativas” (2007b, p. 109). A trama corresponde ao que Schwartz denomina de “*registro Um* – é visível e relativamente interpretável” (Schwartz, 2007b, p. 106); e a urdidura, ao “*registro Dois* – é um enigma – aquilo que é próprio da atividade humana.

Durrafourg (2007), sobre a metáfora *da trama e da urdidura*, chama atenção para o cruzamento que se impõe àqueles que estudam o trabalho, por meio da dialética entre o singular e o geral. “De um lado, um conjunto de procedimentos e meios – fruto de experiências capitalizadas nos níveis econômico, técnico procedural, jurídico, organizacional, que remetem ao patrimônio da humanidade”(DURRAFOURG, 2007, p. 62) – *a trama*. “De outro lado, o investimento nestas situações de trabalho, efetuado por indivíduos sempre únicos e singulares, com sua história e suas experiências, seus corpos e sua subjetividade, seus desejos e suas expectativas” – *a urdidura*. (DURRAFOURG, 2007, p. 62)

É nessa dialética entre o singular e o universal, entre o individual e o coletivo, que o *corpo si* é convocado a arbitrar o trabalho, a gerir de forma a fazer micro-escolhas (tomar decisões) para “lidar” com os acontecimentos, com os problemas, com o inusitado da atividade levando em consideração a relação que se estabelece com o meio (a própria atividade) e com os outros (os colegas de trabalho). Esse vai-e-vem instaura uma tensão, configura a dramática, pois interpela o trabalhador a fazer *uso de si*, a colocar o *corpo-si* em ação dialogando com os valores e com os saberes individuais e coletivos.

A investigação da atividade de trabalho apresenta-se como um objeto privilegiado de visualização da negociação que se configura entre as normas antecedentes e as renormalizações inerentes à atividade.

4.4 O dispositivo dinâmico a três polos

O dispositivo dinâmico a três polos visa a produzir saberes sobre a atividade de trabalho. O caráter parcial das normas, uma vez que não é possível prever ou antecipar todos os desdobramentos que determinada situação de trabalho possa ter, atua como um jogo de forças de

convocação e de reconvocação, que se articulam nos saberes elaborados no decorrer das atividades. Nas palavras de Schwartz (2000, p. 44):

[...] os protagonistas destas atividades, portadores destes saberes, têm necessidade destes materiais para valorizar seus saberes específicos e transformar sua situação de trabalho. Descrições econômicas, modelos de gestão, categorizações sociais são encontrados sem cessar em seus meios de trabalho e é preciso tratá-los e, novamente, (re)tratá-los.

O dispositivo dinâmico a três polos, decorrente do processo de renormalização que caracteriza a atividade, trata da produção de saberes em três polos: o polo dos conceitos, o da experiência e um terceiro, ético e epistêmico, responsável pela ligação entre os outros dois.

O polo dos conceitos consiste no conhecimento sistematizado, é o polo em que o saber científico ou acadêmico se articula. Compreende-se, então, que os saberes que circulam nessa esfera são aqueles produzidos pela instância da formação, oriundos do cientificismo acadêmico. Já o polo dos saberes da experiência, como o próprio nome indica, comporta os saberes que são construídos, assimilados e reelaborados durante a realização da tarefa, ou melhor, diz respeito aos saberes da experiência, representa o que se denomina, em gestão, de conhecimento tácito (não expresso no manual de normas da organização). O terceiro polo é resultante do encontro dos dois polos anteriores (conhecimento e experiência) e consiste no debate de exigências éticas e epistemológicas, ele pressupõe reconhecer que ambos os saberes são complementares na tarefa de explicar a realidade da situação de trabalho em sua totalidade. Nesse terceiro polo, são articuladas as parcerias, apoiadas na perspectiva de ver o outro como semelhante.

O ponto de vista ergológico faz com que o pesquisador não se deixe levar pela estabilidade dos processos e dos valores que estão em jogo na atividade; pelo contrário, é preciso deixar-se questionar pelos saberes constituídos e pelos saberes investidos na atividade de trabalho. O dispositivo dinâmico a três polos orienta o método de investigação em ergologia que se propõe a produzir conhecimentos em situações reais de trabalho, confrontando “traços objetivos das situações de trabalho e traços subjetivos da ação humana situada” (CUNHA, 2007, p. 42).

Trabalhar com a ergologia supõe o reconhecimento da “impossibilidade de um saber integral e universal”, pois o saber que aí opera é “algo que não pode ser apreendido fora do tempo e do espaço em que se inscreve, como expressão sempre singular e coletiva do uso de si”(GOMES JÚNIOR, 2013, p. 129).

Realizado este percurso de estudo das teorias convocadas por esta investigação, é preciso explicitar como elas estão implicadas na construção do dispositivo teórico; é disso que trata o próximo capítulo.

5 ATANDO OS NÓS: O DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO ENUNCIATIVO PARA PRODUZIR SABERES SOBRE ENCONTROS HUMANOS

Neste capítulo, mostramos de que forma os conhecimentos da linguística da enunciação de Émile Benveniste e da abordagem ergológica de Yves Schwartz estão implicados na construção do dispositivo teórico-metodológico destinado a orientar a análise. Iniciamos examinando, na primeira seção, os sentidos atribuídos ao termo dispositivo; na sequência, retomamos os principais conceitos da enunciação e da ergologia para mostrar como eles estão implicados no dispositivo e o descrevemos. Para finalizar, trazemos a noção de testemunho de Agamben para situar o lugar do pesquisador neste estudo e encaminhar a *mise-en-scène* do dispositivo.

5.1 O TERMO DISPOSITIVO

A palavra dispositivo, no latim *dispositus* ou *disponere*, significa dispor ou colocar; em grego, *sustema* significa o lado sistemático de um grupo, quando o todo é maior que a soma das suas partes. O termo *dispositivo* remete à ideia de “estar à disposição de”. É esta a perspectiva assumida neste estudo: desenvolver um construto (dispositivo teórico metodológico) que sirva para produzir saberes sobre a atividade de trabalho de profissionais da saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI neonatal de um hospital público, tomando o *round* como objeto de observação, ou seja, que fique à disposição dos nossos interlocutores para melhor compreender a atividade de trabalho; portanto, que tenha uma dimensão transituacional.

Agamben (2009, p. 40), no ensaio *O que é um dispositivo*, analisa o conceito de dispositivo em Foucault e propõe a seguinte definição: “chamarei de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas e as opiniões e os discursos dos seres viventes.” Entre vários exemplos, o filósofo cita a linguagem como um tipo de dispositivo – talvez o mais antigo

deles – pelo qual os homens se deixaram capturar e produziram processos de subjetivação que tendem a deixar de lado a dimensão individual.

Neste estudo, por um lado, tomamos a definição de Agambem para dispositivo como um construto teórico-metodológico capaz de “capturar, captar” como a noção de trabalho é co-construída na atividade de uma equipe multidisciplinar; por outro lado, baseando-me na noção de diálogo entre os saberes presente no dispositivo dinâmico a três polos de Yves Schwartz para propor um dispositivo que seja capaz de produzir conhecimento sobre *as dramáticas do uso de si por si e pelo outro* que emergem na atividade.

No âmbito deste estudo, o dispositivo foi criado para tratar dos saberes implicados no polo epistêmico do Dispositivo Dinâmico a Três Polos da Ergologia e, também, para atender à proposta interdisciplinar desta tese. Ele resulta da implicação de um conjunto de conhecimentos de ordem teórica e metodológica que permite olhar o objeto de análise por meio do exame das formas da língua. Ele deve ser capaz de:

- mostrar a singularidade da atividade de trabalho de que trata a Ergologia (Schwartz, 2007a, p. 29);
- flagrar as dramáticas do uso de si por si e pelo outro (Schwartz, 2007a, p. 32);
- fazer emergir o ponto de vista do trabalho (Duffarourg, 2007, p. 60);
- mostrar o ângulo singular e não o individual (Duffarourg, 2007, p. 69);
- identificar os efeitos do “registro Um” (a trama) e os efeitos do “registro Dois” (a urdidura) na atividade de trabalho (Schwartz, 2007b, p. 106)
- interrogar os saberes e as escolhas realizadas nessas renormalizações, na medida em que eles têm todos, uma parte de pertinência ligada ao que as normas antecedentes não poderiam antecipar. (Schwartz, 2011, p. 151);
- mostrar como a experiência humana se inscreve no trabalho.

5.2 O DISPOSITIVO TEÓRICO METODOLÓGICO

Embora ao longo do desenvolvimento desta tese já tenham sido apresentados os fundamentos da teoria da Enunciação de Benveniste e da Ergologia de Schwartz, é prudente retomar os principais pontos de convergência que são colocados em uma relação de implicação transdisciplinar para produzir saberes sobre a atividade no dispositivo que agora se delinea.

Mas antes disso, é preciso dizer que os estudos empreendidos até aqui autorizam-nos a afirmar que Enunciação e Ergologia, cada área com seu construto teórico-metodológico particular, tem um lugar de destaque no conjunto das ciências do homem por dirigir um olhar

investigativo qualificado para a dimensão humana, seja pela concepção antropológica de linguagem de Benveniste, seja pela noção de *atividade* desenvolvida pela Ergologia. Isso só já bastaria, mais uma vez, para justificar a nossa escolha, todavia preciso dizer que o nosso encontro com essas duas teorias sempre foi muito especial. Há várias razões que me levaram a escolher estar com Benveniste e Schwartz para construir este dispositivo e desenvolver este estudo. Examinemos primeiro aquelas relacionadas a Benveniste.

Os estudos sobre a linguagem na perspectiva benvenistiana podem dar visibilidade à construção de alianças e de conflitos no debate de normas na atividade de trabalho, uma vez que, conforme Schwartz, a entidade enigmática, o *corpo-si*:

acumula experiências e saberes de formas extremamente diversas, **notadamente em sua relação com a linguagem**, que articula patrimônio epistêmico e sensibilidade axiológica, sem deixar de estar disponível para ou restrita por micro-escolhas e reajustamentos que a vida não cessa de lhe propor ou impor. (SCHWARTZ, 2014, p. 259 grifo nosso)

A teoria benvenistiana, conforme Flores (2013c), é atravessada por um tipo de tríade epistemológica que abarca homem, linguagem e cultura, o que a insere no espectro da antropologia. O linguista formula uma hipótese para o viés antropológico da teoria benvenistiana: “Benveniste possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva, que não poderia ser desvinculada da noção de cultura” (FLORES, 2013c, p. 191).

Entendemos que o dispositivo apresentado nesta tese talvez possa contribuir com essa reflexão, pois não podemos perder de vista que a atividade de trabalho, objeto de análise deste estudo realiza-se no seio de uma cultura de saúde, cujas práticas médicas, assistenciais, administrativas são renormalizadas por atravessamentos de toda ordem. A análise da linguagem pode, então, mostrar como se inscreve a experiência humana do homem no trabalho.

A teoria da enunciação de Benveniste encontra a experiência humana através da noção de enunciação, construída de acordo com uma visão antropológica de linguagem. A célebre declaração do linguista: “é na linguagem pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1988a, p. 259) atesta que a relação homem e linguagem é indissociável. Dessa maneira, a linguagem é definida em relação estrita com o humano, assim como o homem define-se na relação estrita com a linguagem, é a própria linguagem que ensina a definição de homem.

Além disso, a noção de enunciação comporta uma dimensão relacional, sem a qual não é possível conceber a enunciação em Benveniste. O diálogo é o *quadro figurativo da enunciação*, “é a condição da linguagem humana. Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana”. (BENVENISTE, 1988g, p. 65). Quando o locutor assume a língua “ele implanta o outro diante de si. [...] Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989f, p. 84).

O diálogo é constitutivo da condição do homem estar na língua, pois “como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. [...] Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação.” (BENVENISTE, 1989f, p. 87). Essa dimensão relacional da enunciação em Benveniste reforça o viés antropológico da teoria, pois coloca em jogo a *relação discursiva entre os interlocutores*, possibilitando a produção de conhecimentos sobre a experiência humana, não se circunscrevendo apenas ao funcionamento enunciativo das formas linguísticas.

A cultura e a sociedade fazem parte da enunciação. Não há relação direta entre homem e mundo, nem entre homem e homem. Desta forma, podemos afirmar que a cultura “fala” por meio do par eu-tu, ou melhor, a cultura é uma alteridade que intervém nos enunciados proferidos por eu-tu. Assim, conforme Capt (2013), a teoria da enunciação de Benveniste dissipa a ilusão de um sujeito individual, que fala em seu próprio nome.

Pela língua, o homem assimila a **cultura**, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada **sociedade** se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura. (BENVENISTE, 1988f, p. 32 grifo nosso)

Passemos agora a olhar para a Ergologia.

A perspectiva ergológica define a atividade de trabalho como uma *dramática do uso de si, do uso de si por si e do uso de si pelo outros* que é pouco visível e que mobiliza, em seu interior, nosso ser biológico, histórico e psíquico. Admitir essa dimensão dramática significa considerar o trabalho como uma combinação infinita de variáveis materiais, procedimentais, humanas que destabilizam os protocolos criando pontos históricos singulares.

Isso ocorre porque, na atividade, uma entidade enigmática (*corpo-si*) intervém e comporta as crenças, os valores, tudo aquilo que o trabalhador mobiliza na atividade que muda e se reconfigura a cada instante e que não pode ser descrito totalmente, pois sempre escapa algo.

Assim, a prática profissional, ainda que marcada pela regularidade, é o lugar de um debate de normas e de permanente renormalizações ao mesmo tempo individuais e coletivas passíveis de uma descrição sempre parcial.

O diálogo entre a ergologia e a linguística da enunciação parece natural, pois os dois saberes assumem que a presença do homem não pode ser neutralizada nos processos de produção de conhecimento. Além disso, ambos os campos de conhecimento não se limitam aos conceitos construídos em desaderência, ou seja, que abstraem o presente.

O dispositivo apresentado na figura a seguir é um construto composto de três polos que se constituem por meio de relações diádicas: (i) entre o polo do eu e o polo do tu; (ii) entre o polo eu e o polo do ele e (iii) entre o polo do tu e o polo do ele. Essas relações diádicas sustentam a relação triádica que se estabelece entre os três polos. Todos os três polos, de alguma forma, estão atravessados pela singularidade que o *corpo-si* representa quando o trabalhador faz história na atividade. Antes de descrever os polos, é preciso indicar que o dispositivo é de natureza dinâmica e que as relações que se estabelecem são contruídas a cada enunciação, elas são sempre singulares, irrepetíveis e se organizam, cada vez, *à neuf*. Dito de outra maneira, a todo momento a natureza das relações entre os três polos se reinventa, porque tanto a enunciação como a atividade de trabalho sempre são únicas e singulares. Ao colocar o dispositivo em funcionamento na análise, mostra-se, sempre parcialmente, os efeitos de sentido que essas relações produzem, pois algo sempre escapa, não se representa e não se alcança na análise, porque por trás dessas relações há um locutor que não se mostra totalmente.

Dispositivo teórico metodológico transituacional para produzir saberes sobre encontros humanos na atividade de trabalho

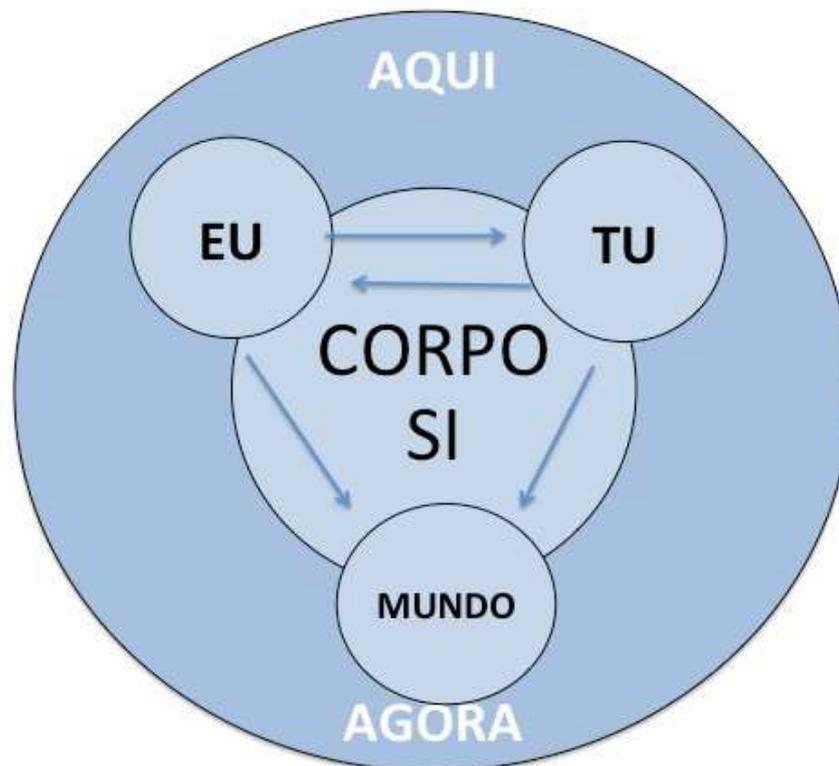


Figura 2: Dispositivo Teórico Metodológico
Fonte: Elaboração da autora

O polo do “eu” e do “tu”

No polo do “eu” e do “tu”, estão implicados o *locutor* de que trata Benveniste, aquele que atualiza a língua para estabelecer uma relação com o mundo, e o *corpo-si* de que trata Yves Schwartz, entidade enigmática que representa o “todo” que o trabalhador investe na atividade, seu corpo físico, biológico, cognitivo, emocional, suas crenças, seus valores, seus saberes (constituídos e investidos), sua história, as normas antecedentes e as renormalizações. *Locutor* e *corpo-si* são constituídos de forma singular; o primeiro por instanciar-se de forma única e

irrepetível a cada enunciação, o segundo por ressingularizar as normas (renormalizações que ocorrem através das entidades coletivas relativamente pertinentes na atividade de trabalho).

Nesse polo, “eu” e “tu” estabelecem relações diádicas no campo da presença, isto é, assumem posições enunciativas na instância do discurso para criar referências e falar do mundo. Há uma relação, ao mesmo tempo, de dependência e de oposição entre os dois polos. O “eu” precisa que o “tu” reconheça como locutor e identifique sua posição enunciativa para poder constituir-se como sujeito; caso contrário o “eu” permanece como uma possibilidade de ser. O “eu” e o “tu” estão atravessados pelo ele (ausência re-presentada no campo da presença - a condição de estar na linguagem) e pelo CORPO-SI (ausência irrepresentável no campo da presença). O *locutor* implica o *corpo-si* na enunciação. Em outras palavras, o *locutor* (ser do discurso) convoca o *corpo-si* (ser do mundo) para falar da atividade: não é possível falar sem “trazer” esse que enuncia.

A noção de corpo-si aponta para alguma coisa que nos ultrapassa, que é ao mesmo tempo biológica, psíquica e atravessada pela história (SCHWARTZ 2010, p. 197). Trata-se do corpo “permanentemente trabalhado por nós, em nossa paixões, desejos e experiências com a vida. Um corpo que porta também uma obscuridade que coloca a distância toda a objetivação do sujeito como um objeto a ser descrito. (GOMES JÚNIOR, 2013, p. 95). O locutor não se apropria da língua como um puro agente egóico. Ele é atravessado por essa dimensão que o ultrapassa e “fala”, de algum modo, em sua fala.

O polo do “ele” - mundo

O polo do “ele” representa a ausência na co-presença, a ausência representada de que trata Dufour (2000), é a condição para que “eu” e “tu” enunciem no *aqui* e *agora*. Esse polo refere-se, no dispositivo, àquele que é falado e emerge, na análise linguística, do exame dos índices específicos e dos procedimentos acessórios mobilizados pelos locutores do polo do “eu” e do polo do “tu” para enunciar e produzir referências; podendo, desta forma, ser descrito. No escopo deste estudo, o “ele” diz respeito a tudo aquilo que é trazido na fala dos locutores e, no caso do *round*, considerando-se as normas antecedentes, deve representar o estado clínico do paciente, pois se trata de um espaço destinado para que a equipe de atendimento do paciente (neste caso, multiprofissional) discuta qual é a melhor forma de tratá-lo, sem que este possa se manifestar. Essa forma de trabalho e de conduta sinaliza para os saberes e os valores que são

mobilizados em prol do atendimento do paciente e pode revelar como eles veem o trabalho na área da saúde e as implicações que o cuidado do paciente gera.

O polo do “ele” mantém uma relação triádica com o “eu” e o “tu”, isto é, os dois polos, quando assumem posições enunciativas o fazem para falar d’ele; com isso, o polo do “ele” está representado na instância enunciativa em que “eu” e “tu” se instauram como sujeitos pela relação de subjetividade; constituindo uma ausência representada pela relação de pessoalidade que se estabelece entre o par “eu-tu” e o “ele”.

O CORPO-SI

O “CORPO-SI” grafado com letras maiúsculas representa a ausência *irrepresentável* de que trata Dufour (2000). Neste dispositivo, ele representa a junção do polo epistêmico deste estudo (a enunciação e a ergologia) em uma relação de implicação mútua. Trata-se de uma heterogeneidade radical que não pode ser desconsiderada. Conforme Authier Revuz (1998), a heterogeneidade indica que o outro – sempre onipresente em toda manifestação linguística – não se restringe a um exterior (a quem, de quem ou de que se fala), mas é, de fato, a condição para que se fale.

Na apropriação da língua pelos locutores, reflete-se o atravessamento no *corpo-si*, das normas antecedentes, das renormalizações, das crenças, dos valores, dos saberes constituídos, dos saberes investidos, os quais são identificados, apenas parcialmente, pela análise linguística. O CORPO-SI que atravessa a enunciação não pode ser descrito completamente, tem um componente imaterial e irrepresentável que não é possível acessar pela análise, é marcado por uma falta que a psicanálise pode melhor explicar.

O funcionamento desses três polos “eu”, “tu” e “mundo-ele” que, no *aqui e agora* da enunciação e da atividade de trabalho, é atravessado pelo CORPO-SI produz efeitos de sentido que podem ser identificados pela análise do material linguístico (neste estudo os excertos recortados da transcrição de dois *rounds*), que permite mostrar o potencial da língua para desvelar a sociedade e a cultura. Desta forma, este dispositivo não se restringe à produção de conhecimentos sobre a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI neonatal de um hospital público, acredita-se que ele também pode ser utilizado para produzir saberes sobre os encontros humanos para além da atividade de trabalho.

5.3 O LUGAR DO PESQUISADOR/ANALISTA: DA OBSERVAÇÃO AO TESTEMUNHO

Nesta seção, apresentamos os fundamentos da análise derivados do dispositivo. Primeiro discutimos o lugar do analista a partir da noção de testemunho cunhada pelo filósofo Giorgio Agambem.

O filósofo Giorgio Agamben, em sua obra *O que resta de Auschwitz* (2008), desenvolveu reflexões importantes sobre a noção de testemunho. Ele fez uma leitura atenta da obra de Benveniste, mostrando interesse pelas noções de intersubjetividade, sujeito e linguagem; fato que nos levou a buscar, nos ensinamentos do autor, elementos para tratar o lugar do linguista enquanto analista e observador.

Para compreender noção de testemunho, é preciso apresentar, primeiro, o conceito de homem que está diretamente relacionado com as noções de muçulmano e sobrevivente trazidas por Agambem. O *muçulmano* é o ser que está no limbo entre a vida e a morte, ele é um vivente que passou por um processo de desumanização. É um “morto-vivo”, seu corpo biológico tem vida, mas a centelha de vida que o torna humano foi apagada, é a figura inumana que perambulava pelos campos de concentração e que não encontra um lugar para si.

O *sobrevivente* é aquele que sobreviveu ao campo de concentração, aquele que conseguiu sair de Auschwitz e, por esse motivo, carrega a culpa por estar vivo. Ele também sente vergonha por ter sobrevivido, esse sentimento de vergonha do sobrevivente pode ser explicado por viver em lugar de outrem, por ter sido ele a sobreviver. A lição de Auschwitz:

O homem é aquele que pode sobreviver ao homem. No primeiro sentido, refere-se ao muçulmano (ou à zona cinzenta) e significa, então, a inumana capacidade de sobreviver ao homem. No segundo, refere-se ao sobrevivente, e indica a capacidade do homem de sobreviver ao muçulmano, ao não-homem.[...] isso significa que a identidade entre homem e não-homem nunca é perfeita, e que não é possível destruir integralmente o humano, que algo sempre resta. A testemunha é esse resto. (AGAMBEN, 2008, p. 135,136)

“*Ich war ein Muselman*”⁶⁵, essas são as palavras sempre presentes no relato dos prisioneiros de Auschwitz que sobreviveram à condição de *muçulmano* e se tornam *testemunha*

⁶⁵ A expressão está no primeiro estudo dedicado ao muçulmano intitulado *Na fronteira entre a vida e a morte: um estudo do fenômeno do muçulmano no campo de concentração*, de Z. Ryn e S. Klodzinski, publicado em 1987, um ano após a morte de Primo Levi, com o relato de 89 testemunhos em que foi questionada a origem do termo (AGAMBEN, 2008)

ao tentar descrever o que viveram. A expressão é reveladora do Paradoxo de Levi, o então *muçulmano* agora fala e dá *testemunho* em primeira pessoa, em um sentido extremo, “*Eu, alguém que fala, era um muçulmano, ou seja, alguém que, em nenhum caso, pode falar*” (AGAMBEM, 2008, p. 164).

Para Agamben (2008, p. 146), o *testemunho* é “o sistema de relações entre o dentro e o fora da *langue*, entre o dizível e o não-dizível em toda língua – ou seja, entre uma potência de dizer e a sua existência, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer”. Isso implica situar o sujeito justamente nessa cisão entre o dizer e o poder não dizer, ou seja, em um lugar vazio.

As noções de muçulmano e sobrevivente constituem a visão de homem no pensamento do filósofo; a noção do *testemunho* traz o sujeito como categoria filosófica, como aquele que precisa que o homem tome a língua para ocupar o lugar vazio. Nas palavras de Agambem:

O sujeito é, pois, a possibilidade de que a língua não exista, não tenha lugar – ou melhor – de que só tenha lugar pela sua possibilidade de não existir, da sua contingência. O homem é o falante, o vivente que tem a linguagem porque *pode não ter* língua, pode a sua in-fância. (AGAMBEN, 2008, p. 147)

Levi, ex-prisioneiro de Auschwitz, relata algo que viveu e isso o torna uma testemunha perfeita. Pensando com Benveniste, ao tomar a língua, Levi constitui-se como sujeito que conta a sua experiência, que dá seu *testemunho*, o qual é constituído pela cisão entre aquilo que é possível dizer e aquilo que não é possível dizer, pois nunca poderá relatar o vivido em sua totalidade.

Farias (2014), com base em Agambem, defende que o lugar do pesquisador observador admite, ao mesmo tempo, uma potência e uma impossibilidade de dizer: como falante, ele pode traduzir a experiência de observar a cena em discurso; no entanto, “há um limite para a tradução da experiência. Há parte do vivido que é da ordem do indizível”. (FARIAS, 2014, p. 63)

Essa impossibilidade de dizer tudo é constitutiva do lugar de enunciação do sujeito; no entanto, a noção de *testemunho* de Agamben considera, em seu conceito, o não distanciamento do relato do sujeito que fala sobre a experiência que viveu, ou seja, no relato do observador, o analista já está implicado. Conforme Farias (2014, p. 74):

No *testemunho*, está presente o *falante*, enquanto categoria antropológica, o *locutor*, enquanto categoria linguística que representa a possibilidade de se marcar no discurso, o *sujeito* enquanto efeito da apropriação da língua por um locutor, e o *analista*, enquanto

aquele que retorna sobre o vivido para (re) construir sua experiência por meio da enunciação.

Benveniste (1988h) nos ensina que a linguagem é uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura de um povo e que, em qualquer tipo de descrição ou de formalização, devemos obrigatoriamente supor que o objeto de análise, “a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos. [...] Numa cultura, como numa língua, há um conjunto de símbolos cujas relações é necessário definir.” (1988h, p. 13)

Dessa forma, toda análise metasssemântica depende da figura do analista que traz à tona o seu ponto de vista para criar o objeto de análise é sempre uma interpretação parcial. A parcialidade da análise repousa no fato de que o pesquisador analista se encontra em uma condição espaço-temporal diferente do seu objeto de análise, ao se apropriar da língua para conduzir a análise faz gesto de interpretação sobre uma determinada enunciação sempre única, irrepitível e evanescente.

Nesse movimento, ele precisa encontrar, nas formas complexas do discurso, as marcas deixadas pelo sujeito que advém da enunciação; no entanto, não é possível encontrar todas as marcas necessárias à interpretação em sua totalidade, pois é impossível esgotar o sentido, como lembra Saussure (2004, p. 71): “[...] querer esgotar as ideias contidas em uma palavra é uma empreitada totalmente quimérica [...]. Para esgotar o que é contido em *espírito* por oposição à *alma* ou a *pensamento* [...] uma vida humana poderia, sem exagero, se passar”. Ainda sobre essa questão, vale a pena lembrar o que Benveniste (1988e, p. 135) afirmou sobre os linguistas terem tentado em vão excluir o sentido de suas análises pelos desafios que este lhes impõe, “é inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam.” e, muitas vezes, paralisando-os.

O dispositivo criado foi concebido para que o analista lide com essa cabeça de Medusa e não seja paralisado por ela a fim de empreender a análise de formas complexas do discurso, no caso desta pesquisa, os registros do diário de campo e os recortes selecionados das situações de diálogo testemunhadas pelo pesquisador observador. Além disso, o dispositivo também visa a produzir saberes sobre os encontros humanos, ou seja, ao operar o dispositivo em funcionamento, espera-se dar visibilidade a como a experiência humana se realiza, no âmbito deste estudo, na atividade de trabalho de profissionais da saúde de uma equipe multiprofissional

que atua em uma UTI Neonatal de um hospital público. No capítulo seguinte, apresenta-se a *mise en scène* do dispositivo.

6 MISE-EN-SCÈNE DO DISPOSITIVO

A natureza inter e transdisciplinar desta pesquisa, que convoca dois campos de estudo - teoria da Enunciação de Émile Benveniste e abordagem ergológica de Yves Schwartz - numa relação de implicação para produzir saberes sobre a atividade de trabalho de uma equipe multiprofissional, exige a explicitação das escolhas que sustentam a condução da pesquisa e a análise. Neste capítulo, retomamos o objetivo do estudo e descrevemos o processo de entrada no campo de investigação (parte integrante da análise) e o percurso metodológico para geração dos dados e constituição do *corpus*. Também delineamos os procedimentos construídos para empreender a análise a partir do dispositivo e, no final, apresentamos a análise dos excertos selecionados.

Este é um estudo qualitativo de caráter exploratório que tem por objetivo compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI neonatal de um hospital público, tomando como objeto de observação o *round*. Para tanto, no capítulo 2 desta tese, fundamentamos a nossa escolha teórica e os pressupostos epistemológicos que sustentam a pesquisa; nos capítulos 3 e 4, apresentamos a nossa leitura dos campos teóricos convocados para, no capítulo 5, construir o dispositivo a fim de “olhar” para o que se passa na atividade de trabalho e, assim, produzir saberes sobre a inscrição da experiência humana no trabalho que possam dialogar com o campo social.

A entrada no campo de investigação, descrita na seção 6.2, foi feita através do acompanhamento *in loco* da atividade de trabalho da equipe no *round* e resultou no relato que apresenta o testemunho da experiência vivenciada pelo pesquisador nesse período de oito meses aproximadamente. A constituição dos dados para análise, descrita na seção 6.3, foi realizada pelo pesquisador/analista a partir da transcrição da gravação de dois *rounds*, que resultou nos excertos (recortes enunciativos) a serem analisados. O objetivo do estudo e a necessidade de colocar o dispositivo em funcionamento conduziram a organização do relato de entrada em campo e a seleção desses recortes, cuja análise é apresentada na seção 6.4. para ilustrar o funcionamento do dispositivo.

Como os dados gerados para esta pesquisa foram constituídos no contexto da saúde, em hospital público, antes de colocarmos o dispositivo em funcionamento, cumpre-nos a tarefa de,

mesmo que brevemente, situar as diretrizes que orientam o funcionamento desta organização destinada a tratar de pessoas doentes; passemos, então, a descrevê-las.

6.1 CONHECENDO O CONTEXTO DA PESQUISA PARA COMPREENDER O QUE É SAÚDE

Nesta seção, descrevemos, brevemente, na primeira parte, o Sistema Único de Saúde (SUS) e a Política Nacional de Humanização (PNH); a seguir, na segunda parte, examinamos o conceito de saúde a partir do que foi determinado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e seus desdobramentos no SUS e na PNH para compreender em que contexto a atividade de trabalho analisada se realiza, uma vez que os dados foram gerados em um hospital público que opera sob as leis desse sistema.

6.1.1 O Sistema Único de Saúde e a Política Nacional de Humanização

O SUS é um sistema regionalizado e hierarquizado que integra o conjunto das ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo poder público. Em 1986, após a aprovação do conceito de saúde como um direito do cidadão, os fundamentos do SUS foram delineados com base no desenvolvimento de várias estratégias que permitiram a coordenação, a integração e a transferência de recursos entre as instituições de saúde federais, estaduais e municipais. Essas mudanças administrativas estabeleceram os alicerces para a construção do SUS. (PAIM et al, 2011)

O Sistema Único de Saúde tem como objetivo a atenção integral em saúde, o que está em consonância com o conceito ampliado de saúde e em contraposição à visão mecanicista – modelo biomédico de assistência. Ele foi concebido com base no princípio de que a saúde é um direito do cidadão e um dever do estado, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988. Os princípios doutrinários do SUS estabelecidos pela Lei Orgânica da Saúde Nr. 8080 de 1990 e válidos para todo o território nacional são: a universalidade, a equidade e a integralidade; e as diretrizes: a descentralização; a regionalização, a participação social. Em outras palavras, “O SUS tem o

objetivo de prover uma atenção abrangente e universal, preventiva e curativa, por meio da gestão e prestação descentralizadas de serviços de saúde, promovendo a participação da comunidade em todos os níveis de governo.” (PAIM, et. al, 2011, p. 11). O Sistema Único de Saúde, orientado pelo direito à saúde e pelo papel do Estado na garantia desse direito, apresenta, em sua estrutura administrativa, diferentes esferas de participação e instrumentos que visam a garantir a democratização e o compartilhamento da gestão do sistema de saúde. (NORONHA, LIMA, MACHADO, 2008)

A descentralização e a regionalização dos serviços de saúde, com base na redefinição das funções e atribuições das diferentes instâncias de gestão, foram organizadas por meio de um conjunto de leis⁶⁶ que levaram os municípios a assumir um papel estratégico no atendimento à saúde da população. Em 2003, foi criada a Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde, fruto da convergência de três objetivos: *i)* enfrentar desafios enunciados pela sociedade brasileira quanto à qualidade e à dignidade no cuidado em saúde; *ii)* redesenhar e articular iniciativas de humanização do SUS e *iii)* enfrentar problemas no campo da organização e da gestão do trabalho em saúde que têm produzido reflexos desfavoráveis tanto na produção de saúde como na vida dos trabalhadores⁶⁷.

Pasche, Passos e Hennington (2011, p. 4542) argumentam que “apostar na humanização da atenção e gestão do SUS retoma a agenda da reforma sanitária ao chamar atenção para a necessidade de problematizar os modos de fazer presentes nas práticas de saúde desenvolvidas pelos trabalhadores e equipes no cotidiano”. A Política Nacional de Humanização é concebida a partir da compreensão de que os modos de atenção e de gestão são indissociáveis, inseparáveis, isto é, não é possível mudar as práticas de atenção à saúde sem promover mudanças na gestão dos processos de trabalho. Dessa forma, a PNH confere autonomia, protagonismo e corresponsabilidade daqueles que estão envolvidos nos serviços de saúde. (Brasil, 2008).

Para Cardoso e Hennington (2011, p. 91):

a humanização não se limita à emergência de novas propostas. Trata-se, na verdade, de uma estratégia de valorização das práticas de gestão e de atenção que já ocorrem no dia a dia dos serviços, buscando romper o abismo entre a tradicional normatização e prescrição do aparato burocrático do Estado e o agir concreto na experiência cotidiana de

⁶⁶ Trata-se de um arcabouço normativo representado por quatro Normas Operacionais Básicas (NOB), de 1991, 1992, 1993 e 1996. Na década de 2000, foi publicada a Norma Operacional da Assistência à Saúde (Noas), nas versões 2001 e 2002, e, em 2006, as portarias relativas ao Pacto pela Saúde.

⁶⁷ Cf Brasil. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Saúde. *Documento Base*. 4ª ed. Brasília: Ministério da Saúde (MS); 2007.

produzir saúde.

A Política Nacional de Humanização é uma orientação sobre como agir no trabalho tanto para a esfera de atuação do gestor como para o trabalhador que se envolve diretamente no serviço de atendimento à saúde. Trata-se de uma norma que busca adentrar na atividade de trabalho em si, que leva a singularidade para a prática, ou seja, é uma forma de atenção e promoção da saúde que prevê “o corpo si”; em contraponto ao “corpo dado” do saber médico, aquele da normatividade, descrito a partir de parâmetros médicos. A União, os Estados, o Distrito Federal e Municípios possuem competências e funções específicas, articuladas entre si, que caracterizam os três níveis de gestão do SUS - o Federal, o Estadual e o Municipal, que compartilham as responsabilidades de promover a articulação e a integração do sistema, assegurando o acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde.

O cuidado, nos hospitais, é necessariamente multiprofissional, isto é, depende da conjugação do trabalho de vários profissionais. Esse cuidado congrega um grande número de pequenos cuidados parciais que vão se complementando, de maneira mais ou menos consciente e negociada, entre os vários cuidadores que circulam e produzem a vida do hospital”. (CARDOSO, HENNINGTON, 2011, p. 89).

6.1.2 O conceito de saúde

Em 1948, a OMS, no documento que a constituiu como entidade, estabeleceu o conceito de saúde como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Nesse conceito, há duas dimensões: *i)* saúde como ausência da doença; *ii)* saúde como bem-estar.

A visão de saúde como ausência da doença é muito difundida no senso comum, é fruto do paradigma científico positivista de ciência e resulta numa prática médica que divide o corpo em sistemas, em órgãos e prioriza a especialização. Classificar os seres humanos em doentes e não doentes (saudáveis) é redutor e limitado; pois, embora a maioria da população se considere saudável quando não está doente, nem sempre a ausência de sinais e de sintomas indica saúde.

Esse conceito sofreu muitas críticas, visto que a visão de saúde como estado completo de bem-estar implica algumas dificuldades no que diz respeito ao uso da expressão “estado

completo” que remete a uma dimensão utópica e conceitual. O que é viver em estado de bem-estar? É possível alguém viver em constante estado de bem-estar? Como seria possível implementar um serviço de atendimento à população orientado por esse conceito?

Capoani (1997), considerando os estudos de Canguilhem, assinala que *bem-estar* refere-se a tudo aquilo que, em uma sociedade, é considerado como *normal*. A autora lembra que, para Canguilhem, “as infidelidades do meio, os fracassos, os erros e o mal-estar formam parte constitutiva de nossa história e desde o momento em que nosso mundo é um mundo de acidentes possíveis, a saúde não poderá ser pensada como carência de erros, mas sim como a capacidade de enfrentá-los” (CAPOANI, 1997, p. 301, 302).

Canguilhem argumenta que há um duplo sentido no conceito de normal: ele comporta, de um lado, a noção de médias e de estatísticas, de parâmetros, de *normas* de adaptação ao meio; de outro lado, à noção daquilo que é considerado desejável, *normal* em uma determinada época por uma sociedade qualquer. O filósofo, ao questionar-se sobre a relação entre norma e média, constata que o normal resulta de hábitos individuais; enquanto as médias estatísticas expressam constantes funcionais (fisiológicas), são normas coletivas resultantes de valores sociais, biológicos e históricos que se transformam ao longo do tempo.

Ser normal corresponde à capacidade inerente ao ser humano de instaurar uma nova norma diante de um cenário de restrições e de adversidades. Conforme Capoani (1997, p. 297), “uma pessoa pode ser normal em um determinado meio e não sê-lo diante de qualquer variação ou infração do mesmo. Recordemos que saudável é nesta perspectiva, aquele que tolera e enfrenta as infrações”.

Canguilhem (2012), ao examinar as relações entre o normal e o patológico, argumenta que saúde implica poder adoecer e sair do estado patológico, é a capacidade do ser humano de confrontar-se com situações novas pela “margem de tolerância ou segurança que cada um possui para enfrentar e superar as infidelidades do meio” (2012, p. 148). Para o filósofo, a doença não é o simples desaparecimento de uma ordem fisiológica, mas sim o aparecimento de uma nova ordem vital; saúde supõe a capacidade de instituir novas normas. Ele afirma que as tentativas de definir objetivamente o que é saúde produziu o apagamento do corpo subjetivo.

Meu médico é aquele que aceita, de um modo geral, que eu o instrua sobre aquilo que só eu estou fundamentado para lhe dizer, ou seja, o que meu corpo me anuncia por meio de sintomas e cujo sentido não me é claro. Meu médico é aquele que aceita que eu veja nele um exegeta, antes de vê-lo como reparador. A definição de saúde que inclui referência da vida orgânica ao prazer e à dor experimentados como tais introduz sub-repticiamente

o conceito de **corpo subjetivo** (grifo nosso) na definição de um estado que o discurso médico acredita poder descrever na terceira *pessoa*.(CANGUILHEM, 2005, p. 44)

A prática da medicina parece indicar que a relação entre médico e doente (ou paciente) nem sempre é harmoniosa; o médico, por um lado, nem sempre consegue “ouvir” o paciente; por outro lado, o paciente também não tem êxito em comunicar-se com seu médico por esse distanciamento que o discurso médico suscita.

Capoani (1997) assevera que a subjetividade é um elemento inerente à definição de saúde-doença (relação inseparável) e estará presente tanto em uma concepção restrita quanto em uma perspectiva ampliada de saúde. Dor, sofrimento, prazer (constantes relativas à saúde) apontam para a necessidade de falarmos na primeira pessoa, justamente quando o discurso médico insiste em falar na terceira pessoa.

O doente foi o primeiro a constatar, um dia, que *alguma coisa não ia bem*; notou certas modificações, surpreendentes ou dolorosas, da estrutura morfológica ou do comportamento. Com ou sem razão, chamou a atenção do médico para essas modificações (...) O médico tem a tendência a esquecer que são os doentes que chamam o médico. (CANGUILHEM, 2012, p. 148)

Em outras palavras, o corpo humano tem uma dimensão que é inacessível aos outros, o médico precisa, então, ouvir o paciente para *tentar* acessar aquilo que é de acesso exclusivo do paciente. O filósofo defende que o conceito de saúde não é científico; pelo contrário trata-se de um conceito vulgar e de uma questão filosófica. Vulgar porque está ao alcance de todos, qualquer indivíduo é capaz de o formular; “a experiência humana confere o sentido de uma permissão de viver e de agir pela vontade do corpo”(Canguilhem, 2005, p. 46-47); filosófica porque se questiona “se a saúde não seria a verdade do corpo”(2005, p. 38).

Em 1986, na VII Conferência Nacional de Saúde⁶⁸ realizada em Brasília, marcada por ser um momento de luta pela universalização da saúde no Brasil e por garantir aos cidadãos o acesso à saúde como direito social e universal, estabeleceu-se o *conceito ampliado de saúde*:

Em sentido amplo, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado

⁶⁸ Cf. Portal da saúde: A 8ª CNS foi o grande marco nas histórias das conferências de saúde no Brasil. Foi a primeira vez que a população participou das discussões. Suas propostas foram contempladas tanto no texto da Constituição Federal/1988 como nas leis orgânicas da saúde, nº. 8.080/90 e nº. 8.142/90. Participaram dessa conferência mais de 4.000 delegados, impulsionados pelo movimento da Reforma Sanitária, e propuseram a criação de uma ação institucional correspondente ao conceito ampliado de saúde, que envolve promoção, proteção e recuperação” Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1124> Acesso em 15/03/13. Relatório da VIII Conferência Nacional da Saúde

das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (BRASIL, 1986, p.4)

A partir dessa definição, uma terceira dimensão no conceito de saúde que envolve promoção e atenção é estabelecida: a saúde como um valor social. Esse conceito considera aspectos econômicos, sociais e políticos. Nesse sentido, instaura um novo paradigma para as políticas de saúde, pois contrapõe-se ao modelo assistencial de saúde centrado no indivíduo, na doença e no médico. Os princípios que norteiam a instituição de um novo sistema de saúde já estão, de certa forma, delineados nesse conceito.

Capoani (1997), baseada em Canguilhem, defende que, considerando a esfera social, saúde é a capacidade de indivíduos e de coletivos de lidar com as infidelidades do meio. A autora exemplifica sua tese por meio da análise do caso da tuberculose, em que os organismos menos saudáveis são aqueles que possuem menor capacidade (alimentação, higiene, educação) para “enfrentar” a infidelidade (bacilo causador da doença) que o seu meio apresenta; portanto, “a capacidade de tolerância para enfrentar as dificuldades está diretamente vinculada a valores não só biológicos, mas também sociais” (CAPOANI, 1997, p.305).

Seliar (2007), no artigo *História do conceito de saúde*, afirma que a Constituição Federal de 1988 não discute o conceito de saúde e não examina uma questão importante: Como criar uma política de saúde pública sem critérios sociais, sem juízos de valor?; no entanto, em seu artigo 196, estabelece o princípio que norteia o Sistema Único de Saúde: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Cabe ao estado prover recursos, coordenar, planejar a gestão, acompanhar, controlar, regular e avaliar as ações e os serviços.

Para Canguilhem, a medicina precisa articular três polos: o saber médico (o corpo dado, aquele conhecido pelo saber); a relação médico-paciente (conjunto de conhecimentos singularizados por essa experiência); e o saber do paciente. Essa relação triádica entre os três polos deve ser estabelecida pela competência médica e também pelo paciente.

A clínica médica prevê o encontro com o polo 3 (o do paciente), em que o médico precisa olhar para o paciente de modo singular. Dessa forma, a norma instaurada pelo saber médico não considera o saber subjetivo, pois só o paciente pode dizer como está. Nessa perspectiva, o polo 1 (o saber médico) não está preparado para isso, pois não se pode viver em saúde a partir da lei do

outro. O médico precisa aprender o que é saúde para o seu paciente. (CANGUILHEM, 2005; 2012)

6.2 ENTRANDO NO CAMPO DE PESQUISA: DA OBSERVAÇÃO AO TESTEMUNHO DO PESQUISADOR-OBSERVADOR

Nesta seção, descrevemos o processo de entrada no campo de pesquisa, desde a geração da demanda, as tratativas com o hospital e com os participantes do estudo até o término do período de observação. As observações realizadas pelo pesquisador durante esse período foram organizadas na forma de um relato e constituem o testemunho da experiência vivida, a partir do qual fazem-se considerações, no final da seção, sobre essa experiência. Dessa forma, fazem parte da análise.

6.2.1 Etapa Preliminar

Nessa primeira fase do estudo, efetuamos o relato dos procedimentos necessários para a entrada no campo de pesquisa, de forma a criar condições favoráveis para a nossa⁶⁹ inserção no contexto da pesquisa e para a geração dos dados.

Inicialmente, foi feita uma primeira visita ao hospital para avaliar as possibilidades de se realizar a pesquisa na instituição e para verificar como poderia ocorrer a nossa entrada no campo de estudos. Essa visita foi organizada pela profissional responsável pela área de recursos humanos do hospital⁷⁰, após contato feito pela professora Marlene Teixeira com a instituição.

Em uma reunião com o médico diretor do hospital, com o médico responsável pela Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal e com a responsável pela área de recursos humanos do hospital, foi apresentado o projeto. A direção do hospital e o médico gestor da UTI-Neonatal autorizaram a realização da pesquisa e a nossa inserção no campo de investigação, foi definido que nós poderíamos participar dos *rounds* da UTI-Neonatal.

⁶⁹ A expressão refere-se, na seção 6.1.1 e 6.1.2, ao grupo de pesquisa liderado pela Profa. Marlene Teixeira (orientadora), por mim e por uma bolsista de iniciação científica.

⁷⁰ Os dados do responsável pelo primeiro contato e pela geração da demanda não podem ser revelados por questões de sigilo.

Depois da autorização formal dos gestores do hospital, apresentei o Projeto de Pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao Comitê de Ética⁷¹ da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da UNISINOS, iniciamos a fase de *observação participante* com o objetivo de conhecer as atividades realizadas pelos trabalhadores e as suas inter-relações no próprio campo de investigação.

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida. (ANGROSINO, 2009, p. 34)

6.2.2 Etapa de Observação Participante

O primeiro passo foi conhecer a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal para nos familiarizarmos com o ambiente em que atuam os participantes do estudo. A UTI-Neo é uma área classificada como um serviço de saúde de alta complexidade, pois atende pacientes que apresentam risco de vida. Há muitos equipamentos ao redor de cada leito e um cuidado para que as pessoas vistam-se adequadamente para entrar no local a fim de evitar qualquer tipo de contaminação. O ambiente pareceu-me extremamente organizado, asseado e tranquilo. No dia em que fizemos a visita, não percebemos qualquer movimentação intensa, tudo estava sob controle, não havia nenhuma intercorrência grave – caso contrário, é muito provável que a nossa visita não fosse autorizada.

Além da área de internação, fazem parte da UTI-Neo outros ambientes como: área de esgotamento de leite, o intermediário (setor para onde são transferidos os bebês que estão em melhor condição de saúde enquanto ganham peso, condição para que sua alta seja efetivada), e outros espaços destinados à equipe de atendimento. O *round* é realizado em uma sala de reuniões dentro da UTI-Neo, sem equipamentos, apenas com uma mesa oval que acomoda cerca de doze pessoas.

Depois dessa visita, nosso próximo passo foi participar de um *round* com os trabalhadores da UTI-Neo para apresentar a proposta, os procedimentos de investigação e iniciar a fase de observação. O *round* é uma reunião de trabalho que ocorre duas vezes por semana, das 17h às 18h na terça-feira e das 11h às 12h na quinta-feira, na UTI neonatal do hospital. Trata-se de uma prática da área da saúde instituída com o propósito de discutir o caso clínico de cada paciente

⁷¹ Resolução 178/2011.

internado. Todos os profissionais que atuam na unidade de tratamento intensivo participam ou são representados de alguma forma nessa reunião, por exemplo, em geral, uma ou duas enfermeiras participam do *round* e representam o grupo. A participação de todas as enfermeiras e de todos os técnicos em enfermagem não é possível, porque os pacientes precisam de atendimento contínuo. Representar o grupo significa relatar as informações do paciente a partir dos procedimentos realizados pela equipe de enfermagem que estão registrados na evolução do paciente e, quando for o caso, informar ao grupo de trabalhadores sobre procedimentos e decisões tomadas no *round*.

Essa reunião de trabalho conta, geralmente, com a participação dos seguintes profissionais: médico responsável pela UTI (coordenador da unidade e gestor), médico rotineiro (profissional-médico que trabalha em turnos pré-definidos de forma sistemática), médico plantonista (profissional-médico que trabalha em turnos variados, de acordo com a escala de plantão), enfermeira, nutricionista, psicóloga, fisioterapeuta, fonoaudióloga, assistente social e auxiliar de enfermagem. O número de participantes do *round* varia um pouco, depende do fluxo de atendimento na UTI e das demandas do hospital, mas a médica rotineira, o médico gestor da unidade e a equipe de enfermagem sempre se fazem presentes. Como os dados foram coletados em um hospital público que recebe alunos para realizar estágio curricular, estudantes de diferentes cursos da área da saúde participavam ocasionalmente do *round* como parte de suas atividades de inserção na prática profissional.

A etapa de entrada em campo e de observação participante foi iniciada no dia 21/11/11 e encerrou-se no dia 04/09/12. Durante esse período, participei de treze *rounds*, sempre nas terças-feiras, das 17h às 18h e consegui realizar a gravação de dois encontros, cuja transcrição foi finalizada em abril de 2012. Ao apresentar a proposta para a Direção do hospital e para a equipe de trabalhadores, indicamos que nosso desejo era filmar a reunião; no entanto, isso não foi autorizado pelo grupo.

Durante o período de observação, utilizei um diário de campo para registrar informações sobre quem participava dos encontros, como eles eram conduzidos, qual era o propósito das reuniões, que temas eram tratados, como eram tomadas as decisões, entre outros aspectos essenciais das rotinas de trabalho observadas que estivessem relacionados aos objetivos da pesquisa. Esse registro auxiliou-me na construção do relato feito da minha experiência vivida como pesquisadora-observadora do *round* – o meu *testemunho*.

Nosso propósito era conhecer o ambiente de trabalho e compreender o que era um *round in loco*, que tipo de reunião era aquela⁷². Inicialmente, não tínhamos a intenção de participar de treze *rounds*. De acordo com o projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Unisinos, nós participaríamos de dois encontros para observação e, na sequência, faríamos a gravação e a filmagem de outros dois encontros. No entanto, na prática, isso não foi possível, pois constatamos a necessidade de um tempo maior para conhecer o campo de estudos e para que os integrantes da equipe se familiarizassem com a nossa presença. Além disso, foi preciso negociar com a direção do hospital novamente, pois surgiram algumas questões⁷³ institucionais que atrasaram o andamento das atividades.

Depois de resolvidas essas dificuldades com a instituição e de termos acordado que faríamos somente a gravação em áudio dos encontros, foi realizada uma reunião com todos os profissionais que participariam da pesquisa para: (i) solicitação formal de anuência dos sujeitos da pesquisa para participação no processo de investigação, garantindo-lhes o direito de intervenção nos rumos da investigação e de interrupção de sua participação se assim o desejassem; (ii) afirmação de comprometimento ético com a realização de uma escuta afastada de posturas morais, caracterizada por tomar os sujeitos da investigação não como meros “informantes” e o pesquisador não como único “detentor do saber”; (iii) afirmação de comprometimento com o retorno dos resultados da pesquisa aos sujeitos nela envolvidos e à direção do hospital onde a pesquisa se realizou; (iv) garantia de sigilo e preservação da imagem dos sujeitos envolvidos na pesquisa; (iv) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

6.2.2.1 Relato da observação participante: o testemunho do pesquisador observador

Esta é a primeira pesquisa de campo que realizo, além de ser a primeira investigação na área da saúde e em um hospital. Antes de iniciar a entrada em campo, no meu universo de crenças sobre o que seria o trabalho em um hospital de grande porte e, em especial, sobre o trabalho em uma UTI-Neo de um hospital público, estava muito presente a consciência de que

⁷² Como professora, em geral, não participo de reuniões com profissionais de áreas diferentes, em geral, são todos professores, mesmo que de áreas comuns. Como integrante do grupo de pesquisa GEEP, tenho contato com estudantes de outras áreas (Enfermagem e Administração) nas reuniões de estudo.

⁷³ As questões referem-se à gestão da instituição e não podem ser reveladas por motivo de sigilo.

todos os processos de trabalho estavam bem organizados e definidos, pois qualquer falha poderia comprometer a vida dos pacientes internados. Além disso, sabia apenas que o *round* era uma reunião da equipe que atuava na UTI em que era discutido o caso clínico de cada paciente internado, pois foi essa a informação que nos foi dada pela direção do hospital, confirmada pelo Setor de Recursos Humanos e pelo médico responsável pela UTI-Neonatal.

Embora já tivéssemos estudado e discutido muitas questões sobre a atividade de trabalho por meio da reflexão que a abordagem ergológica apresenta e soubéssemos que os trabalhadores são chamados a lidar com o inesperado do trabalho, não tínhamos conhecimento sobre a complexidade das questões que envolviam o atendimento de pacientes internados em uma UTI e nem como isso se refletia na equipe. Observei que assuntos de natureza pessoal e questões sociais são trazidos a todo momento para discussão no *round* à medida que impactam no atendimento e na melhora do paciente. Como exemplo, cito o relato feito por uma enfermeira: “*Como a mãe não tinha dinheiro para a passagem, fizemos uma “vaquinha”, né doutor*”.

O *round* iniciava sempre que o médico coordenador da UTI sinalizava para o médico rotineiro que já podia fazer o seu relato. Antes da reunião, sempre havia um clima de cordialidade e de amizade entre os profissionais, percebia-se que a equipe estava bem integrada e que todos tinham um bom relacionamento. De forma sistemática, a reunião sempre era conduzida pelo médico rotineiro; quando este ouvia o médico-coordenador dizer “*Vamos começar*”, ele automaticamente começava informando sobre o quadro clínico de cada paciente, conforme o registro das informações em uma planilha, seguindo a ordem dos leitos.

Nesse relato inicial, apresentava a evolução do paciente, sempre indicando o número de semanas da criança, o seu peso e as condições do parto. A seguir, descrevia o estado clínico do bebê por meio de dados médicos específicos (os quais eram de difícil compreensão para nós no início; mas, aos poucos, fomos nos familiarizando com os termos), relatava os exames realizados e a medicação administrada. Na sequência, geralmente, eram tratadas questões sobre a família do bebê e de como estava o processo de amamentação. Nesse momento, as enfermeiras falavam sobre as visitas dos pais, sobre as suas percepções da relação bebê-família, a assistente social, quando necessário, relatava sobre os encaminhamentos realizados, e a psicóloga informava sobre o atendimento aos pais. Em geral, esses relatos eram interrompidos por outras situações de caráter administrativo que “atrapalhavam” a rotina da UTI e eram tratadas nos *rounds* como, por exemplo, a re-coleta de material (no caso sangue) solicitada pelo laboratório por este considerar a

“amostra insuficiente”; a não-observação de normas da UTI sobre o controle de infecções por parte de alguns médicos e residentes, entre outras questões.

No diário de campo, há vários registros de falas que caracterizam a atividade de trabalho desses profissionais e o modo como os locutores se instanciavam para estabelecer uma relação com o mundo (trabalho na UTI), ou seja, como o par *eu-tu* se constitui na instância de enunciação para falar do *ele*. Esses registros também revelam o constante debate entre normas antecedentes e renormalizações presentes na atividade de trabalho e que são mobilizados pelo *corpo-si*.

Reproduzimos, a seguir, alguns enunciados proferidos pelo médico responsável pela UTI para falar com o grupo sobre o andamento do trabalho: “*Como é que nós estamos fazendo o canguru⁷⁴?...*”; “*Como é que nós podemos fazer para resolver isso?...*”; “*Reduziu bastante o número de lesões no nariz. A gente está de parabéns...*”; “*Por que ele tá com um baço tão grande? Vamos pensar!...*”. Ao observamos esses registros, percebe-se que o médico responsável pela UTI institui a equipe de trabalho como o *tu* do ato enunciativo para tratar de questões específicas da atividade da UTI. Nesta sequência, o *ele* (a não-pessoa, aquilo ou aquele sobre o que se fala na enunciação) é co-construído por meio de um conjunto de perguntas sobre o andamento das atividades de trabalho realizadas pela equipe e sobre o estado clínico do paciente. Essas perguntas convocam o *tu* para que este produza uma enunciação de retorno, é uma maneira de implicar diretamente o *tu* na construção do *ele*. Em outras palavras, como a temática do *round* está organizada em torno do objetivo da reunião, que é tratar do caso clínico de cada paciente, não são abordadas outras questões.

Observa-se, também, que o médico coordenador da UTI utiliza os pronomes *nós* e *a gente* para se instanciar na língua e enunciar. No primeiro enunciado “*Como é que nós estamos fazendo o canguru?*”, o uso do pronome “*nós*” parece colocar o locutor como um dos trabalhadores que realiza, na prática, o método canguru; no entanto, essa tarefa é atribuição da enfermagem. Conforme Benveniste (1988a p. 258), “*nós* não é um *eu* quantificado ou multiplicado, é um *eu* dilatado além da pessoa estrita, ao mesmo tempo acrescido de contornos vagos”, ou seja, no “*nós*” há um “*eu*” que predomina e um “*não-eu*”. É preciso, então, perguntar quem ou o que integra esse “*nós*”. Parece-nos que, de forma indireta, o “*nós*” indica que a prática do método canguru é uma norma relativa ao trabalho da equipe e que todos devem estar comprometidos com a sua realização. Em outras palavras, todos devem estar atentos para a

⁷⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o Método Mãe Canguru (MMC) como o cuidado do recém-nascido de baixo peso, após estabilização inicial, pele a pele com a mãe, iniciando precocemente e mantido de forma contínua e prolongada.

realização desse procedimento, inclusive o locutor, uma vez que o “nós” indica a união entre o “eu” e o “não-eu”, neste caso, a equipe da UTI.

Os enunciados reproduzidos a seguir foram proferidos em um único round pelas enfermeiras que atuam na UTI e que lidam diretamente com os participantes: “*Está todo mundo esgualapado...*”; “*A gente vai defender o nosso peixe...*”; “*A gente tá ficando sozinho...*”; “*Eu estou com medo*”. Esses registros revelam que o tema (o *ele*) da enunciação se organiza em torno das condições de trabalho da equipe de enfermagem; há uma digressão para tratar desses problemas. Nessa sequência, também se observa que a enfermeira se instancia na língua para enunciar por meio das expressões “todo mundo” e “a gente” (pessoa ampliada), ou seja, ela recorre a um “não-eu” para dizer que o relato da situação não é só dela, não é particular, é de todo o grupo; no entanto, o seu último enunciado é “*Eu* estou com medo”. Esse arranjo sintagmático do geral para o particular (nós -> eu) parece pôr em relevo que o efeito da situação descrita, no locutor, é o medo. Ao operar essa troca no arranjo sintagmático, o locutor-enfermeira traz para si o sentimento de medo, há uma cisão entre aquilo que pertence ao coletivo (queixa do grupo) e aquilo que é individual, neste caso, o sentimento de medo.

Entende-se que o uso dos pronomes *nós* e *a gente* pode revelar que essa queixa não é particular, é da equipe; configura-se, dessa forma, o que Schwartz denomina de *entidade coletiva relativamente pertinente* que emerge do coletivo do trabalho, do debate de normas e de valores. Percebe-se que a enfermeira indica que aquilo que está previsto para ser feito (*norma*) não é possível de ser realizado, porque faltam recursos; dessa forma, a renormalização que é constitutiva da atividade se mostra, em outras palavras, emerge a entidade enigmática, o *corpo-si*, atravessado pelos seus saberes, seus valores, sua história. Isso revela que, toda vez que o trabalhador renormaliza o que já está posto, ele o faz de forma coletiva, leva em conta o grupo, convoca o outro e institui uma entidade coletiva relativamente pertinente – *é a dramática do uso de si por si e pelo outro* em encenação. O trabalhador também faz uso de si pelo outro, pois realiza suas atividades a partir de ordens e de procedimentos sobre os quais nem sempre pode opinar; não lhe é perguntado se as condições dadas para realizar o trabalho são suficientes.

Após duas semanas da ocorrência desse round, uma das enfermeiras disse: “*Pois é, né doutor, nada melhor que um dia após o outro..*”; “*Eles estão comprando as coisas que tinham que comprar...*”. Nessas falas, o primeiro enunciado, provavelmente, indica que os problemas relatados no *round* anterior foram resolvidos e que o sentimento da equipe em relação ao trabalho

mudou. Cronologicamente, primeiro, temos a fala “*Eu estou com medo*”, depois a sequência: “*Pois é, né doutor, nada melhor que um dia após o outro*”. Isso parece mostrar que o *round*, além de ser usado como um espaço para tratar dos casos clínicos dos pacientes e organizar as atividades do trabalho, também pode funcionar como um mecanismo que estabiliza a equipe, pois é um momento em que as dificuldades oriundas do trabalho afloram e são tratadas coletivamente.

Esse relato e primeiro olhar para os dados da entrada em campo já permite mostrar que um intenso debate de normas e de valores atravessados pelo saber técnico e pelo saber constituído na experiência se estabelece na atividade de trabalho. Ele também dá indícios de que, para compreender o trabalho, é preciso olhar para aquilo que está sob os nossos olhos e não vemos, ou seja, entender: (i) que o sujeito da enunciação advém no momento em que o *corpo-si* investido na atividade de trabalho precisa negociar com a norma e renormalizar; (ii) que o sujeito da enunciação advém para preencher o vazio de normas; (iii) que o *round* é um momento em que aparecem, de forma mais explícita, as dificuldades do trabalho com as quais o trabalhador precisa lidar; (iv) que as entidades coletivas relativamente pertinentes emergem do debate de normas e de valores que se instituem na atividade e que elas possibilitam as renormalizações através da negociação entre os pares; (v) que a renormalização não é um processo individual, ela é decorrente dessa dialética entre o singular e o coletivo do trabalho.

6.3 ENCAMINHANDO A ANÁLISE

Nesta seção, descrevemos os procedimentos para a constituição dos dados para análise, ou seja, indicamos o critério que orientou a seleção dos recortes e os princípios para empreender a análise. Nesta tese, o dispositivo, enquanto construto teórico-metodológico, visa a operacionalizar a análise dos recortes gerados para produzir saberes sobre os encontros humanos que se inscrevem na atividade de trabalho; estando alinhado, dessa forma, ao propósito geral de tentar dialogar com o campo social. A análise apresentada visa a ilustrar o funcionamento do dispositivo; ou seja, não pretende olhar para os dados de forma exhaustiva.

6.3.1 Etapa de geração de dados para análise: os recortes

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do encerramento da etapa de observação, realizamos a gravação de dois *rounds*, os quais foram transcritos por uma mestranda que faz investigações com o aporte teórico da Análise da Conversa⁷⁵. As convenções usada para a transcrição estão no Anexo A. Após recebermos o material transcrito (aproximadamente duas horas de reunião e mais de oitenta páginas de texto), ouvimos as gravações, examinamos a transcrição, fizemos ajustes e revisamos atentamente a transcrição.

A gravação desses dois rounds nos colocou frente a uma imensidão de interações entre a equipe de profissionais da saúde. Isso nos obrigou a fazer uma escolha, que, evidentemente, deve ser justificada. Elegemos o recorte enunciativo como unidade de análise desta tese, concebido como um instância de discurso em que determinado tema é referido e co-referido pelos interlocutores que assumem posições enunciativas (conforme Benveniste, *eu* e *tu* se instanciam para falar d'*ele*). O ponto que orientou essa escolha foi a operacionalização da análise a partir do dispositivo criado e o nosso objetivo de pesquisa: compreender a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em UTI Neonatal de um hospital público, tomando como objeto de observação o *round*.

Como nosso trabalho visa a contribuir com os estudos da área da saúde e o dispositivo construído tem por finalidade produzir saberes sobre a inscrição humana no trabalho para compreender a atividade, é preciso explicitar de que forma olhamos para os dados da transcrição a fim de selecionar os recortes. Desta forma, a análise pretende mostrar como os saberes constituídos das diferentes especialidades e os saberes investidos se organizam no *round* em prol do cuidado do paciente, sendo esse o critério que orientou a seleção dos recortes.

Além disso, é preciso considerar que, nessa escolha, intervém o ponto de vista do pesquisador analista, que acompanhou todo o processo de geração de dados. Ao selecionar os recortes, o pesquisador-analista, na condição de falante, enuncia para pôr em relevo os efeitos de sentido capazes de trazer à tona a dimensão singular da atividade de trabalho e de mostrar, na e

⁷⁵ Estou ciente de que essa não foi a melhor opção, mas não tínhamos discutido com profundidade a questão da transcrição sob uma perspectiva enunciativa naquele momento. Acredito que a sistemática escuta das gravações feita por mim tenha atenuado possíveis efeitos negativos dessa opção.

pela linguagem, a inscrição da experiência humana; colocando o dispositivo criado em ação, articulando a concepção de linguagem em Benveniste com a noção de *corpo-si* da Ergologia.

6.3.2 Encaminhamentos para a análise

Embora Benveniste não tenha desenvolvido uma metodologia acabada, o conjunto de sua obra apresenta várias “pistas metodológicas” que podem ser seguidas para construir princípios que podem orientar uma análise para além dos aspectos indiciais. Isso é explicitado por Normand quando a linguista ensina que as análises de Benveniste⁷⁶ apresentam “um desenvolvimento da teoria saussuriana em uma linguística da significação e, ao mesmo tempo, um deslizamento para fora do seu fundamento, o princípio semiológico do arbitrário do signo” (NORMAND, 2009, p. 153).

Os princípios que orientam a nossa análise do ponto de vista da linguística da enunciação de Benveniste e que estão em consonância com a construção do dispositivo teórico-metodológico são: (i) a enunciação não corresponde a um nível de análise linguística; ela é transversal a todos os níveis da língua.⁷⁷; (ii) a análise enunciativa olha para o não-repetível, para a singularidade, característica de toda enunciação; (iii) a análise enunciativa é de caráter qualitativo, não visa à universalidade e não é construída a partir de um modelo geral e universal; (iv) os resultados da análise são únicos e estão implicados pelo olhar do analista; em outras palavras, a própria análise é uma enunciação única e irrepitível.

Esses princípios devem conduzir o analista a eleger as formas e os procedimentos para fazer emergir as relações singulares que o locutor estabelece com o mundo pela linguagem a cada enunciação. No âmbito desta investigação, é preciso, para fazer esse gesto, recorrer ao objetivo do estudo e implicar a abordagem ergológica que, conforme Durrive (2013, p. 207), “é uma prática original de análise das situações de trabalho”, que foi tomando forma como método “ao confrontar o conjunto de pontos de vista implicados na situação de trabalho” (p. 208) e que se

⁷⁶ Como exemplo de estudos analíticos, temos textos *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1988a) e *As relações de tempo no verbo francês* (1988d), em que Benveniste parte do exame minucioso do comportamento de determinadas formas (análise indicial) para refletir sobre a linguagem e o sentido.

⁷⁷ Flores (2009), no texto *A enunciação e os níveis de análise linguística*, apresenta o conceito de transversalidade linguística com base na análise dos pronomes “pessoais” e da distinção entre /não-pessoa/ e /pessoa/ proposta por Benveniste no texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*(1946)

mantém viva a partir dessa “heterogeneidade”. É uma forma de análise construtiva, conforme explica Durrive nessa passagem:

E portanto essa abordagem é ainda bem mais que crítica, ela é construtiva. Pois é também uma análise no sentido de um esforço metódico (um estudo) para fazer ver, de forma plena e positiva, aquilo que é negligenciado por ser considerado insignificante: a interação concreta (então microscópica) entre a atividade de uma pessoa e a situação (constituída por normas) onde ela existe. O essencial dessa análise é mostrar como compreende-se melhor não importa qual fenômeno macroscópico de uma situação de trabalho à medida que se obriga a conectá-lo ao que se passa concretamente no nível infinitesimal. (DURRIVE, 2013, p. 210)

O *corpo-si* se apresenta transversalmente no *round* (assim como o localizamos no dispositivo) mesmo que não seja possível delimitar exatamente os pontos em que ele atua. Na análise, pretende-se flagrar a intervenção do *corpo-si* nas dramáticas singulares que se constituem nesta atividade de trabalho coletivo para apontar os saberes que aí estão implicados e que estão ligados ao que as normas antecedentes não podem antecipar e a valores imateriais que interferem na atividade de trabalho.

A análise se organiza, a partir do dispositivo, em dois momentos e contempla a enunciação como *ato* e como *forma complexa de discurso*. Na primeira etapa, tratamos das relações diádicas construídas no polo do eu e do tu que mostram a posição enunciativa que os interlocutores constroem na experiência de trabalho. Na segunda etapa, analisamos a constituição da relação triádica entre os três polos do dispositivo que mostra como, no discurso, os interlocutores constroem referências para falar d’ele, por meio da sintagmatização (incluindo os procedimentos acessórios) que, conforme Mello (2012, p. 105) consiste nas escolhas gramaticais e lexicais e nos arranjos sintáticos promovidos pelo locutor com vistas à produção de sentidos.

Antes de enfrentarmos o desafio em que se constitui a análise que empreendemos, reafirmamos que seus resultados são singulares, ou seja, outras interpretações são possíveis, dependendo do ponto de vista do analista. Além disso, reiteramos que a análise tem por propósito principal exemplificar o funcionamento do dispositivo criado.

6.4. COLOCANDO O DISPOSITIVO EM ANDAMENTO

Nesta seção, apresentamos a análise dos recortes enunciativos selecionados para colocar o dispositivo teórico-metodológico construído em funcionamento. Iniciamos pelo exame das relações diádicas do polo do eu e do tu e, na sequência, analisamos as relações triádicas estabelecidas entre os três polos do dispositivo. Passamos, agora, à análise propriamente dita, destinada a mostrar como os saberes das diferentes especialidades se organizam no *round* em prol do cuidado do paciente.

Apresentamos, na seção 6.4.1, os recortes que ilustram as posições de sujeito enunciador construídas pelo médico coordenador da UTI (o gestor) no *round*, isto é, como o “eu” locutor instaura-se diante do “tu” equipe de trabalho. Na seção 6.4.2, apresentamos o recorte que ilustra as relações triádicas estabelecidas entre os três polos do dispositivo e mostra de que forma a constituição da referência (o ele/mundo) se reflete na atividade de trabalho, isto é, no cuidado do paciente.

6.4.1 Relações diádicas construídas no polo do eu e do tu

A experiência na linguagem em Benveniste se apoia no gesto de apropriação da língua que o locutor faz para advir como sujeito em seu discurso. A categoria dos pronomes é um dos pontos em que se ancora a inserção do homem na língua e que sinaliza para sua posição na enunciação. Teixeira (2012, p. 77), em artigo que relaciona a condição humana na linguagem com a categoria dos pronomes em Benveniste, assinala que “se os animais não entram na língua por estarem desde sempre nela. O homem não é desde sempre falante. Para falar, ele precisa constituir-se como sujeito na linguagem. Deve dizer eu.”

No entanto, a apropriação da língua pelo locutor nem sempre é marcada, no discurso, pelo uso do pronome “eu”. O locutor ocupa o lugar de “eu” e instaura o “tu” para falar d’ele escolhendo, entre as possibilidades que a língua lhe oferece, uma maneira para fazer essa inscrição; revelando a sua posição enunciativa. Dessa forma, é do âmbito do “eu” operar uma escolha entre os índices específicos e os procedimentos acessórios próprios da língua (sintagmatizar e semantizar) para dar pistas para o “tu” sobre como ele (“eu”) imagina que esse “tu” deva reconhecê-lo.

Os **recortes 1 e 2** selecionados para a análise fazem parte do diálogo envolvendo o médico coordenador da equipe, o médico rotineiro, a enfermeira e a estagiária de psicologia sobre a situação do bebê Juliana do leito dez. Neste *round*, o relato sobre o bebê do leito dez levou, aproximadamente, 6 minutos (anexo B), inicia aos 26'34'' e termina aos 33'15''. Os recortes apresentados a seguir fazem parte desse relato geral e ilustram a posição enunciativa do médico coordenador diante da equipe e como isso se reflete na atividade de trabalho.

Recorte 1 – diálogo sobre o procedimento relativo às hemoculturas

40	MÉDICO GESTOR:	é porque na verdade esse resultado não é daqui
41		né é de lá do não sei se vocês sabem como é
42		que é feito (.) isso vai pra fora aí o pessoal
43		do laboratório daqui tem que entrar pelo
44		paciente no sistema pegar o resultado e
45		digitar de novo no resultado- aqui no sistema
46		então enquanto não corrigir isso nós vamos ter
47		que tá em cima mesmo=
48	MEDICA ROTINEIRA:	=xx@@@ tá então ela-
49	MÉDICO GESTOR:	aliás só pra reforçar a gente tinha isso como
50		rotina no passado a gente tinha a lista das
51		hemoculturas pendentes da unidade=
52	ENFERMEIRA:	=é eu tô
53		[fazendo isso]
54	MÉDICO GESTOR:	[pra ir-] isso é melhor coisa que tem porque
55		ficam todas ali anotadas a gente vai tem algum
56		horário lá pega o telefone e passa e revista
57		todas as hemoculturas=
58	ENFERMEIRA:	=tem uma semana que eu comecei a xxx
59		então muita coisa que fazia eu não sabia que
60		fazia @@ e muita coisa que fazia eu não sei se
61		faz então eu [tô xxx]

Embora o modo de organização dos estabelecimentos de saúde e a própria literatura sobre o trabalho das equipes nessas instituições têm mostrado que o modelo de organização das práticas é o modelo médico, aquele que coloca o profissional médico em uma posição acima da equipe, esse não é o caso das reuniões observadas. Como os segmentos destacados no excerto 1 mostram, é frequente a inscrição do médico no discurso por meio do pronome pessoal “nós” e da forma linguística “a gente” que corresponde ao pronome pessoal “nós”; na verdade, trata-se de um uso que inclui o *eu* (aquele que fala) e o *tu* (equipe).

Borges (2004)⁷⁸, a partir da teoria da enunciação de Benveniste, faz uma análise enunciativa da expressão *a gente* e conclui que essa forma pode assumir diferentes graus de pessoalização: a) o genérico, que inclui eu + qualquer indivíduo; b) o plural exclusivo, que inclui eu + outros, configurando baixo grau de pessoalização; c) o plural inclusivo, que inclui eu + tu + outros, configurando grau médio de pessoalização) ou eu + tu, configurando alto grau de pessoalização e d) singular (eu), configurando o mais alto grau de pessoalização. O autor explica que o grau de pessoalização dessa forma pronominal só pode ser definido no contexto da enunciação. No segmento em análise, a forma *a gente* corresponde ao plural inclusivo, configurando-se eu + tu (equipe).

Ao convocar o “tu” (equipe) a enunciar junto com o “eu” por meio desse agenciamento singular, o locutor-médico produz um efeito de esvaziamento da distância entre o “eu” e o “tu” – esse fenômeno é explicado por Benveniste na visão de pessoa ampliada relativa ao “nós”, que comporta, neste excerto, ele mesmo (o médico gestor) e a equipe. Essa forma de inscrição no discurso parece resultar em uma maior aproximação com a equipe, ou seja, o gestor não ocupa, de forma explícita, o lugar de chefe responsável que, como antecipam normas e valores ainda vigentes na cultura das instituições de saúde, deveria indicar o que deve ser feito, para se colocar diante da equipe como um integrante do grupo, como um parceiro.

Essa postura de aproximar-se da equipe pela condição relacional da linguagem que se realiza no diálogo: o “eu”, para ser sujeito, precisa que o “tu” o reconheça como tal, ou seja, o “eu” depende da aceitação feita pelo outro (correlação de subjetividade) para se instanciar no discurso parece produzir um efeito de cumplicidade e de confiança junto ao grupo. A forma como o médico gestor inscreve-se no discurso propõe que o tu (equipe) o reconheça como colega, como membro da equipe, e não como chefe, isso também veicula, de forma implícita, a ideia de que, embora sendo chefe e não realizando as tarefas operacionais (ligar para o laboratório é de competência da enfermagem), ele está engajado com o trabalho da equipe. Em outras palavras, ele diz o que a equipe deve fazer, mas numa situação de co-responsabilidade, buscando a adesão do grupo em relação ao procedimento a ser adotado.

Neste excerto, o locutor, médico coordenador e gestor da equipe, age sobre o tu (equipe) apresentado as razões para que a equipe realize uma tarefa que, no primeiro momento, não é de

⁷⁸ O objetivo central do autor, em seu artigo *A pessoalização do pronome “a gente” sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste* nesse artigo, é “compreender e explicar, da melhor maneira possível, o processo de *pessoalização* em torno do uso do pronome pessoal *a gente* no português brasileiro.”

sua competência (o laboratório deve enviar os resultados das hemoculturas). Ele não visa somente a comunicar à equipe sobre o procedimento, mas levá-la a partilhar da ideia de que o procedimento deve ser feito para melhorar o trabalho de todos enquanto não se tem uma solução definitiva para o caso, veiculado na sequência “enquanto não corrigir isso”. Ele também retoma o fato de que isso já havia sido decidido em outro momento.

O locutor, ao agir sobre o alocutário (tu-equipe), no seu dizer, implica o interlocutor e lhe indica um comportamento, faz isso ao lembrar a todos que o procedimento já havia sido acordado previamente. Ele introduz essa ideia por meio da expressão “não sei se vocês sabem”, em que, ao usar a forma “vocês”, instaura-se como locutor que não faz parte da equipe e que sabe de algo que a equipe deveria saber; mas que, em função do ocorrido, não sabe e precisa ser informada. Esse movimento enunciativo fica também marcado pelo uso do operador “aliás” (“aliás” só para reforçar a gente tinha isso como rotina no passado”), que se configura, no primeiro momento, como um acréscimo; no entanto, na verdade, funciona como introdutor de um argumento decisivo para que o locutor-médico convença a equipe sobre seu ponto de vista. Ele parece ser bem sucedido, porque, ao final do excerto 1, na fala da enfermeira, ela, indiretamente, assume a responsabilidade perante o grupo de realizar a tarefa, ao mesmo tempo em que explica por que motivo não a tinha realizado. Nesse excerto, a enfermeira inscreve-se no discurso como “eu”, e isso parece configurar que ela aderiu ao propósito do locutor-médico: vai realizar a tarefa de ligar para o laboratório. Em outras palavras, ao instanciar-se como eu, revela que concorda ou aceita a decisão tomada, de forma coletiva, sobre o trabalho e responsabiliza-se pela sua realização.

Esse excerto também mostra que, nesse *round*, uma dificuldade do trabalho (neste caso, a demora do resultado das hemoculturas) foi resolvida de forma coletiva, o médico gestor conduziu a discussão de forma a permitir que a equipe entendesse que a decisão foi tomada pelo grupo e destacou a responsabilidade de todos. Essa forma de trabalhar parece apontar para uma prática de trabalho coletivo que visa a valorizar e a estabilizar a equipe; deixando-a tranquila, engajada e comprometida com os processos de trabalho que impactam na saúde do paciente, pois quanto antes a equipe souber do resultado do exame, melhor será o atendimento dado ao paciente.

Na atividade de trabalho, colocar-se como “nós” em uma equipe para co-gerir as práticas de saúde contribui para instaurar um efeito de pertencimento ao grupo, de divisão de responsabilidades e de envolvimento de todos em prol do trabalho. Essa postura é indispensável para criar uma lógica inovadora de organização e funcionamento desse trabalho coletivo, uma

vez que valoriza o coletivo e promove uma relação de confiança e de comprometimento entre os trabalhadores em relação ao seu trabalho.

Recorte 2 – diálogo sobre a situação da mãe do bebê do leito 10

62	MÉDICO GESTOR:	[e a família] como é que tá ein a mãe=
63	MEDICA ROTINEIRA:	=a mãe
64		acho que <(voltou a ser internada)> né
6	ESTAG. PSICOLOGIA:	é essa mãe né doutor X na semana passada a
68		gente comentou (que tava reclamando) tem uma
69		questão bem problemática na semana passada né
70		teve uma discussão bem bem complicada é
71		entrei em contato com a parte da saúde mental
72		pra ver se era possível fazer algum
73		procedimento não foi possível a:: essa mãe
74		vai ter que consulta fora num capes até tô
75		falando com a assistente social pra ver o que
76		a gente pode fazer porque aqui no décimo é só
77		pro paciente que está internado aqui então
78		como ela é mãe e quem tá sob internação é o
79		bebê então eles não conseguem fazer a
80		assistência eles não vieram na semana passada
81		pra atende-la foi bem complicado
82	MÉDICO GESTOR:	e nós tínhamos discutido pra tentar ver com a
83		assistente social uma consulta não era isso
84		(.) [fora]
85	ESTAG. PSICOLOGIA:	[na verdade]
86		eu venho tentando com a fulana pra essa mãe
87		começa logo um tratamento essa mãe ela oscila
88		muito=
89	ENFERMEIRA:	
90		=aham=
91	ESTAG. PSICOLOGIA:	=um dia ela tá bem no outro dia ela e tem o
92		comportamento de risco ela vem bem
93		desorganizada de casa entendeu
94	ENFERMEIRA:	[hoje ela tá tranquila]
95	MÉDICO GESTOR:	[mas ela continua]=
96	ENFERMEIRA:	=sim
97	MÉDICO GESTOR:	porque eu acho que tem dias que ela vem vem
98		drogada e outros dias sem né
99	ENFERMEIRA:	e o marido, namorado, o progenitor não sei
100		também quando vem os dois vêm bem chapado
101		(2.0)

Nesse excerto, recorte 2, na interação entre três participantes da equipe, o eu locutor-médico coordenador, através da pergunta, convoca o tu para enunciar. Como se trata de uma pergunta sem qualquer indicador a quem ela se dirige, a indagação é colocada para o grupo e, dessa forma, alguém da equipe precisa se instanciar e ocupar o lugar do “tu”. Na pergunta, o

locutor indica o tópico sobre o qual o *round* passa a se organizar, o tema da interação (o elemento) passa a ser a família do bebê, mais especificamente a mãe.

Nesse momento da interação, a médica rotineira instancia-se como “eu”, o verbo flexionado em primeira pessoa comprova isso, e faz uma nova pergunta, marcada pela forma “né”, que serve, ao mesmo tempo para retificar a sua dúvida (não tem certeza se a mãe voltou a ser internada) e devolver a pergunta para a equipe. Conforme Benveniste (1989f, p. 86”), a interrogação é “uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’”, e que a relação discursiva com o parceiro é o que caracteriza a enunciação.

A estagiária de psicologia aceita a interpelação do locutor e responde à pergunta, assumindo o espaço destinado ao “tu” na relação dialogal. Ela faz a sua inscrição, muito provavelmente, porque o tema da pergunta diz respeito à sua especialidade. Ela passa, então, a fazer um relato da situação da mãe do bebê. O locutor estagiária inscreve-se, no discurso, por um arranjo sintagmático em que predomina o emprego das formas verbais flexionadas em primeira pessoa – isso parece indicar que a estagiária de psicologia instaura-se diante da equipe para falar do lugar de sua competência profissional, convocando seus saberes constituídos.

No relato que ela faz da situação da mãe, que é usuária de drogas, informa sobre aquilo que é de sua competência, reforça a gravidade da situação (bem problemática - bem, bem complicada), indica o que ela fez (isso está marcado pelo pronome eu) e aponta as dificuldades que encontrou para tratar do caso. Em especial, ela destaca o fato de ter tentado que a mãe fosse atendida pelo setor de saúde mental do próprio hospital, mas que isso não foi possível, porque o setor só atende os pacientes internados, e não seus familiares. Esse relato revela os entraves do sistema de saúde que, em função de sua organização, acaba por não atender uma pessoa que precisava de ajuda, porque os procedimentos não foram cumpridos (primeiro, ele precisa fazer a consulta, ser encaminhada...). Parece-nos que essa sistemática, às vezes, pode indicar uma ação que está na direção contrária ao que preconiza a Política Nacional de Humanização e as diretrizes do Sistema Único de Saúde. O fato de a estagiária ter tentado essa via para o atendimento da mãe corrobora a ideia de que os recursos do hospital devem sempre ser usados em prol da saúde das pessoas. Assim, esse atendimento não poderia ser negligenciado, porque o bem estar da mãe impacta na condição clínica do bebê internado.

A forma como ela organiza esse relato e o tempo que utiliza para tal parecem revelar que ela já se sente parte da equipe, mesmo não sendo uma profissional formada. O fato de ser

estagiária a coloca em uma posição de estudante em formação; no entanto, nessa interação ela já se instaura como profissional da área da psicologia. Isso só parece ser possível pela forma como a equipe valoriza os saberes das diferentes especialidades; de forma implícita, parece que todos concordam que o bem-estar da mãe do paciente interfere na saúde do bebê, configurando uma visão de atendimento integral do paciente, de acordo com a proposta da Política Nacional de Humanização. Além disso, revela o reconhecimento que é do âmbito do profissional da psicologia fazer esse acompanhamento da condição psíquica da mãe.

Após o relato da estagiária, o médico gestor instancia-se no discurso pela forma “nós” que representa o eu + tu (equipe) para trazer à tona o que já havia sido combinado pelo grupo e checar se o que já havia sido acordado foi realizado. O locutor médico coordenador retoma o fato de que a solicitação de consulta para a mãe deveria ter sido encaminhada pela assistente social e não por meio do contato direto com a área de saúde mental do hospital, como a estagiária de psicologia fez. Ele reitera que não foi isso o combinado pela escolha da forma verbal no pretérito “tínhamos discutido” que indica ação já realizada. Dessa forma, ele indica que não se trata de uma ordem, mas de um procedimento que foi definido por todos – a escolha da forma “nós” indica esse movimento. No final da sua fala, ao usar a expressão “não era isso” em tom de pergunta, ele deixa um espaço para que o tu confirme ou não o que ele disse e, ao mesmo tempo, chama a atenção para algo que, do ponto de vista da organização do trabalho, provavelmente, já deveria ter sido feito. Em outras palavras, ele faz uma cobrança para a equipe, mas a apresenta na forma de dúvida. Essa conduta do gestor parece revelar o seu cuidado em manter a equipe coesa, em promover a harmonia do grupo, sem deixar de fazer as cobranças necessárias para que o trabalho se realize.

A estagiária de psicologia responde à pergunta do médico gestor, enunciando “verdade”, ou seja, ela confirma o que o locutor médico afirmou. Nesse momento, o locutor enfermeira faz a sua inscrição para confirmar as informações apresentadas pela estagiária, reforçando a necessidade de se fazer algo pela saúde da mãe. Percebe-se o dilema enfrentado pela equipe: eles são profissionais da saúde que estão diante de uma mãe que precisa de cuidados médicos, mas não conseguem realizar esse atendimento, mesmo estando dentro de um hospital.

Essa interação também parece mostrar que os profissionais médicos e a equipe buscam uma forma de trabalhar em conjunto em prol da saúde, percebe-se uma valorização dos saberes do outro; essa capacidade de escutar o outro para melhor atender o paciente reforça alianças e a

qualidade do trabalho coletivo da equipe; além de indicar uma visão ampliada de saúde e de cuidado. Além disso, percebe-se uma prática de trabalho em saúde que expande sua atuação para além do saber centrado no modelo biomédico; pelo contrário, abre-se para a conjunção dos saberes das demais especialidades da área da saúde, como mostrado nesse excerto, em que intervém o saber constituído da psicologia.

A análise desses excertos mostra, também, aquilo que os estudos ergológicos sempre tentam colocar como evidência, como resultado do atravessamento do *corpo si* no trabalho: as normas antecedentes não conseguem antecipar tudo, por isso o trabalhador é sempre convocado a lidar com essa falta, com o inesperado para gerir o trabalho. Nessa microgestão da atividade, está presente o intenso debate de normas e de valores mobilizados pela intervenção do *corpo-si*. Na atividade, o trabalhador faz história, renormaliza, de forma singular, o trabalho, porque, se assim não o fizesse, trabalhar seria uma mera execução, mas isso, conforme argumenta Schwartz, seria impossível e invivível para o ser humano.

Para finalizar a análise de como o médico coordenador se instancia no discurso e que posições assume, apresentamos um quadro com dados quantitativos sobre os dois *rounds*. Os indicadores numéricos parecem mostrar que, nos dois *rounds* transcritos, o médico coordenador assume um papel preponderante diante do grupo, em função do elevado número de interações, o que parece configurar o *round* como uma prática de trabalho coletivo centrada na figura do médico e no seu saber. Isso parece corroborar a tese de que o *round* é um espaço de trabalho meramente informativo, conforme observado em uma discussão realizada com um grupo de enfermeiras.⁷⁹

A análise dos recortes enunciativos (excertos 1 e 2), no entanto, mostra que frente ao tu (equipe), o médico coordenador parece assumir um papel de mediador entre os diferentes saberes que estão em jogo no *round*, valorizando a participação de todos, convocando-os para pensar e agir coletivamente sobre o trabalho; mantendo a equipe unida e confiante nas suas capacidades para melhor cuidar do paciente.

Quadro 2 – Participação no round

Participantes	Número de Interações Round 1- 1h24''	Número de Interações Round 2 - 56'26
Médico Coordenador da UTI	390	303
Médica Rotineira	141	102

⁷⁹ Alguns dados da pesquisa foram apresentados para um grupo de enfermeiras, alunas do Mestrado em Saúde Coletiva da UNSINOS, em 5/12/14.

Enfermeira	78	66
Assistente Social	30	0
Fisioterapeuta	15	12
Nutricionista	5	5
Estagiária de Psicologia	42	20

6.4. 2 Relações Triádicas: o polo do ele

A referência não é apriorística, ela é criada no momento da enunciação quando o locutor se inscreve no discurso para falar sobre o mundo e convoca o tu para fazer parte dessa construção. No caso deste estudo, no *round*, os enunciadores tratam de questões relativas ao estado clínico do paciente; no entanto, em vários momentos, questões de outra natureza vêm à tona e dizem respeito ao trabalho da equipe que é cuidar dos pacientes. Ao falar desse ele – o paciente – os locutores apresentam seu ponto de vista sobre o mundo e revelam seus saberes, seus valores e o debate de normas que é constitutivo do trabalho.

O **recorte 3** selecionado para a análise envolve o diálogo sobre a situação do recém-nascido de Aline, internado no leito 3, que está com três dias de vida. Neste round, embora o tema seja o estado clínico do bebê, uma série de outros temas são tratados e foi por esse motivo que foi selecionada para análise. O relato sobre o bebê do leito dez levou, aproximadamente, 8 minutos, inicia aos 12'34'' e termina aos 20'15''. A análise visa a mostrar, mesmo que brevemente, quais são os temas que são tratados no round e como eles estão relacionados com a subjetividade do paciente e com os saberes advindos das diferentes especialidades.

Recorte 3 – diálogo sobre o recém-nascido de Aline

160	MEDICO COORDENADOR:	tá bem vamô adiante então são xx
161	MEDICA ROTINEIRA:	leitor três RN de aline tá com três dias de
162		vida hoje nasceu na madrugada de sábado pra
163		domingo nasceu com três cento e quarenta e
164		cinco prematuro de trinta e quatro semanas
165		(pra) idade obstétrica era trinta e seis o
166		escapulo deu trinta e quatro nasceu com três
167		cento e quarenta e cinco hoje tá com dois
168		oitocentos e cinquenta era uma bolsa rota é::
169		de:: não xxx durante muito tempo não e:: ele
170		nasceu e já instantaneamente (entrou em
171		trabalho tudo) fez desconforto já em sala de
172		parto, veio pra cá, precisou de xxxx nas
173		primeiras horas mas logo saiu tem um raio xis

174		inicial com padrão de membrana mas uma
175		membrana bem discreta e ele melhorou já tá em
176		ar ambiente desde (.) on[tem]
177	MEDICA ROTINEIRA:	[ontem] aham
178	MEDICA ROTINEIRA:	desde ontem ele já tá em ar ambiente (a gente
179		já vai) começá com leite tá transicionando
180		é::: xx DP um pouco mais devagar por causa
181		de toda essa prematuridade foi pra xx ontem
182		apesar de ter uma xx de domingo de cinco mais
183		um bilicheck ontem tava alto o (ernani pôs
184		ele na xx) tava doze se eu não me engano pôs
185		ele na xx e pediu exames pra hoje que ainda
186		não estão prontos
187	MEDICO COORDENADOR:	tá (eu ia perguntar)
188	MEDICA ROTINEIRA:	é ainda não estão prontos
189	MEDICO COORDENADOR:	é que parece que bilicheck tem que dá uma
190		regulada nele né
191	MEDICA ROTINEIRA:	se xxx o bebê tá tendo alta hoje tinha um
192		bilicheck de vinte e uma xx de doze
193	MEDICO COORDENADOR:	eu pedi pra fazê uma avaliação do bilicheck
194		xxx avalia o bilicheck
195		((gargalhadas))
196	MEDICO COORDENADOR:	porque ele tem de tempos em tempos tem que
197		ser calibrado né eu não sei se vocês sabem já
198		viram acho que tinham que vê ele tem um
199		calibrador ali que tu aperta um botãozinho
200		(.) nele e ele (te vê) e ele tem que dá zero
201		(1.5)
202	MEDICO COORDENADOR:	(porque ele tem o leitor ali) então a gente
203		tem que fazê [isso de vez em quando]
204	ENFERMEIRA:	[esse bilicheck foi::] voltou do conserto
205		faz dois meses
206	MEDICO COORDENADOR:	é não deveria tá assim porque é pouco tempo
207	?:	muito pouco uso
208	MEDICO COORDENADOR:	muito pouco uso lá em cima a gente ainda usa
209		uma média de dez quinze vezes por dia=
210	?:	=por dia
211		(1.0)
212	MEDICO COORDENADOR:	tem que dá uma olhada nele pra ver o que é
213		que é (.) mas voltando pro bebê (.) será que
214		ele é trinta quatro semanas pra ter três
215		quilos então é um super xx
216		(1.5)
217	?:	(não tem nenhum história de mãe diabética)é
218		um primeiro filho é uma primigesta bem
219		novinha ontem a gente teve problema com a
220		sogra [que é]
221	MEDICO COORDENADOR:	[é maior de
222		dezoito]
223	?:	dezoito
224	?:	ela é ela é de maior
225	MEDICO COORDENADOR:	xxxx

226 ? : mas ela não tem a:: vó teve um:::
 227 ? : surto
 228 ? : surto aí porque ela queria informações porque
 229 ninguém conversa (1.0) daí (se põe no lugar
 230 dela)
 231 (1.0)
 232 MEDICO COORDENADOR: **é eu acho que elas têm que explicar pra ela**
 233 **que tem o horário tem tudo e a informação mãe**
 234 maior a informação é xxx pode participar
 235 entrá tudo mas (.) esse é o problema
 236 ? : a visita dos xxx tá restrita não tá
 237 MEDICO COORDENADOR: acho que não tem que tá restrita [nós tamô
 238 xx]
 239 ? : [já pode abrir
 240 de novo]
 241 MEDICO COORDENADOR: claro is- vamô aproveitá isso então assim ó
 241 essa parte da restrição o comitê de infecção
 243 tem acompanhado aí a coisa tá sob controle né
 244 então nós vamos ficar com esse número de
 245 leitos que são dez leitos foi discutido isso
 246 na direção pra avaliando equipamento,
 247 quantidade de enfermagem, tudo então nós
 248 vamos ficá até que a gente tenha uma
 249 estrutura mais:: maior nós vamos ficar com
 250 dez leitos definitivamente não UTI por um mês
 251 dois meses sabe se lá pode ser que seja
 252 existe previsão de contratação de pessoas pra
 253 trinta quarenta cinco dias seleção e: tem que
 254 gente esperando pra entrar mas enquanto isso
 255 não acontece né a gente também tava
 256 precisando realmente aquela história dá um
 257 diminuída pará e podê tomá conta dos
 258 pacientes com calma então esse é o nosso
 259 número dez pacientes então o CO tá instruído
 260 pra todas as gestações de risco que for
 261 possível encaminhá adiante claro que a gente
 262 sabe que muitas não é possível por isso que a
 263 gente tá aqui pra atender né mas quem pude
 264 eles vão transferir então nós estamos com
 265 oito né e com previsão talvez em dois dias de
 266 ter duas altas desses dois nenês grandes
 267 então nós vamos ficar com o nosso marco de
 268 dez o intermediário não o intermediário
 269 continua com seus (dez) leitos mas pacientes
 270 graves ainda tamo segurando (.) até que se
 271 tenha condições de operacionais vamos dizer
 272 assim
 273 ? : tá
 274 MEDICO COORDENADOR: tá
 275 ENFERMEIRA?: **ã:: e em relação ao a as visitas a gente**
 276 **pode daí liberar os avós=**
 277 MEDICO COORDENADOR: =eu acho que sim=

278 ENFERMEIRA: =mas a gente mantém
279 a restrição de que a gente tava mantendo do
280 [resto::]
281 MEDICO COORDENADOR:
282 [toda] toda [porque o resto da restrição]
283 ? : [a gente teve reunião] com a fátima né onde
284 ela expôs algumas coisas nível geral da NR
285 trinta e dois=
286 MEDICO COORDENADOR: =isso=
287 ENFERMEIRA: =do uso de adorno e qualquer outras
288 coisas mais e então assim **eu tô sendo bem**
289 **pitbull** e assim ontem até já uma doutoranda
290 entrô com a roupa como se ela tivesse
291 entrando na casa dela, com cabelo solto e eu
292 já disse pra ela que ela não entre, que ela
293 tocando nos pacientes sem lavar a mão=
294 MEDICO COORDENADOR: =vamo botá um cartaz também avisá é
295 proibido e botá da onde a gente tá tirando
296 isso tirar brincos eu em outras U-T-Is que eu
297 fui tá lá um cartaz grande tira os brinco
298 tira isso tira aquilo (.) então=
299 ? :
300 =então a gente já começou=
301 MEDICO COORDENADOR: =sim=
302 ? : =o exemplo tem que começa
303 da:
304 MEDICO COORDENADOR: **o exemplo a gente traz de casa**
305 ? : isto
306 ? : tem que começa então se-
307 ? : xxx ((risos))
308 ? : não é que assim ó isso xxx desde o dia
309 primeiro de outubro
310 MEDICO COORDENADOR: sim já [(todo mundo) se preparando]
311 ? : [pra todo mundo]
312 ? : não mas a gente já tá:: mas é todo mundo que
313 tivé dentro da UTI
314 MEDICO COORDENADOR: é
315 ? : o brinco eu fico sempre sempre xxxx (meu
316 coração)
317 ? : ela é histérica
318 [((risos))]
319 MEDICO COORDENADOR: [outra:::] (1.0) é nem é (água benta) xx
320 ((gargalhadas))
321 MEDICO COORDENADOR: patí não fica pensando xx
322 ((mais risos altos))
323 ? : então eu tô bem pitbull
324 MEDICO COORDENADOR: tá
325 ENFERMEIRA: **mas assim se o senhor lá nas reuniões com os**
326 **chefes pelo menos a porta funcionar [doutor]**
327 MEDICO COORDENADOR: [tá] pois é
328 ainda agora de tarde eu tava andando com a xx
329 as coisa do (mec) e se falou com o Fulano já

330		parece que essa semana ou na outra semana
331		duas pessoas vão vir foi assinado parece que
332		já tavam fazendo seleção
333	?:	ai que ótimo
334	MEDICO COORDENADOR:	aí vamo coloca então aí tem que vê com o
335		Fulano tem que ter dois pontos um aqui e
336		outro lá dentro porque quando ela tá aqui ela
337		vai ficá sentada dentro da::
338	?:	onde já era
339	MEDICO COORDENADOR:	onde já era onde já era (faze) xx quem é o
340		que quê quer aí libera só que de noite tem
341		que ter um porteiro alguma coisa lá dentro
342		(1.0) por que senão de noite alguém vai chega
343	?:	sim
344	MEDICO COORDENADOR:	e a gente tem que ter um sistema de luz não
345		de campainha
346	?:	[xxxx]
367	?:	[xxx]
348	MEDICO COORDENADOR:	[nós]temos aquela lâmpada
349	?:	tem [tá funcionando]
350	?:	[sim]
351	MEDICO COORDENADOR:	isso eu sei mas daí acho que vai ter que
352		conectar porque pra tu vê eu acho que a ideia
353		é botar um vídeo pra gente sabe [xxx]
354	?:	[quem é] a pessoa
355	?:	quem é que tá tocando
356	?:	quem é que tá tocando
357	?:	e daí vai tocar nessa [daqui-]
358	MEDICO COORDENADOR:	[se aparece] alguém
359		com uma máscara e com uma arma na mão vocês
360		xxx
361		((risos))
362	?:	vai tocá nessa aqui e [não naquela lá]
363	MEDICO COORDENADOR:	[nessa aqui]
364	?:	melhor ainda
365	MEDICO COORDENADOR:	sim porque essa fica uma área mais
366		[privativa]
367	?:	[mais
368		privativa] melhor ainda
369	MEDICO COORDENADOR:	porque aonde tem essas coisas as pessoas
370		começam a sentir o controle né que não é só
371		chegá e ir entrando
372	?:	dos doutorandos teve um semana passada e não
373		era o neo era do alojamento a gente pedindo
374		pra ele se retirá não mas eu estou passando
375		aqui você está passando no alojamento não não
376		não (mas estou passando aqui) de avental do
377		jeito que ele tava e não querendo
378	MEDICO COORDENADOR:	é mas a gente mesmo vai ter que (entrar) vai
379		ser vai ser bom nós vamos xxxxx como sempre
380		foi entendeu é que essa área aqui sendo
381		fechado aqui a gente fica com mais liberdade

382 entre aspas de circular aqui sem precisá
383 entrá dentro da unidade
384 ? : é como se xx me dissesse sempre foi assim não
385 sei no que que a gente se perdeu nisso a
386 gente se inclui de que virou assim um::::
387 MEDICO COORDENADOR: foi a porta quando estragou
388 (2.0)
389 MEDICO COORDENADOR: porque a gente já usava esses
390 [aventaizinhos]
391 ? : [já usava avental],
392 a porta funcionava daí tu conseguia barrar
393 pessoas tipo assim porque que o cachorro
394 entrou dentro da [igreja]
395 MEDICO COORDENADOR: [é] isso e tinha secretária aqui que fazia
396 toda a triagem a senhora é quem e tal às
397 vezes a: eu quero falar com fulano de tal
398 fulano de tal não é daqui ou [sei lá]
399 ? : [fulano de] tal é xx e [não xxx]
400 MEDICO COORDENADOR: [é] tocou o
401 telefone lá alguma coisa diz olha eu quero
402 falá com o médico o médico é tal hora a
403 senhora espere aí tal e aí a gente controla e
404 aliás a gente tem que tirá aquelas cadeira
405 que tão na frente da televisão ali na
406 enfermaria canguru não tem ninguém lá ficô tá
407 virando sala de espera aquilo ali=
408 ? : =pois é aquelas
409 cadeiras [eu não sei da onde surgiu aquelas
410 cadeiras que já tinha sido tiradas]
411 MEDICO COORDENADOR: [eu não sei o que é que tão fazendo
412 lá aquelas cadeiras isso]
413 ? : o senhor lembra que tava vazio ali
414 MEDICO COORDENADOR: é
415 ? : é que à noite todos os gatos são pardos eles
416 arrastam
417 ? : eles trouxeram xxx [sofá]
418 ? : [sofás] do sétimo andar pra
419 botar no cafofo de madrugada pelas escadarias
420 ? : aham
421 MEDICO COORDENADOR: não é fechado
422 ? : não não é nada fechado
423 ENFERMEIRA: (passam pela recepção) daí **de noite os gatos**
424 **são pardo** todo mundo tá meio [cochilando]
425 MEDICO COORDENADOR: [tá mas olha] eu
426 não acredito
427 ? : mas eles carregaram os sofás
428 ? : os sofás os pais daqui carregaram os sofás de
429 lá porque aqui tinha muito pouco
430 (2.0)
431 MEDICO COORDENADOR: bem mas tem que avisá o pessoal da:
432 ? : eu já falei com a angélica já já já a gente
433 moveu o que tinha que mover

434 MEDICO COORDENADOR: então eu acho que essa parte aí é é e
435 continuar assim que daqui a pouco vira hábito
436 e a gente nem vai lembrar mais como era feito
437 errado=
438 ? : =que bom
439 ? : eu queria tacá fogo naquele cafofo
440 ((algumas sobreposições difíceis de
441 entender))
442 ENFERMEIRA: **eu sei que é bom pros pais ficá perto do**
443 **bebê (mas tem que mudar)**
444 MEDICO COORDENADOR: não ficá perto do bebê é tu ficá do lado da
445 incubadora quando tu cansada tu sai fica ali
446 na xx só
447 ? : tu já foi lá
448 MEDICO COORDENADOR: e::u até a porta
449 ? : eu fui aquela vez que Fulana passou mal eu
450 (adentrei) aquele recinto ((parece fazer um
452 ar de surpresa)) dá uma agonia só (de entrar)
452 MEDICO COORDENADOR: tá bom bom então esse bebê nesse sentido nós
453 temo que vê né o que que também quanto é-
454 três três dias
455 ? : [três dias]
456 ? : [três dias]
457 MEDICO COORDENADOR: um nenê grande já tá fora do [O dois xxx]
458 ? : [sim ele deve] ser
459 realmente trinta e seis pra mais porque ele
460 não [tá]=
461 MEDICO COORDENADOR: [não]
462 ? : =se tratando como trinta e quatro
463 MEDICO COORDENADOR: recuperou muito rápido, suga forte esse é um
464 nenê de trinta e seis mesmo e essa mãe assim
465 como é que tá a situação
466 (1.5)
467 MEDICO COORDENADOR: **[mãe e pai]**
468 ? : [xxx]
469 ? : [xxxx]
470 MEDICA ROTINEIRA: eu vi ontem que teve o atrito conversei com
471 ela parece que entendeu
472 MEDICO COORDENADOR: xxx
473 MEDICA ROTINEIRA: conversei a respeito do bebê ela entendeu
474 tudo bem que ela se atentou (ela olhou pra
475 mim e disse) e o pezinho dele é assim mesmo
476 xx não tem nada diferente
477 MEDICO COORDENADOR: tem cinco dedinhos
478 MEDICA ROTINEIRA: eu disse tudo certo depois de ter falado
479 conversado com ela ela só atentou ao pé mais
480 tá ele tá bem tá mamando tá aceitando a dieta
481 [mas esses exames que não saíram]
482 MEDICO COORDENADOR: [alguém sabe
483 essa história da mãe] que quê é es- ninguém
484 viu a mãe ninguém falô com a mãe
485 ? : falei com ela ontem hoje eu não a vi

486 MEDICO COORDENADOR: ah tá e o que é que ela falou xx
487 ?: em relação a::
489 MEDICO COORDENADOR: xxxx
490 ?: ela estava muito irritada ela estava muito
491 irritada ela queria era falar com a médica
492 daí eu disse quem sabe tu entra já lavô tua
493 mão lavei ((imita a paciente)) quem sabe tu
494 entra vai alí no bercinho vê teu bebê que a
495 médica tá atendendo uma outra coisa já
496 conversa- a gente já conversa contigo ela vai
497 demora muito ((imita a paciente de novo)) eu
498 disse não sei eu sei que assim que ela
499 terminá o que ela tá fazendo [ela fala
500 contigo]
501 ?: [(comigo) ela foi tranquila]
502 ?: todo mundo queria falá contigo ontem né x
503 ?: [todo (mundo)]
504 ?: [é ao mesmo tempo]
505 MÉDICA ROTINEIRA: **(eu cheguei xxx lugar) tinha dois três que**
506 eu não conhecia eu falei eu preciso lê o
507 prontuário vim aqui na sexta feira preciso lê
508 daí nisso vem todo mundo em cima
509 MEDICO COORDENADOR: uma das coisas que eu faço sempre quando eu
510 vou dá notícia principalmente com paciente
511 que não é meu né é:: primeiro perguntar pra
512 mãe o que quê ela sabe até porque pra gente
513 se situá o que quê ela tá vendo segundo
514 quando é que ela teve informação quando [qual
515 foi a última vez que ela]=
516 ?: [xxxx] ((alguém fala rindo algo
517 incompreensível))
518 MEDICO COORDENADOR: =falou
519 com alguém não eu sei só tô te dizendo e aí a
520 gente parte dali e:: porque as vezes sabe n-
521 (seu nenê aqui tá bem) e tal e (não) né uma
522 taquipnéia transitória e aí tu vai perguntar
523 mas não pois é não sei de nada é porque me
524 disseram que tem uma infecção xx quem foi
525 como é que foi e aí pá tu conduz [xxx]
526 ?: [eu pergun]tei pra elas mas elas assim acho
527 que conversaram comigo não sei quando as duas
528 incrível que foi as duas perguntei se o
529 ernani tinha conversado elas falaram que não
530 (mas se bem que quando o fulano veio ninguém
531 conversou) xxx falá alguma coisa
532 (1.0)
533 ?: [elas tavam bem]=
534 ?: [xxxx]
535 ?: =orientadas
536 MEDICO COORDENADOR: é e aí tem que vê que daqui a pouco ela tá
537 desorientada mesmo né
538 ?: mas essa foi mais receptiva do que essa a do

539 leito dois (.) [xxx xxx xx]
540 MEDICO COORDENADOR: [a minha preocupação é que elas]
541 tão desorientadas mesmo se tão fora da
542 casinha ou não né
543 ? : não mas com a aline eu consegui conversar
544 explicá e ela falei também do da daquilo que
545 aconteceu com a sogra (daí ela me falou que
546 era sogra) e falei que a gente passa
547 informações tudo ela me pareceu::
548 MEDICO COORDENADOR: é porque sempre [assim]=
549 ? : [centrada]
550 MEDICO COORDENADOR: =sempre que vem uma
551 sogra enche o saco querê notícia é porque
552 alguma coisa muito errada tá acontecendo na
553 situação [familiar]
554 ? : [na
555 família]
556 MEDICO COORDENADOR: porque senão [não acontece]=
557 ? : [ela não vinha]
558 MEDICO COORDENADOR: =isso não
559 acontece essas coisa então a gente tem que
560 sabê o que é que tá acontecendo aí (1.0) o
561 pai já apareceu
562 ? : não vi esse pai
563 ? : ontem ontem
564 ? : eu vi o pai xx
565 MEDICO COORDENADOR: porque tem aquelas coisa assim às vezes tá
566 uma relação conflituosa né do::
567 ? : não mas ele tava aí ontem
568 MEDICO COORDENADOR: acho que a gente tem que dá uma olhada nisso
569 aí até porque o bebê tá (tudo bem)[(pelo que
570 eu vi)]
571 ? : [tá tudo tranquilo]
572 MEDICO COORDENADOR: suga no seio já
573 (1.0)
574 MEDICA ROTINEIRA: ontem ele não tinha ido pro seio hoje ele foi
575 [xxxx]
576 ? : [xxx]
578 MEDICA ROTINEIRA: xxx ele tá transicionando
577 ((algumas sobreposições incompreensíveis em
579 que se discute se o bebê deve ir para o peito
580 ou não))
581 MEDICA ROTINEIRA: hoje à tarde eu não a vi ainda
582 MEDICO COORDENADOR: então agora já podemos botá a partir de agora
583 antes de ir embora tem que tá aí pra dá de
584 mamá (dá pra começá)
585 ((mais conversas sobrepostas e em volume mais
586 baixo))
587 MEDICO COORDENADOR: porque a tendência é assim não vem né depois
588 vem vai embora e aí (sai) e agora e agora tu
589 vai dá o seio ah não sei nem como é que é
590 isso xx primeiro filho (.) mas não tem aí um

591	leitinho pra dá né (uma fórmula mágica)
592	(2.0)
593	MEDICO COORDENADOR: tá bem então vamo adiante=

Como é recorrente nos *rounds*, cabe ao médico coordenador indicar a mudança de tópico quanto à discussão do caso clínico do paciente; ele se instancia, nesse recorte, por meio da forma “vamos” que sinaliza para a equipe passar para o próximo paciente; em geral ele se inscreve no discurso dessa maneira. Na sequência, a médica rotineira instaura-se como locutor para fazer o relato da condição clínica do paciente. Nesse relato, há um predomínio das formas verbais no passado para indicar a evolução clínica do paciente. Percebe-se, também, a instanciação do locutor como “a gente” para indicar os procedimentos realizados pela equipe, somente há menção específica ao nome de alguém quando é relatada a decisão do médico (o nome foi omitido) em relação à conduta realizada. Esse movimento de particularizar a ação do médico parece revelar o atravessamento do *corpo-si* e a intervenção do ausente (o ELE), que aponta para a cultura médica, ou seja, parece reforçar aquilo que é de competência de atuação da esfera médica.

Na linha 193, o médico coordenador faz uma intervenção e muda o tema do diálogo, ele convoca a equipe para tratar da questão em torno do equipamento “bilicheck”. Ele utiliza o mesmo recurso já apontado na análise do recorte 1 “eu não sei se vocês sabem já viram” para se instanciar diante da equipe e criar a referência que, neste caso, parece ser explicar para a equipe que é necessário revisar a calibragem do equipamento. Nesse momento da interação, o locutor age sobre o interlocutor para ensinar como fazer esse processo, provavelmente com o propósito de qualificar a equipe, em outras palavras, parece que os saberes advindos da experiência, aqueles do polo dos saberes instituídos, agem nessa interação. Há um desvio do tema foco do *round* para um momento de aprendizagem, de orientação. Parece que a enfermeira não concorda com essa orientação do gestor, pois informa que o aparelho acabou de chegar do conserto e que, como se espera, deveria estar calibrado, funcionando bem; no entanto, ela não se posiciona de forma categórica, mesmo parecendo saber que não é de sua responsabilidade fazer a calibragem dos equipamentos, ela acata a intervenção do gestor muito provavelmente porque ele o faz de forma partilhada com a equipe “eu não sei se vocês já viram...” (linha 197), isto é, ele se coloca de forma a querer compartilhar seus saberes com o grupo, valorizando o trabalho coletivo e assumindo uma posição de único detentor do saber.

Após essa digressão, o foco do *round* volta-se para o caso clínico do paciente e a questão envolvendo a família é trazida. A médica rotineira indica o impasse ocorrido com a sogra e o qualifica como “problema”, reportando que a vó do paciente teve um “surto”, muito provavelmente porque não teve acesso à informação. O arranjo sintagmático construído pelo locutor médica rotineira revela essa compreensão ao se colocar no lugar da avó do paciente “surto aí porque ela queria informações porque ninguém conversa... daí se põe no lugar dela”. Essa fala da médica rotineira mostra a intervenção do *corpo-si* na atividade, os valores da médica vêm à tona, isso é singular, ela fez o movimento de colocar-se no lugar da avó e conclui que, se fosse ela quem estivesse naquela situação, talvez também agisse daquela forma. Ela justifica a conduta da avó mobilizando suas crenças em detrimento da cultura social que aponta para o surto como um desequilíbrio psíquico.

Nesse momento, o médico coordenador instancia-se como eu, ele afirma “eu acho que elas têm que explicar pra ela que tem o horário...” (linha 232) , ou seja, ele apresenta a sua opinião sobre o que fazer para lidar com a situação, mas o faz de forma modalizada “eu acho”, convocando a equipe para construir em conjunto uma solução para o problema, como foi referido pela médica rotineira ao trazer o tema para a interação. Como resultado desse instanciamento do locutor, há uma longa discussão sobre a restrição das visitas imposta pelo Comitê de Controle de Infecção⁸⁰ e as consequências que a redução do número de leitos trouxe para o trabalho da equipe. Em relação a essas questões, a enfermeira pergunta, na linha 275, se é possível liberar a visita dos avós.

O médico coordenador ocupa, então, o lugar do tu que a interrogação cria e se instancia no discurso por meio da forma “eu acho que sim” e, mais uma vez, utiliza um modalizador epistêmico de probabilidade que instaura o falante como alguém que não tem certeza sobre o conteúdo do seu enunciado, criando um espaço para dúvida e relativização. A enfermeira parece reconhecer essa lacuna e intervém valendo-se do arranjo sintagmático organizado a partir do articulador “mas” que sinaliza para uma direção contrária em relação ao que foi dito previamente. Em outras palavras, como há dúvidas em relação à liberação ou não das visitas, ela sinaliza que, do seu ponto de vista, a liberação não pode ser para todos, isso está expresso na sequência “mas a gente mantém a restrição de que a gente tava mantendo do resto”. (linha 278)

⁸⁰ No *Simpósio de Terapia Intensiva Visitas familiares na UTI: qual a melhor estratégia?*, evento realizado em em 15/11/2014, foi tratado sobre o impacto que a visita dos familiares traz para a saúde do paciente. No caso dos bebês internados na UTI Neonatal, os pais têm o direito à visita garantido por lei.

Nesse diálogo, parece intervir o *corpo-si* para mobilizar uma renormalização. Expliquemos melhor: faz farte das normas antecedentes respeitar as orientações do Comitê de Infecção que fecha uma UTI quando há risco de contaminação dos pacientes; no entanto, os valores e as crenças da equipe revelam a preocupação com o cuidado integral do bebê (a visita dos pais faz parte da Política de Humanização do Hospital, assim como a realização do chamado canguru já explicitado no relato do nosso período de observação); dessa forma, eles decidem por estender à visita aos avós para, dessa forma, criar uma relação de parceria com a família, fato que pode refletir positivamente na evolução do bebê e no trabalho da equipe. Na verdade, percebe-se que não há uma redução do processo saúde-doença aos seus aspectos biológicos, pelo contrário, há uma construção da equipe que aponta para a valorização da importância dos aspectos psíquicos e sociais, resultado de em uma noção ampliada de saúde, conforme preconizam as políticas públicas que orientam o funcionamento do SUS. Dessa forma, há um deslocamento da prática médica centrada no cuidado biológico do corpo, na dimensão anatomofisiológica para uma prática médica que alcance a singularidade do paciente e respeite a sua subjetividade.

Na sequência, a enfermeira, ao descrever como se comporta em relação ao controle das visitas, utiliza a expressão “eu tô sendo bem pitbull” (linhas 288 e 289) para indicar como ela vê a sua experiência de chamar a atenção dos profissionais da saúde que circulam na UTI e que não cumprem os procedimentos relativos à higiene e ao controle de infecções. Segue um relato sobre as situações que ocorreram e o médico coordenador, mesmo instanciando-se como parte da equipe “vamos botar”, linha 294, indica que deve ser feito um cartaz para melhorar o processo. Nesse momento, através da intervenção do *corpo-si*, o ausente (ELE) parece se fazer presente na produção de sentidos, à medida em que menção a valores do universo de crenças culturais, como “o exemplo a gente traz de casa”, linha 304, aflora nessa interação.

Percebe-se, também, nesse momento da interação, que o ele construído pelos interlocutores não tem como foco o paciente, na verdade, são questões administrativas, procedimentais que impactam no trabalho da equipe e que refletem, de forma indireta, no espírito anímico do grupo por dizerem respeito às condições de trabalho e por refletirem no cuidado dado pela equipe ao paciente. A seguir, uma nova questão é trazida para discussão: a instalação de uma porta para auxiliar o controle da entrada e saída de pessoas da UTI. Esse novo tópico é sugerido pela enfermeira que, por meio de um arranjo particular introduzido pelo conector “mas”, linha

326, solicita ao médico coordenador que ele faça uma intervenção junto à chefia para resolver o problema da porta.

Como consequência da inserção desse tema, há uma longa digressão sobre os mecanismos que poderiam ser utilizados para auxiliar o controle das pessoas que circulam na UTI, fala-se da instalação da porta, da campainha, de uma câmara de vídeo para tornar mais seguro o acesso e o ambiente da UTI. Vários exemplos de situações são discutidos para ilustrar a necessidade da instalação de um mecanismo de segurança e de medidas de controle que facilitem o trabalho na UTI e restrinjam a circulação de profissionais da saúde (de novo há menção aos doutorandos que não respeitam os procedimentos) que não atendem às normas da UTI. Entre esses vários exemplos, destacamos a menção ao comportamento dos pais que ficam no alojamento destinado para eles e que, à noite, como (todos os gatos são pardos, linhas 424) movimentam os móveis do hospital, porque não há qualquer tipo de controle. Nessa reflexão, a enfermeira afirma que, embora saiba da importância de os pais ficarem próximos do bebê, ela gostaria que o alojamento não existisse. Essa fala parece revelar um conflito entre os valores culturais, os saberes constituídos e as crenças que podem apontar na direção da ausência representada no campo da presença, o ELE relativo à cultura, ao atravessamento do outro, resultado da relação triádica eu-tu-ele.

Como de costume, na linha 468, o médico coordenador faz o movimento de trazer o grupo para as discussões em torno do caso do bebê, perguntado para a equipe sobre a situação da família (pai, mãe). Na sequência da interação, a médica rotineira, na linha 506, apresenta uma queixa sobre o trabalho, instancia-se como “eu” para indicar as dificuldades enfrentadas por ela ao ter que atender vários pais e informar sobre a situação dos bebês. O médico coordenador faz uma intervenção e relata como ele costuma fazer; organiza a sua fala instanciando-se como “eu” o que caracteriza um relato singular com o propósito de partilhar com o grupo os saberes da experiência a fim de fortalecer a equipe e qualificar o trabalho. Nesse momento do round, o médico coordenador lança mão de várias experiências de sua prática profissional para atuar como um formador da equipe, ocupa esse lugar e marca a sua competência ao fazer generalizações sobre algumas condutas. Como exemplo disso, trazemos o enunciado da linha 551, em que o médico assevera que, quando um familiar, no caso a sogra, insiste em pedir informações é porque algo não está bem na família e que a equipe precisa ficar atenta para isso, deve buscar saber o que

acontece, até para poder preparar a alta do bebê e se certificar se a família tem condições ou não de cuidar da criança.

Essa intervenção do médico coordenador pode sinalizar para uma visão ampliada de saúde, que não só assume o compromisso com o atendimento integral da criança, mas também tem por finalidade intervir junto à família para que a criança seja bem cuidada. Na verdade, parece que, no caso dessas crianças internadas na UTI que estão em situação de risco, o atendimento ultrapassa os limites dos muros do hospital e chega ao cotidiano das famílias, por isso a assistência social do hospital é, frequentemente, convocada. De fato, se a criança que recebe alta de uma UTI Neonatal não será bem cuidada em casa, parece-nos, muito provavelmente, que ela vá voltar a ser internada, poderá apresentar algum tipo de complicação e ter seu desenvolvimento e sua saúde comprometidos.

Esse cuidado em saúde e atenção que ultrapassa o cuidado do corpo reflete-se, também, na forma como em todos os *rounds* é, recorrentemente, tratada a questão da amamentação. Nesse *round*, o tema da amamentação é o último a ser comentado no que diz respeito ao recém-nascido de Aline, há uma construção coletiva que mobiliza os saberes das especialidades para definir que o bebê deve mamar no seio.

Para finalizar a análise desse excerto, é preciso ainda comentar que buscamos mostrar de que forma o *ele* é construído nessa relação triádica, sendo esse o motivo que nos levou a recortar todo o diálogo relativo a um paciente. Nessa interação, foi possível perceber que, embora vários outros temas que dizem respeito a questões operacionais foram discutidos por toda a equipe e que o médico coordenador sempre foi sensível em abrir espaço para que a equipe apresentasse o seu ponto de vista a respeito da situação, ou seja, o foco central é tudo que possa interferir na saúde e no cuidado do paciente.

O exame realizado das interações realizadas revelam que, no *round*, a relação triádica entre eu tu e ele resulta em um arranjo sintagmático singular que aponta a construção do *ele* por meio de diferentes temas: estado clínico do paciente; condição dos equipamentos; visitas dos familiares; participação da família no cuidado; questões culturais diversas; procedimentos operacionais quanto ao controle de infecção; alojamento dos pais; além de diversas queixas sobre o funcionamento dos processos de gestão e de assistência à família.

Nesse sentido, esse *round* configura-se como um espaço em que os trabalhadores parecem mobilizar os saberes, as crenças e os valores que emergem pela intervenção do corpo-si. Na

verdade, trata-se de uma prática de trabalho coletivo que não se centra na figura do médico como detentor do saber; pelo contrário, envolve os trabalhadores em uma lógica de construção de conhecimentos, de compromisso coletivo, em renormalizações que apontam para uma equipe que trabalha coesa, confiante e, por que não dizer, de forma harmônica. Parece que isso se deve ao fato de o médico coordenador instaurar-se como um locutor que convoca o tu equipe para ajudar a gerir o trabalho.

A ergologia nos mostra, de diversas maneiras, que o trabalhador sempre será convocado a lidar com o inesperado e que isso pode provocar sofrimento; no entanto, no caso das reuniões observadas, as dificuldades são tratadas e geridas pelo grupo, respeitando-se a contribuição das diferentes perspectivas que os saberes específicos mobilizam e os valores culturais que aparecem no campo da presença e que estão vinculados a um outro domínio, imaterial, nem sempre possível de ser representado.

Parece-nos que o que sustenta essa partilha, essa construção coletiva do *round* que se configura como uma prática de trabalho coletivo não restrita apenas a informar sobre o caso clínico do paciente, é a noção de saúde que emerge na atividade de trabalho da equipe. As interações apontam para uma visão ampliada de saúde que coloca em um intenso debate os saberes constituídos da área médica com os saberes investidos da experiência e com os saberes culturais e sociais que advém com a intervenção do *corpo-si*, orientando-se para uma prática de cuidado que ultrapassa os domínios do corpo dado e alcança a subjetividade do paciente.

À guisa de concluir, indicamos que o *round* observado é um momento de encontro da equipe que, talvez, muito antes de analisar a condição clínica do paciente para definir uma conduta, serve para produzir relações de confiança, de comprometimento, que mostram a singularidade do trabalho quando o trabalhador lida constantemente com a *trama* – o visível e interpretável do trabalho – e com a *urdidura* que a dimensão humana instaura. Essa urdidura é o enigma que representa aquilo que é próprio da atividade humana e que é ressingularizado na efervescência da atividade e que nem sempre é possível determinar. Dessa forma, entendemos que os três recortes analisados, a partir do que propusemos no dispositivo, cumprem a função destinada a ele: produzir saberes sobre encontros humanos na atividade de trabalho. Esperamos que, mesmo que de forma parcial, a análise tenha mostrado que, nesses encontros multiptofissionais, a conjunção de saberes das especialidades se organizam em prol do cuidado

do paciente, pautando-se por uma visão ampliada de saúde, conforme preconizam a PNH e determinam as diretrizes que orientam o SUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na jornada que empreendemos para realizar esta tese, realizamos uma incursão por diferentes caminhos e recorreremos ao arcabouço teórico de dois campos de estudo - a teoria da enunciação de Émile Benveniste e a ergologia de Yves Schwartz - com o propósito de construir um dispositivo teórico-metodológico que permitisse operacionalizar uma análise enunciativa que apresentasse uma contribuição para o campo social. Inicialmente, faz-se necessário pôr em relevo que a análise realizada representa apenas um dos olhares possíveis sobre a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em uma UTI-Neonatal de um hospital público; muitos outros podem ser construídos.

Muitos estudiosos da ergologia já trouxeram contribuições significativas para os estudos que tomam como objeto a *atividade de trabalho*; assim como a atual produção de estudos com base na *re-leitura* da teoria de Benveniste já evidenciou formas de ampliar o alcance da teoria do autor, ultrapassando a análise intralinguística e estendendo-a na direção do exame das *formas complexas do discurso*. Embora não seja incipiente a interlocução da linguística com a ergologia, há uma carência de estudos que articulem a teoria de Benveniste com a Ergologia. Essa lacuna o presente trabalho teve por finalidade contribuir para preencher, mesmo que parcialmente.

Ao elegermos como tema a atividade de trabalho de trabalhadores da área da saúde de uma equipe multiprofissional que atua em UTI Neonatal de um hospital público e o *round* como objeto de observação, propomo-nos a trazer uma contribuição, mesmo que tímida, para o campo da saúde. Para que fosse possível apresentar essa contribuição, foi necessário delinear um dos objetivos propostos neste estudo: desenvolver, com base na teoria enunciativa de vertente benvenistiana e na ergologia de Yves Schwartz, a construção de um dispositivo teórico-metodológico que articulasse a concepção de linguagem com a noção de *corpo-si* para produzir saberes sobre a atividade de trabalho e, dessa forma, nos levasse a compreender a atividade de trabalho desses profissionais.

Para a concretização desse empreendimento, optamos por uma trajetória singular. Iniciamos os nossos estudos com a discussão da abordagem epistemológica que sustenta a tese. Propomos uma abordagem inter e transdisciplinar para esta investigação, ao estabelecermos um

diálogo entre os conceitos de dois campos teóricos, convocando-os em uma relação de implicação para examinarmos um objeto que, conforme Schwartz, está em aderência com a história e com a vida vivida por tratar da dimensão humana em que o debate de normas sempre está presente.

Na sequência, embrenhamo-nos no pensamento inacabado do linguista sírio Émile Benveniste para apresentar a nossa *re-leitura* do que hoje se chama de teoria da enunciação benvenistiana e sustentar a construção do dispositivo, uma vez que a opção de estar com Benveniste representa um convite para pensar a linguagem. Nessa leitura singular, apresentada no capítulo 3 desta tese, selecionamos os aspectos de uma concepção enunciativa de linguagem que, no primeiro momento, nos conduziram da perspectiva indicial à abertura para a inscrição da experiência humana na linguagem.

Para iniciar essa viagem pela teoria do autor, discutimos a distinção entre pessoa e não-pessoa a fim de compreender que o par eu-tu inscrevem-se na realidade do discurso, são formas vazias que se plenificam na enunciação, marcam a natureza relacional da linguagem e instauram a experiência humana nas *formas complexas do discurso*. Na sequência, focamos a nossa atenção na questão do sentido – a cabeça de Medusa -, e a nossa leitura teve por finalidade mostrar o caminho do domínio do semiótico/semântico para alcançar a metassemântica, projeto anunciado por Benveniste em um de seus últimos textos como uma semiologia de segunda geração.

Nessa direção, vale sublinhar que Benveniste encerra a sua última aula no Collège de France com a seguinte afirmação: “ Na realidade, o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de transformações) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes, etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão” (BENVENISTE, 2014, p. 194).

Para alcançarmos o objetivo de construir o dispositivo, recorreremos à noção de atividade de trabalho cunhada pela abordagem ergológica, cuja leitura é apresentada no capítulo 4 desta tese. A exposição dos principais conceitos que orientam a Ergologia foi feita de forma cronológica, partindo-se dos estudos da Ergonomia da atividade, que desenvolveu o conceito de trabalho prescrito e real. Também foram tratados os conceitos de norma e renormalização, os quais sustentam a concepção de que trabalhar é um devir, compreende uma *dramática de usos de si, uso de si por si e uso de si pelo outro*, envolve um debate de valores e de normas antecedentes

e de renormalizações decorrentes do investimento do *corpo-si* na atividade.

Ressaltamos que, com base no exame dos conceitos dos dois campos teóricos convocados neste estudo, construímos o dispositivo teórico-metodológico, cujo propósito é produzir saberes sobre a atividade de trabalho de profissionais de saúde de uma equipe multidisciplinar que atua em UTI Neonatal de um hospital público. No dispositivo, articulamos a visão antropológica de linguagem da teoria de Benveniste, a dimensão relacional que a noção de enunciação comporta e a noção de cultura como alteridade que intervém na enunciação com a noção de *corpo-si* da ergologia. Como resultado, o dispositivo é um construto que se articula pelas relações diádicas e triádicas estabelecidas entre os três polos que o constituem, capaz de mostrar, conforme demonstrado na análise, de que forma os saberes das diferentes especialidades se organizam no *round* em prol do cuidado do paciente.

Para a construção do dispositivo, apresentado no capítulo 5 desta tese, intitulado *Atando os nós: o dispositivo teórico metodológico para produzir saberes sobre encontros humanos*, recorreremos à visão trinitária da linguagem desenvolvida pelo filósofo Dany Robert Dufour e inspiramo-nos no dispositivo enunciativo (eu-tu-ele) – ELE para aquisição da linguagem desenvolvido por Silva (2009) e no dispositivo dinâmico a três polos cunhado pela ergologia de Yves Schwartz.

Após descrevermos a constituição e o funcionamento do dispositivo, experimentamos, no capítulo 6, intitulado *Mise en scène do dispositivo*, colocar o dispositivo em funcionamento por meio de uma análise que teve por propósito ilustrar o funcionamento do dispositivo e mostrar como os saberes das diferentes especialidades se organizam no *round* em prol da saúde do paciente. A nossa análise, que contempla o relato do período de observação e o exame dos recortes selecionados pelo pesquisador analista, mostra que o *round* configura-se como uma prática de trabalho coletivo em que todos os saberes intervêm na tomada de decisões sobre os procedimentos; além disso, é uma reunião de trabalho destinada à escuta das dificuldades e dos entraves que emergem na atividade em função do atravessamento do *corpo-si*; funcionando, dessa forma, como um mecanismo que estabiliza a equipe, favorece o diálogo, o envolvimento da grupo e serve, também, para dividir responsabilidades e criar laços de confiança.

Para finalizar, desejamos que esta tese tenha, de alguma forma, tenha contribuído para mostrar: a produtividade da Teoria da Enunciação de Emile Benveniste em investigações de natureza inter/transdisciplinar; o debate de normas e de valores investidos na atividade de

trabalho de equipes multiprofissionais; a metassemântica como uma forma de empreender a análise das formas complexas do discurso, mesmo que sempre parcial em função da implicação do pesquisador-analista. Também esperamos ter contribuído com a compreensão singular do que acontece na atividade de trabalho de profissionais da saúde; uma vez que a noção de saúde e de cuidado está atrelada a valores culturais, individuais que nem sempre podem ser identificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo : Boitempo, 2008

_____. O que é um dispositivo. In: _____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC : Argos, 2009. p. 25-51.

AGUIRRE ROJAS, C. A. **Fernand Braudel e as ciências humanas** [livro eletrônico] Tradução de Jurandir Malerba. – Londrina : Eduel, 2013. 1 Livro digital : Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php>

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARESI, F. **Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de O aparelho formal da enunciação**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Orientação: Valdir do Nascimento Flores.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: a não-coincidência do dizer. Campinas : Editora da Unicamp, 1998.

BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 179-183.

BELLIÈS, Laurence. Ergonomie et ergologie: le apports reciproques. **Ergologie**. Marseille. Nr. 9. Mai 2013. p. 133-163.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1988a. p. 247-259.

_____. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988b. p. 277-283.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988c. p. 284-293.

_____. As relações de tempo no verbo francês. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988d. p. 260-276.

_____. Os níveis da análise linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1988e. p. 127-140.

_____. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1988f. p. 19-33.

_____. Comunicação Animal e Linguagem Humana. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1988g. p. 60-67.

_____. Tendências recentes em linguística geral. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1988h. p. 3-18.

_____. Estruturalismo e linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 11-28.

_____. A linguagem e a experiência humana. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989a. p. 68-80.

_____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989b. p. 220-242.

_____. Esta linguagem que faz história. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989c. p. 29-40.

_____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989d. p. 93-104.

_____. Semiologia da língua. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989e. p. 43-80

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989f. p. 81-90.

_____. Estruturalismo e linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989g. p. 11-28.

BRASIL. Constituição Federal da República. Brasília: Governo Federal, 1988.

_____. Ministério da Saúde. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986. (Anais Relatório da VIII Conferência Nacional da Saúde). Disponível em: <
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1124> Acesso em 15/03/13.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Saúde. **Documento Base**. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BERNÁRDEZ, E. Teoria y epistemologia del texto.

BRESSAN, N. T. W. O deserto de uma metassemântica esconde tamareiras em flor: o legado translinguístico de Émile Benveniste. Tese de Doutorado. UFRGS, 2010.

BRUNET, É. MAHRER, R. **Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de Linguistique Générale**. Belgique: L'Harmattan Academia, 2011.

BORGES, Maria Elisa Siqueira. Trabalho e gestão de si –para além dos “recursos humanos”. São Paulo : **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. V. 7. dez. 2004.

BORGES NETO, J. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Coleção Linguagem).

BORGES, Paulo R. S. A pessoalização do pronome *a gente* sob a perspectiva da teoria da enunciação de Émile Benveniste, **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 39, n. 4, p. 163-172, dezembro de 2004.

BOUTET, J. **Construire le sens**. Bern: Peter Lang, 1994.

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a medicina**. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro : Forense Universitária. 2005.

_____. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 7. Ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária. 2012.

CAPOANI, S. Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud. **História, Ciências e Saúde-Manguinhos** [online]. Vol 4, nr 2, jul-out 1997. P. 287-307. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701997000200006>

CAPT, Vincent. **Poétique des écrits bruts**. Limoges: éditions Lambert-Lucas, 2013. p. 77-100.

CARDOSO, Cíntia Garcia; HENNINGTON, Élide Azevedo. Trabalho em equipe e reuniões multiprofissionais de saúde: uma construção à espera pelos sujeitos da mudança. **Trab. educ. saúde (Online)** [online]. 2011, vol.9, suppl.1, p 85-112. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400005>

CUNHA, D. M. (org.) **Trabalho: Minas de saberes e valores**. Belo Horizonte : NETE/Fae/UFMG, 2007.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: In Press, 2006. p. 97-113.

DUFOUR, D. R. **Os mistérios da trindade**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

DURRIVE, L; SCHWARTZ, Y. Glossário de Ergologia. **Laboreal: revisões temáticas**. Vol IV, nr. 1; 2008 p. 23-28.

_____. Qu'est-ce que vous voulez dire par “démarche ergologique”? **Ergologie**. Marseille. Nr. 9. Mai 2013. p. 207-209.

_____. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital : esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, 2011, p. 47-67

DURRAFOURG, J. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In: SCHARTZ, Y; DURRIVE, L.(orgs.) **Trabalho & ergologia : conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói : Editora da Universidade Federal Fluminense. Seção1. 2007. p. 47-82. Entrevista concedida à Marcelle Duc.

FLORES, V. N. et. al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Semântica da enunciação. In: FERRAREZI, J.; BASSO, R(orgs.) In: Semântica, semânticas: uma introdução. São Paulo : Contexto, 2013b. p. 89-104.

_____. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. **DELTA** [online]. 2013a v. 29, nr. 1, p. 95-120. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 22/11/2013.

_____. Notas para uma (re) leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, M; FLORES, V.N. (orgs.). **O sentido na linguagem**: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.149-165.

_____. A enunciação e os níveis de análise linguística. **Organon**, Porto Alegre, n. 46, janeiro-junho, 2009, p. 177-190.

_____; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto. 2005.

FIGUEIREDO, M. et al. (orgs.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. In: **Alea** [online]. 2008, vol.10, n.1, p. 29-53. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>>

GOMES JÚNIOR, A.B. **O uso de si e o sintoma com o trabalho**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte : Faculdade de Educação da UFMG. Orientação Daisy Moreira Cunha. Co-tutela: Yves Schwartz. 2013.

HELLER, M.; BOUTET, J. Vers de nouvelles formes de pouvoir langagier ? Langue(s) et identité dans la nouvelle économie. □ **Langage et société**, 2006/4 n° 118, p. 5-16. Disponível em: < <http://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2006-4-page-5.htm>> Acesso em: 18/10/13

HENNINGTON, E.A. Contribuições da ergologia para refletir sobre a gestão dos processos de trabalho e a humanização em saúde. **1º Simpósio sobre Condições de Saúde e Trabalho no Setor Saúde**. Belo Horizonte, nov. de 2007. http://www.saude.mg.gov.br/politicas_de_saude/humaniza/material-arquivo/material-de-apoio/Contribuicoes_da_ergologia%20processo%20de%20trabalho%20PNH.pdf

LAPLANTINE, C. **Émile Benveniste, l'inconscient et le poème**. Paris: Limoges. 2011.

MATTOSO CAMARA JR, J. **História da Linguística**. Tradução de Maria Amparo Barbosa de Azevedo. 6. Ed. Petrópolis : Vozes. 1975.

MELLO, V. H. D. **A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto**. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme**: anthropologie historique du langage. Lagrasse, Éditions Verdier, (Verdier poche), [1982] 2009, 713 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel. Disponível em:<
<http://ruipaz.pro.br/textos/cienciacomconsciencia.pdf>> Acesso em 6/7/14

MUNIZ, H. et al. Os ingredientes da competência na gestão da assistência em uma enfermagem hospitalar. In: FIGUEIREDO, M. et al. (orgs.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p. 322-344.

NORONHA, J. C.; LIMA, L. D; MACHADO, C. V. O Sistema único de Saúde – SuS. In: GIOVANELLA, Lígia et al. (org.). **Políticas e sistema de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 435-472.

NORMAND, C. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009.
<http://revistaseletronicas.puers.br/ojs/index.php/fale/issue/view/383>

NUNES, P.A. **A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa**. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. Por uma linguística aplicada mais inclusiva. **Calidoscópio**. São Leopoldo, vol. 7, n. 2, p. 93-96, mai/ago 2009.

ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007. Tradução de Daniel Costa da Silva.p. 15-57.

PAIM, J et. al. Saúde no Brasil 1: O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. **The Lancet**. [online] 9-mai-2011. Disponível em:
<<http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor1.pdf> >

PASCHE, DF; PASSOS, E; HENNINGTON, EA. Cinco anos da política nacional de humanização: trajetória de uma política pública. **Ciência e saúde coletiva**. vol.16 no.11 Rio de Janeiro nov. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n11/a27v16n11.pdf>> .

SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. Práticas discursivas delimitadoras de conteúdos: estudo de ementas da formação profissional de professor de línguas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 317-325, jul.-set. 2014

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto : Edições Afrontamento. 2002.

SAUSSURE. **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. Cultrix : São Paulo. 2004.

SCHWARTZ, Yves. Une science du sujet singulier: est-elle possible? In : _____. **Travail et philosophie: convocations mutuelles**. Tradução de Daniel Costa da Silva. Toulouse: Octares. 1992. p. 217-236.

_____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Tradução de Eloisa Helena Santos e Daisy Moreira Cunha. **Trabalho e Educação**. Revista do NETE/UFMG. Belo Horizonte, jul-dez, 2000, nr. 07.

_____. Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica Paideia e Politeia. **Pro-Posições** Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação - Unicamp .Campinas. vol. 13. N1 (37) Jan/Abr. 2002.

_____ ; DURRIVE, L.(orgs.) **Trabalho & ergologia : conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói : Editora da Universidade Federal Fluminense. 2007.

_____. Trabalho e ergologia. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, seção 1. 2007a. p. 25-46. Entrevista concedida a Louis Durrive.

_____. A trama e a urdidura. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, seção 2. 2007b. p. 103-109.

_____. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, seção 3. 2007c. p. 133-150. Entrevista concedida a Marcelle Duc e Louis Durrive.

_____. Uso de si e competência. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (orgs.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, seção 4. 2007d. p. 207-223.

_____. Manifesto por um engajamento. In: BENDASSOLLI, Pedro; SOBOLL, L. A. P. (orgs.) **Clínicas do trabalho**. Tradução de Denise Alvarez e Maristela França. Revisão de Milton Athayde. São Paulo : Atlas. 2011. p. 132-166.

_____. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. Tradução de Adail Sobral. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul.-set. 2014

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 17(1). p. 29-41, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SOMMER, B. **Do testemunho de uma experiência na linguagem para uma reflexão enunciativa sobre o fazer linguístico implicado em aprender e ensinar português como língua adicional**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez. Quais as contribuições da linguística aplicada para a análise do trabalho. In: FIGUEIREDO, M. et al. (orgs.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p. 188-213.

TELLES, Ana Luiza; ALVAREZ, Denise. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGUEIREDO, M. et al. (orgs.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p. 188-213.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**. Passo Fundo, v. 8 - n. 1.- jan./jun. 2012a. p. 71-83

_____. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, M. G; BARBISAN, L. B. (orgs.) **Enunciação e discurso**. São Paulo : Contexto. 2012b. p.63-74.

_____. O ato enunciativo e a instauração da experiência de trabalho de profissionais de enfermagem. Revista **Moara**, n.38, jul.-dez., 2012c, p. 37-53.

_____. **Por onde o estudo da linguagem encontra a experiência humana**. VII Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa. Mesa redonda Desafios contemporâneos da pesquisa em Letras. PUCRS. 2014.

_____. **Por onde a teoria enunciativa da linguagem de Émile Benveniste encontra a experiência humana**. IX Congresso Internacional da ABRALIN. Mesa redonda: Relações constitutivas entre homem e linguagem: os gestos epistemológicos de E. Benveniste e de M. Bakhtin e do Círculo Belém. 2015

_____. A abertura do campo da enunciação ao diálogo interdisciplinar. In: MATZENAUER, C. L. B. (org.). **Estudos da linguagem**: VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 105-115.

_____; CABRAL, E. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. **Educação Unisinos**. Vol. 13, nr. 3, set. dez. 2009

_____; MELLO, V. H. D. De. O aposto como marca de intersubjetividade: uma análise enunciativa. **Letras & Letras**. Universidade Federal de Uberlândia, 2013. Disponível em: <http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/viewarticle.php?id=902>> Acesso em 22/11/2013.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 93-110, ago. 2010.

_____ Conferência realizada no Palestra realizada no I Seminário Aberto sobre Atividade de Trabalho: uma perspectiva ergológica, PUC, 11-mar-2013.

ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
Texto	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas
XXXX	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
@ @ @ @ @	Risos
.hhh	Respiração audível